Na página central: «O TURISMO É UMA MERCADORIA?», por JOÃO MEDINA

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 14 DE NOVEMBRO DE 1968 N.º 16 490 ANO 48.º UM ESCUDO

ESPECTACULAR SORTEIO DE 20 AUTOMÓVEIS OPEL

Concurso PHILIPS

TRIUNFO DA TÉCNICA

A "Zond 6" deu a volta à Lua

TAL COMO A «ZOND 5»

MANCHESTER, 14 — (R.) — A sonda espacial soviética «Zond 6» passou às primeiras horas desta manhã em redor da Lua e julga-se que esteja de regresso à Terra — informou hoje o Observatório de Jodrell Bank.

O observatório registou os movimentos da nave espacial quando esta se aproximou o mais possível da Lua, a uma distância entre 1600 a 3200 quilómetros. (Pág. 16).

A equipa da «Apolo 10», que será lançada, segundo se espera, em Maio, para um voo circunlunar: Eugene Cernan, John Youn e Thomas Stafford. (Telefoto especial para o «Diário de Lisboa»)

O PORTO SOB VENTO CICLÓNICO

PORTO, 14 — Depois de alguns dias de chuva intensa, que, de certo modo, se mantém, surge o vento em rajadas ciclónicas. A mais violenta registada esta manhã, ás 11 e 33, foi de 112 quilómetros horários, rumo SSE.

O navio búlgaro «Varna», encalhado no Cabedelo, tem sido muito sacudido para qualquer dos lados. De manhã, foi impossível a ida para bordo dos tripulantes.

O ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha Ocidental, Willy Brandt, e o secretário de Estado norte-americano, Dean Rusk, durante uma conferência realizada ontem em Bruxelas. (Telefoto especial para o «Diário de Lisboa»)

OS E. U. A. VÃO PEDIR MAIS SACRIFÍCIOS AOS ALIADOS EUROPEUS

BRUXELAS, 14 — (A. N. I.) — Os Estados Unidos vão exigir dos seus aliados da O. T. A. N. um mais largo contributo para a defesa da Europa, na conferência ministerial da Aliança Atlântica que hoje se inicia em Bruxelas — anuncia-se em círculos fidedignos.

Clark Clifford, secretário norte-americano da Defesa, tenciona avisar os aliados europeus de que os Estados Unidos não pensam aumentar consideràvelmente o seu contributo para a defesa do velho continente, caso os restantes países signatários do Tratado do Atlântico Norte não façam o mesmo — sublinha-se nos mesmos círculos.

Os Estados Unidos mostram-se particularmente insatisfeitos com o poderio militar da Alemanha Federal, que dispõe de 60 mil homens em armas, e não de 508 mil, como estava previsto.

HOJE 36 PÁGINAS

VISADO PELA CENSURA

JOVENS MÉDICOS EM MESA REDONDA

Sete anos de Universidade para tirar um curso que é o mais dispendioso entre todos os do nosso esquema de Ensino Superior criam no jovem médico uma expectativa que não chega a concretizar-se como ele desejaria. Foi sobre problemas dessa ordem que cinco recém-licenciados falaram ao «Diário de Lisboa». Da esquerda para a direita: a dr.ª Paula Conceição e os drs. Henrique Vicente da Cruz, Aguinaldo Cabral, Lacerda Forjaz e Carlos Gargaté. (Ler pág. 2)

Edição da noite

PROBLEMAS DA MEDICINA JOVEM 1

Os recém-licenciados de 1968 socorrem-se de expedientes, enquanto não é aberto o concurso para o internato

CINCO JOVENS MÉDICOS, todos eles estagiários em 1967-1968 e agora a prestar serviço (voluntário) no Hospital de Santa Maria, reuniram-se numa das salas do «Diário de Lisboa» para expor os seus problemas genéricos, que são vários e de solução pouco menos que inadiável.

A mesa-redonda, chamemos-lhe assim, prolongou-se durante bastante tempo. É que os jovens médicos tinham muito a dizer. Disseram-no, lògicamente, com o objectivo preciso de alertar os espíritos atentos para a sua situação. Da longa conversa há a referir que não forçou qualquer nota demagógica, antes se processou em termos elevados, inteligentes e cheios de um espírito de colaboração que cumpre sublinhar.

Tudo começou quando um dos jovens médicos se deu a esta «blague» aparente:

— Médicos na nossa situação têm que viver de expedientes.

E não era «blague». Nada do que eles afirmaram se presta à mínima graça.

Quatro homens e uma senhora

Entre o grupo estava uma rapariga, Paula Valente da Conceição. Natural do Porto, tem 26 anos e é solteira. O pai, já falecido, era também médico. Inscrita na Ordem dos Médicos desde 18.9.1968, a dr.ª Paula Conceição trabalha (de graça) no Hospital de Santa Maria, como os seus quatro colegas, em regime de voluntariado. Continua a receber de casa uma mesada — 1100$00 — insuficiente para a vida mesmo assim modesta que faz em Lisboa.

Como sobrevive a jovem médica? Com traduções.

— Traduzo livros de «cow-boys», ficção científica e policiais à razão de 2000$00 por original. Um original leva-me, em média, dois meses de trabalho. No fim do prazo para entrega das traduções chego a dedicar dez horas aos livros. E os livros são tão monótonos

Tem alguns doentes — às vezes, e sempre para consultas grátis. Gostaria de respirar fundo. Monetàriamente, claro. E de poder estudar com largueza. Pediatria, que é a especialidade que escolheu.

Henrique Vicente da Cruz, 30 anos, é casado. A esposa, licenciada, está no I. N. I. I.; ele, antigo delegado de propaganda médica (e ex-bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian), perdeu tudo isto ao licenciar-se.

— Por enquanto — diz — tenho que viver das curtas reservas do casal.

E acrescenta:

— Ando desde o ano passado a tentar fazer alguma coisa de positivo pela modificação da nossa situação.

O dr. Henrique Cruz foi delegado de curso dos estagiários de 1967-1968 e representa agora por extensão, os interesses dos mesmos ex-estagiários.

Casado com uma estudante de Medicina, Aguinaldo Alexandre Cabral, 29 anos, filho do romancista e ensaísta Alexandre Cabral, foi também delegado de propaganda médica. Hoje ocupa funções algo diferentes, com outra responsabilidade, no mesmo laboratório.

— Estes empregos permitiram-me subsidiar os estudos — propinas e livros. Mas ainda hoje preciso de ajuda dos meus pais. Uma «fatia», digamos.

Tal como Paula Conceição e Henrique Cruz, o dr. Aguinaldo Cabral tem um ou outro doente «à borla». E falta-lhe, claro, tempo para estudar. Emprego, Hospital de Santa Maria... O casal espera um bebé.

António Lacerda Forjaz é açoriano. Casado, 26 anos. A esposa formou-se há um ano, mas até hoje conseguiu dar aulas apenas durante um mês.

— Vivi sempre com a mesada de meu pai — diz Lacerda Forjaz. — Agora o casal recebe duas mesadas — o meu sogro também ajuda.

O dr. Lacerda Forjaz tentou, em 1966 e 1967, obter um emprego como delegado de propaganda médica. Sem êxito. Os laboratórios não queriam um finalista de Medicina...

Último interlocutor — António Carlos Gargaté, alentejano, 26 anos casado. O pai, radiologista em Estremoz (consultórios também em Portalegre e Évora), faleceu há menos de um ano. Diz o dr. Carlos Gargaté:

— Vivi sempre, como o Lacerda Forjaz, com a mesada de meu pai. Agora aguentamo-nos na base dos quatro contos: três do ordenado de minha mulher, licenciada em Farmácia, e o resto proveniente de rendimentos familiares.

Carlos Gargaté, antigo estudante de Coimbra (mas formou-se em Lisboa), conta uma história significativa:

— Certo colega meu deixou-me há tempos uma doente. É toda a minha clientela, tudo o que eu consigo com o tal «pulso livre» que nós temos: 150$00 por mês!

São cinco casos. Mas não singulares: representam, à maneira de amostragem, a situação dos muitos ex-estagiários de Medicina de 1967-1968 (e não só de Lisboa: também do Porto e Coimbra), hoje à espera de um lugar de interno geral nos hospitais centrais — enquanto o concurso documental não abre, e faltam os internos gerais, e os hospitais estão cheios dos assim chamados «voluntários», e os «voluntários prestam serviços de responsabilidade (bancos, urgências, consultas — até pequena cirurgia!) pelos lindos olhos da cara que têm...

— Não somos egoístas — disseram os cinco jovens médicos. — Pretendemos ver modificada a nossa situação, mas pensamos sempre nos benefícios que isso representará para os ex-estagiários depois de nós.

O internato é fundamental e indispensável

Pedimos ao dr. Henrique Vicente da Cruz que nos expusesse o problema a traços largos. Seria uma introdução útil. Eis o seu depoimento, a que os outros participantes da mesa-redonda deram inteiro acordo:

— Há uma geração de jovens licenciados em Medicina, estagiários durante o período de 1967-1968, aguardando neste momento a necessária portaria ministerial a considerar aberto o concurso para admissão no internato geral, que é remunerado e se estende por dois anos. O referido concurso já foi por provas públicas. Deixou de sê-lo, passando a ter um carácter meramente documental. Aliás, na sequência da abolição das provas públicas, foi a tese tornada facultativa. Sucede que, no momento actual, há inúmeros recém-licenciados do nosso curso, digamos assim, provenientes das três Faculdades de Medicina. É para nós que surge o problema.

— Concretamente?

— O estágio terminou, estamos todos inscritos, como cumpre, na Ordem dos Médicos. Mas a expectativa da abertura do concurso não se concretiza. Que fazer? Prestamos serviço hospitalar não-remunerado, preenchendo assim, convém não esquecer, muitas e grandes necessidades dos hospitais centrais — e sobrevivemos economìcamente segundo a habilidade e as oportunidades de cada um.

— O serviço hospitalar, embora voluntário, é mais do que isso: é necessário, se bem entendemos.

— Necessário, indispensável mesmo. E fundamental. Lá iremos, porque há propostas concretas a apresentar. Fique-se desde já com uma ideia: nós não podemos prescindir do internato, os hospitais necessitam agudamente de internos gerais. (Ou não necessitam — porque, enfim, têm os voluntários...). Pareceria útil harmonizar urgentemente estes dois termos do problema.

— Mas o estágio (vocês todos completaram já o estágio) não dá bastante prática? Ou será só alguma?

— No fim do estágio, diga-se o que se disser, não há capacidade de trabalho autónomo. Até por falta — que ninguém quer esconder — de conhecimentos. É no internato, no internato «full time» em especial (por ele nos batemos), que haverá possibilidade de sedimentar o que aprendemos anteriormente e completar essa base com uma aplicação prática do estudo.

— Entretanto os recém-licenciados estão em situação económica precária.

— Como se viu abundantemente. Afinal, estudámos pelo menos dezoito anos e continuamos (a maioria é esmagadora) a depender da família. Muitos de nós são casados, a todos se pede um mínimo de apresentação social... Precisamos de estudar, de comprar livros. Os livros de Medicina são carísimos! Tudo isto, enfim, nos obriga a recorrer a expedientes. Porque não abrem o concurso? O problema não se esgota com isso — mas vamos dizer, por comodidade, que principiou aqui mesmo.

(A SEGUIR: «Há muitas vagas do internato geral em todos os hospitais centrais»)

É procurado o fabricante de «O Terror da Bicharada»

— veneno para matar insectos que se julga ter causado a morte de duas crianças

AMARANTE, 14 — A G. N. R. desta vila prossegue nas investigações para descobrir a identidade do fabricante de um produto, denominado «O Terror da Bicharada», o qual parece estar na origem da morte de duas irmãs, as pequenitas Maria Manuela e Maria Elvira Cerqueira Ribeiro, de 4 e 5 anos, respectivamente, que viviam, com os pais, o sr. Alberto Ribeiro e a sr.ª D. Maria da Glória Cerqueira, no lugar do Cruzeiro, Vila Caiz, deste concelho.

Uma das crianças faleceu no passado dia 30 de Outubro e a outra, sensìvelmente um dia depois. Pelos sintomas apresentados (vómitos), pensou-se, na altura, que tivessem sido vítimas de intoxicação alimentar. Tal hipótese, porém, viria a ser posta de parte, uma vez que outra filha do casal, essa de 6 anos, nada sofreu, embora andasse sempre na companhia das irmãs e comesse dos mesmos alimentos.

Posteriormente, a mãe das infelizes meninas lembrou-se de ter deitado na cama onde ambas dormiam, um veneno para matar os percevejos. A confirmar esta suspeita, há o facto de uma outra criança do lugar da Lomba, também deste concelho, se encontrar em estado grave, tendo os pais dela em casa um pacote daquele veneno. Assim, poder-se-ia ter dado o caso de as crianças, dormindo, terem absorvido o produto tóxico por via cutânea.

Entretanto, as vísceras de uma delas foram enviadas para o Instituto de Medicina Legal do Porto, para ali se proceder ao respectivo exame. Só depois de concluído o mesmo, se poderá determinar da verdadeira causa das duas mortes.

José-Augusto França fala em Coimbra no Círculo de Artes Plásticas

COIMBRA, 14 — O Círculo de Artes Plásticas da Associação Académica promove, amanhã, a realização da primeira palestra integrada no ciclo «A evolução da arte e os seus reflexos e condicionantes no Mundo actual». A conferência, seguida de colóquio, estará a cargo do dr. José-Augusto França que dissertará sobre a «Função da Sociologia da Arte», ás 21 e 30 numa sala do Instituto de Coimbra. A entrada é livre

QUEDA MORTAL

Chegou morta ao Hospital de Santa Maria, em consequência de uma queda que deu em casa, a sr.ª D. Emília da Assunção, de 64 anos, residente em Verdelha de Ruivo (Vialonga)

Novos corpos gerentes do C. D. U. L.

Hoje, ás 19 horas, na sede do C. D. U. L., decorre a tomada de posse dos corpos gerentes eleitos para a época de 1968-69. Assistem ao acto o inspector-adjunto e o secretário-geral da Inspecção Nacional do Desporto Universitário, drs. Carlos Borges de Araújo e Augusto Manuel Martins.

UMA SÍNCOPE DO MESTRE PODE TER SIDO A CAUSA DO ENCALHE DE UM ARRASTÃO PERTO DE SINES

SINES, 14 — Um arrastão costeiro de 108 toneladas encalhou ontem, minutos antes da meia-noite, na vizinha praia da Sancha, sete milhas marítimas (12,6 km.) ao Norte desta vila. E' o «Luís Henriques», propriedade da Empresa de Pesca São Jacinto, Lda. (Aveiro), registado na praça de Lisboa. Não houve desastres pessoais em qualquer dos seus 12 tripulantes.

O arrastão encontrava-se na faina habitual de pesca quando um imprevisto, ainda por averiguar, provocou o encalhe práticamente sobre a praia. Diz-se que o mestre do arrastão, sr. Guilherme Antunes Martins, teria sido acometido de síncope: daí uma inflexão do «Luís Henriques» para águas demasiado baixas.

Um médico chamado pela Delegação Marítima de Sines, vai apurar este pormenor.

Só esta manhã o delegado marítimo, sr. primeiro-tenente Manuel Correia, avisado pela fonia de bordo, pôde chegar ao local.

E' que a praia da Sancha confina com uma grande propriedade particular, o Monte Feio, e o acesso á costa faz-se por terrenos lavrados, impraticáveis para carros de turismo. Assim sendo, os Bombeiros Voluntários da vila puseram á disposição do delegado marítimo uma viatura «todo-o-terreno».

Entretanto, os tripulantes do arrastão não corriam perigo de maior e estão já em Sines, devendo seguir daqui para as suas residências.

A empresa proprietária vai tentar recuperar, ainda hoje, os apetrechos do «Luís Henriques» e o peixe armazenado a bordo.

Um café inoportuno

Informações posteriores, recolhidas junto da tripulação do «Luís Henriques» permitem completar a unica hipótese até agora adiantada para explicar o encalhe: síncope do mestre de pesca Guilherme Martins.

Assim, cerca das 23 e 30, o mestre ter-se-ia sentido mal e pedido ao «homem do leme» que fosse arranjar-lhe uma chávena de café. Quando este chegou sucedera já o imprevisto: Guilherme Martins jazia na popa desmaiado e o arrastão estava encalhado.

O DESABAMENTO DAS VARANDAS DUM PRÉDIO DA AVENIDA MIGUEL BOMBARDA

Pessoal do Batalhão de Sapadores Bombeiros, apenas por medida de precaução, visdurante o dia, no prédio n.º to não haver perigo para os habitantes, estiveram hoje, 1/6 da Avenida Miguel Bombarda, propriedade da sr.ª D. Elvira Penha Gouveia[illegible] onde ontem, devido á demolição de um outro prédio contíguo, desabaram as varandas e parte das cozinhas. Tudo quanto oferecia risco foi demolido ou escorado devidamente.

Comunicado do S. I. P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate: em Angola, o furriel miliciano Manuel da Silva, natural do concelho de Figueiró dos Vinhos e filho da sr.ª D. Aurora da Silva; em Moçambique, o furriel miliciano António Oliveira Simões e o primeiro-cabo Dionísio Almeida Lopes; e na Guiné, o furriel miliciano Manuel da Silva Amorim, natural do concelho da Póvoa de Varzim, filho do sr. Claudino Francisco Amorim e da sr.ª D. Laurinda da Silva Nunes e casado com a sr.ª D. Maria da Nazaré da Silva Flores.

VENEZUELA, ANO DE ELEIÇÕES:

A candidatura do dr. Gonzalo Barrios acentua o emburguesamento da «Acção Democrática»

CARACAS (Novembro) — Numa mensagem dirigida ao país por ocasião do 27.º aniversário da fundação do partido governamental, o ex-presidente Rómulo Betancourt, actualmente na Suíça, declarava: «No decorrer da sua história, a Acção Democrática teve de enfrentar acontecimentos tempestuosos, mas nem a fé dos militantes para com os seus dirigentes, nem a confiança do

por PATRICK BOUCHER

país em relação à nossa honestidade administrativa, foram alteradas». Entretanto, a menos de um mês das eleições presidenciais, «a fé» dos militantes e «a confiança» do povo para com o partido (que marcou profundamente a vida política venezuelana) já não são tão grandes.

A Acção Democrática, que está no poder há dez anos, ressente-se bastante, hoje em dia, dos «acontecimentos tempestuosos que teve de enfrentar» desde o seu nascimento, a 13 de Setembro de 1941. Fundada por Rómulo Betancourt e Raul Leoni, actual presidente da República, e ainda por Gonzalo Barrios, candidato governamental à presidência, e Luís Beltrán Prieto Figueroa (o qual, depois de uma recente cisão da Acção Democrática, se apresenta às próximas eleições encabeçando o Movimento Eleitoral do Povo, (M. E. P.), a Acção Democrática foi, na origem, um agrupamento nacionalista, revolucionário de tendência socialista, mas não marxista. A sua clientela recrutava-se principalmente entre os camponeses, operários, comerciantes e pequenos industriais.

A 18 de Outubro de 1945, um golpe de Estado militar dirigido por um jovem oficial, um tal Marcos Pérez Jiménez, e apoiado pela Acção Democrática, derrubava o Governo do general Medina Angarita. Rómulo Gallegos era então o presidente e dirigia um Governo que instituiu o sufrágio universal e estabeleceu as bases do desenvolvimento do país. Datam desta época, nomeadamente, o ensino primário e secundário gratuitos e obrigatórios, a legislação de trabalho e a Corporação Nacional de Desenvolvimento, Mas outros projectos referentes à reforma agrária e à política petrolífera estavam pràticamente em esboço quando o golpe de Estado de Novembro de 1948, à frente do qual vinha Pérez Jiménez, acabou com o regime democrático incipiente e liquidou as transformações previstas. Durante dez anos, até à queda do ditador, que ocorreu em 23 de Janeiro de 1958, a Acção Democrática tentou sobreviver na clandestinidade.

Eleito para a presidência em 1958, Rómulo Betancourt retomou primeiramente, com o apoio da União Republicana Democrática (U. R. D.), e depois com o do C. O. P. E. I. (democrata-cristão), a aplicação do programa iniciado dez antes. Sob o Governo de Betancourt, e também sob o de Raul Leoni, que lhe sucedeu em 1963, foram novamente lançados os grandes objectivos económicos. Importantes realizações, tais como o desenvolvimento da petroquímica e da siderurgia, a implantação duma infra-estrutura moderna (pontes sobre o lago de Maracaibo e sobre o rio Orinoco, 17 mil quilómetros de estradas asfaltadas), devem ser lançadas no activo dos dois Governos.

Durante o mesmo período, porém, foi-se acentuando a tendência conservadora. Pouco a pouco o ideal revolucionário desapareceu. A partir de 1959 Betancourt, então embaraçado com a oposição da direita, teve de fazer concessões aos militares, industriais e financeiros. Por sua vez a esquerda agitava-se, provocando, em 1960, a saída dos dirigentes da ala mais avançada do partido, que criaram o Movimento da Esquerda Revolucionária (M. I. R.). Nos anos que se seguiram Betancourt, e em menor grau Leoni, foram obrigados a enfrentar a guerrilha inspirada pela extrema-esquerda.

Iniciada com Betancourt, a «viragem à direita» prosseguiu com Leoni. Este, ao contrário do seu antecessor, não é homem de decisões audaciosas. Conhecido já o candidato do partido governamental às próximas eleições, admite-se perfeitamente uma nova etapa para o «emburguesamento do partido». O presidente Leoni é um homem de origem modesta e interessa-se pelas questões sociais: a legislação do trabalho foi adoptada quando ele era ministro. O dr. Gonzalo Barrios, pelo contrário, é muito mais moderado e prudente.

O partido enfraqueceu consideràvelmente após a crise de Outubro passado, que devia levar à saída do dr. Prieto Figueroa, arrastando consigo os elementos mais dinâmicos. No entanto o candidato governamental conseguiu, nos últimos meses, recuperar dessa descida e conservar todas as probabilidades de triunfar nas próximas eleições. Dispõe da potente máquina do partido e do Estado, e pode agora contar com apoio de importantes grupos independentes — comerciantes, industriais, financeiros.

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

Nota do dia

A UM SENHOR DEPUTADO

NÃO É EM FORMA DE CARTA, o senhor deputado desculpará, pois que, embora lhe seja destinado, o recheio interessa a todos. Teve o senhor deputado dr. Augusto Simões, ao que a reportagem regista, no passeio de saudade que o Presidente do Conselho fez às terras onde nasceu e onde nasceram os seus maiores, a lembrança de uma homenagem. É assim que vem escrito e descrito: «Sugeriu que, a assinalar a visita do Presidente do Conselho, fosse inaugurado no Monte Redondo, monte que passaria a ter o nome de Marcello Caetano, um monumento a perpetuar de geração em geração a tenacidade do homem da serra.» E constituiu-se logo uma comissão.

Poderíamos acabar aqui mesmo, porquanto o recurso à formação de comissões é a fórmula que muitas vezes se entende a mais cómoda para deixar morrer um assunto. Mas não queremos. Queremos exactamente continuar nele, pois que por isso em deliberação o tomámos. Queremos também acrescentar que a ideia do monumento não está em causa. Até poderíamos dizer que sim, senhor, se não achássemos preferível nada dizer. Mas quanto ao resto, não. Quanto ao resto, é precisamente nesse ponto que levantamos a luva.

Permitimo-nos pensar, e por isso o dizemos, que este estilo não prestigia o Poder. Nem engrandece nem prestigia quem o pratica. Corre-se o risco de parecer demasiada condescendência, mesmo que não seja. Mas só o risco já é grave, pois, não o disse o dr. Marcello Caetano, mas deixou-o escrito o seu antecessor, «em política o que parece é». É esse o risco: mesmo que não seja, parece que é.

No trato com o Poder, o que mais se deseja é uma compostura de cabeça erguida, que é o único meio para que o Poder, como naturalmente se pretende, assim se apresente também. O prof. Marcello Caetano tem praticado um estilo de simplicidade que está a render juros de simpatia. Contam-se histórias: passou por aqui, fez assim, disse assado. E as pessoas da rua, o homem da loja, o «chauffeur» do táxi repetem, com certo pasmo que traz em si certos sinais de adesão. É o tal crédito pedido...

Não pode, portanto, o Prof. Marcello Caetano deixar-se surpreender por pequenos empreendimentos para que, naturalmente, não foi metido nem achado. Porque ali onde se diz «surpreender» pode pensar-se «comprometer», pois não pode? Comprometer, pelo menos, aquela imagem que tem vindo a criar-se do homem que entra nas lojas ou toma o seu café, que vai à missa ou ao cinema, que sai de casa como quem vai para o escritório e regressa a casa, que maçada, com a pasta cheia de papelada que pensava de ver e não viu mas que tem que ver mesmo que não lhe apeteça.

Não foi por mal, dir-se-á. Pois não. Foi por bem. Mas também são por bem estas palavras que poderão parecer por mal. Por estranho que pareça, poderá o Chefe do Governo, na hora de olhar em volta do horizonte de papéis, passar a mão pela cabeça e desabafar intimamente: «Meu Deus, protegei-me dos amigos que com os inimigos posso eu bem...» E é bem verdade

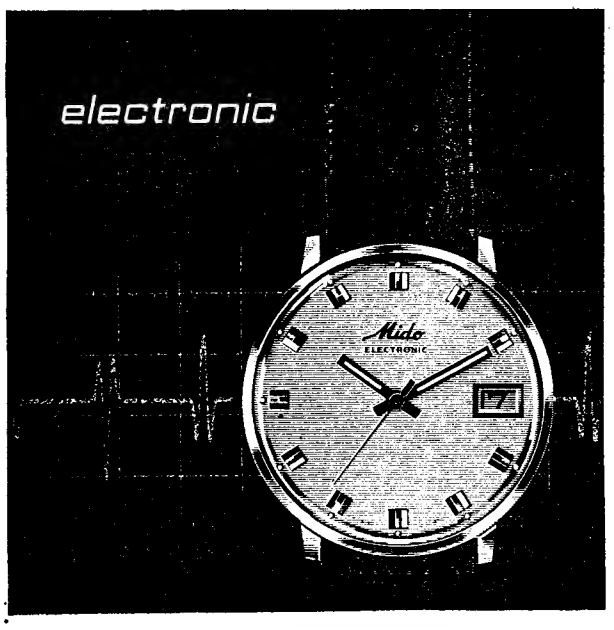
A ESPANHA ACAUTELA A SUA RIQUEZA VENATÓRIA

A partir da presente época venatória, nas províncias espanholas de Pontevedra, Salamanca, Leão, Cáceres, Palência, Zamora, Valladolid, Ávila, Segóvia, Burgos, Logronho, Navarra, Soria, Saragoça, Huesca, Teruel, Lérida, Tarragona e Canrias, a caça só é permitida num dia útil (quinta-feira), aos domingos e dias de feriados nacionais que recaiam no período próprio. Co mtal medida, a todos os títulos louvável, pretende-se proteger as espécies cinegéticas que, devido ao aumento, como cá sempre constante, de caçadores, escasseiam naquelas províncias do país vizinho.

E nós, onde a fauna cinegética escasseia, nalgumas regiões desoladoramente, consequência natural da actividade, verdadeiramente nefasta, de dezenas de milhares de indivíduos que da caça, que deveria ser praticada unicamente como desporto, dois ou o máximo três dias da semana, incluindo o domingo e nos dias de feriado nacional, não se permitindo que cada caçador abatesse mais do que três ou quatro peças fazem profissão, o que aguardamos?

Que as espécies venatórias, na quase metade sul do continente, onde aqueles indivíduos actuam diàriamente, sejam por eles totalmente exterminadas nos terrenos livres?

NABAIS DA CUNHA



Quando a relojoaria suíça entra na ERA ELECTRÓNICA

Mido pioneiro dos relógios automáticos

e sempre na vanguarda,

apresenta o

RELÓGIO ELECTRÓNICO

a mais revolucionária criação técnica da relojoaria suíça à venda em Portugal nas melhores ourivesarias e relojoarias

Mido electronic

EM PLAQUÉ ESC.— 4250$00
EM AÇO ESC.— 3750$00

AGENTES OFICIAIS

OURIVESARIA DOLLAR

P.ª da Figueira, 7-B — Telef. 370803 — LISBOA

ÉS ESPECTADOR?

Digamos: qualquer coisa como um sexto andar. Era daqueles telhados o mais possível em V com o vértice para cima. Na Suíça parece que se usa muito. Por causa da neve, hem, ouvi dizer.

E então o gato não foi pela beirinha, foi, foi e não chegou até á chaminé e quando lá chegou não prendeu o diabo da pata num arame, ou na mola não sei de quê, ou a enterrou entre telhas vermelhas, velhas e relhas? E agora mia, mia, implora socorro a todos os seus deuses que (aqui para nós) não parecem muito condoídos. Cá de baixo, ouvem-se os seus gritos, mas quem é que vai atrás de gatos.

Há sempre um homem. O homem apareceu. Subiu ao sexto andar. Ao telhado. Não pode ir pelo telhado. Tem de ir pela beirinha tanto como a largura do seu pé. Há uma multidão, cá em baixo. Cabeça no ar. Esquecidos de respirar. O homem lá em cima. É negócio dele. Dele só. É que está mesmo só no mundo. Mais feliz do que muitos: Tem espectadores. Talvez ele nem pense, nesse instante, que há muitos, muitos espectadores. Ser espectador é tão cómodo, então não é. Há quem ande pelo sexto (ou pelo vigésimo, ou pelo milésimo) andar. Só com uma fita debaixo dos pés tão larga como um pé só. Esbraceja e há um momento em que parece não ter outra saída senão o espaaaaaaço. Esbraceja, que Deus me perdõe!, parece um palhaço, daria vontade de rir se não fosse um sexto andar. (Por favor: quando chegarem aqui, imaginem o que é mesmo um sexto andar. Se não, não percebem nada do que estou a contar-lhes).

Pois caminha lá por cima um homem que, se se deitar, se deita no leito da morte. Arrisca-se. Por um gato? Seja o que for. Para esse homem, algo esteve em jogo mais importante do que a vida. Chamemos-lhe dignidade, responsabilidade — se quiserem Merecer-se, enfim.

Ah, e os espectadores! São muitos. Multidão. Esquecidos de respirar. De pescoço torcido e não se fatigam, aquilo é que é musculatura de assistir!

Entretanto, o homem está quase a atingir o ponto onde o gato desesperado mia. Depois será a viagem de regresso... Se houver regresso, claro. Às vezes não há. Sabemos isso. Sabemos isso nós, os espectadores.

MÁRIO CASTRIM

AFINAL JÁ NÃO QUEREM A SEMANA-INGLESA ...

AVEIRO, 14 — Conforme desenvolvidamente, e em devido tempo, noticiámos, o Conselho Municipal sancionou o estabelecimento do regime da semana-inglesa em todo o ano, para o comércio concelhio. Dava, deste modo, satisfação a enorme lista de pedido dos comerciantes aveirenses. Aquele regime de trabalho já existia, há anos, durante os meses de Junho a Setembro.

Agora, segundo apurámos, devido a alguns escritos insertos na Imprensa local, dizendo-se prejudicados pela semana-inglesa, alguns comerciantes colhem assinaturas de outros colegas a fim de que, também pelo mesmo Conselho Municipal, tudo voltando á primeira forma.

Sabendo desse movimento, os empregados comerciais também vieram a terreiro defender os seus interesses. Promoveram já uma concorridíssima reunião, na sede do respectivo sindicato, onde se deu conta do que se passa e se deram a conhecer as linhas de orientação a seguir para não ser revogado o actual regime de trabalho.

COLÓQUIO DOS CEREAIS

Prosseguiu esta tarde, no Grémio dos Industriais de Panificação de Lisboa, o II Colóquio dos Cereais, Farinhas e Pão. O regente agrícola sr. José Amaro Monteiro Rato falou sobre «Cursos e respectivas progressões para a formação de profissinais válidos em panificação racionalizada.»

O Colóquio continua no dia 19, com uma palestra pelo sr. dr António Manuel de Melo Aires de Abreu.

O S. N. I. ACABA NO FIM DO ANO

SUBSTITUÍDO PELA SECRETARIA DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO

Foi enviado para o «Diário do Governo» o diploma, anteontem aprovado em Conselho de Ministros, respeitante á lei orgânica da Secretaria de Estado de Informação e Turismo.

A este departamento, criado por decreto-lei de 10 de Outubro passado, cabe a superintendência nos serviços e actividades relativas á informação, ao turismo e á radiodifusão sonora e visual, teatro, cinema e outros espectáculos e formas de cultura popular. A superintendência a exercer pela nova Secretaria de Estado sobre a radiodifusão particular ás matérias de informação, programas e publicidade.

A Secretaria de Estado da Informação e Turismo compreende os seguintes órgãos e serviços: Gabinete do secretário de Estado; Gabinete Técnico; Conselho Nacional da Informação; Conselho Nacional de Turismo; Conselho Nacional da Radiodifusão; Secretaria-Geral; Direcção-Geral da Informação; Direcção-Geral do Turismo; Direcção-Geral da Cultura Popular e Espectáculos; serviços locais; serviços no estrangeiro; Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos; Comissão de Literatura e Espectáculos para Menores.

O diploma entra em vigor no dia 1 de Janeiro do próximo ano. A partir desta data, fica extinto o Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, mais vulgarmente conhecido por S.N.I., que, em 1944, substituiu o Secretariado da Propaganda Nacional (S. P. N.), criado em 1933.

Alargando o âmbito das atribuições destes organismos, o diploma dispõe, ainda, que á Secretaria de Estado da Informação e Turismo caberá a superintendência que as disposições legais vigentes atribuem á Presidência do Conselho, relativamente á E. N., ao Fundo de Turismo e ao Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira.

Chefe de gabinete do secretário de Estado da Informação e Turismo

Entretanto foi, igualmente, enviada para o «Diário do Governo» a portaria que nomeia o sr. dr. Pedro Geraldes Cardoso para o cargo de chefe de gabinete do secretário de Estado da Informação e Turismo.

O sr. dr. Pedro Geraldes Cardoso tem 44 anos, e é natural de Castelo Branco. Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa, desempenhou funções, quando estudante, no Centro Universitário da M. P. Em 1953, ingressou na magistratura do Ministério Público, tendo prestado serviço na comarca de Cuba e, depois, na P. J., como inspector. Passando para a magistratura judicial em 1961, foi colocado no Centro de Estudos Sociais e Corporativos do Ministério das Corporações.

Nomeado, mais tarde, chefe do Contencioso da R. T. P., depois de ter chefiado o sector de programas, participou, ainda, em vários colóquios internacionais, onde apresentou comunicações.

Cem anos celebra hoje uma senhora aveirense

Com um almoço íntimo, celebra hoje o centenário do seu nascimento, a sr.ª D. Maria dos Prazeres Frade Moura, residente na Avenida Artur Ravara, em Aveiro.

Nascida na vila de Ílhavo, a veneranda senhora residiu ali durante mais de 30 anos, vindo então para Aveiro. É irmã do médico de Vagos, sr. dr Frederico Moura e seu marido, o professor aposentado, sr. João Oliveira Frade, é ainda vivo, contando 89 anos. Quando nova, era senhora de espírito muito vivo e irrequieto e praticou remo e hipismo. Era sempre a mais requisitada para as corridas de bateiras que se realizavam na Costa Nova.

Ainda goza de relativa saúde e o seu maior desgosto, no seu dizer, foi a expropriação de sua casa e quinta onde reside, terrenos esses onde se erguerá o novo hospital citadino.

Teve cinco filhos, estando apenas viva a sr.ª D. Maria Isabel Frade Moura.

Roubou o carro do patrão

Também 16 meses na prisão ninguém tira a Marçal de Jesus Trigo, de 28 anos, pintor de automóveis, residente em Leiria, que foi julgado em Aveiro, por ter furtado o automóvel do patrão, sr. Henrique da Natividade Ferreira, sócio-gerente da Auto Central Anadiense.

ora diga-nos...

— Conhece algum jardim de Lisboa?

Um jardim público é (dizem os dicionários, as enciclopédias e a sabedoria de toda a gente) um certo espaço com ruas, relvados, canteiros floridos e árvores, situado numa cidade e geralmente pertencente à municipalidade para recreio dos seus habitantes. Ora, conhecem os lisboetas (de nascimento ou de residência) os seus jardins?

— Conheço. Conheço vários. O da Estrela, Alcântara, Campo de Ourique...

—...

— Não. Não conheço o Jardim Botânico.

Quem assim nos responde é a sr.ª D. Judite Pancada Vieira, funcionária corporativa, que diz ainda:

— O que conheço melhor é o de Alcântara, pois nesse bairro morei durante muitos anos.

—...

— Sim, vou com frequência aos jardins, até porque tenho uma filha. E é saudável e agradável passar algum tempo num jardim.

O Luís Manuel Alves Rito anda na escola. Na 3.ª classe. E gosta de jardins:

— Pois gosto.

—...

— Conheço o da Patriarcal, da Estrela e das Amoreiras.

— E qual gostas mais?

— Do jardim da Patriarcal.

—...

— Mais vezes? Vou ao das Amoreiras.

—...

— Pois é. Gosto muito de ir aos jardins, para correr, brincar, jogar à bola...

— Oh, conheço tantos! Ora deixe ver: Santa Catarina, Príncipe Real, S. Pedro de Alcântara (agora chama-se António Nobre, não é?). Jardim Botânico, Estrela, Santa Luzia... Há tantos!

—...

— O que conheço melhor e de que mais gosto é do Jardim Botânico. E é tão bom podermos passear num jardim, respirar aquele arzinho...

É jovem e sorri. Chama-se Maria Isabel Dias Gonçalves e é costureira.

—... De estofador.

VIDA SOCIAL

CONDE DE CARIA

Regressou a Lisboa o sr. conde de Caria que se deslocou á América Latina, integrado na delegação da Associação Fiscal Portuguesa ás III Jornadas Luso-Hispano-Americanas de Estudos Tributários e ao 22.º Congresso da Associação Fiscal Internacional, que decorreram respectivamente no Rio de Janeiro e em Montevideu. O sr. conde de Caria esteve ainda em Acapulco onde, na qualidade de membro do juri olímpico, acompanhou as competições da modalidade de vela, integradas nas Olimpíadas.

DR. PAULOURO DAS NEVES

Por via aérea, partiu hoje para o Japão o sr. dr. José César Paulouro das Neves, que vai assumir as funções de secretário da Embaixada de Portugal em Tóquio.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Da comissão executiva do XVIII Congresso da Liga dos Bombeiros Portugueses (I Centenário da Associação dos Bombeiros Voluntários de Lisboa) recebemos um agradecimento pelo noticiário referente áquela realização.

*

Do director do Instituto Britanico e delegado do British Council em Portugal, sr. A. M. Welsh, recebemos um agradecimento pela «oportunidade» da Nota do Dia recentemente publicada, a propósito da próxima celebração do XXX aniversário da fundação daquele instituto no nosso País.

*

Da Provedoria da Casa Pia de Lisboa recebemos um ofício de agradecimento pelo noticiário referente á recente abertura solene de mais um ano escolar naquela benemérita instituição.

MACOBE®

Alcatifas da Guarda

LEACRIL®

anti-alérgicas
limpeza fácil das nódoas
maior resistência
cores inalteráveis e brilhantes

À VENDA NOS MELHORES ESTABELECIMENTOS DO GÉNERO

NOVO CASINO ESTORIL

apresenta hoje, em

ESPECTÁCULO EXTRAORDINÁRIO

ELIS REGINA

COM O FAMOSO CONJUNTO

BOSSA QUATRO

ROBERTO MENESCAL

MAESTRO ERLON CHAVES

...OS — SALÃO RESTAURANTE
entrada 150$00, com direito a 50$00 de consumo
jantar 200$00
«WONDER BAR»
Entrada 150$00, com direito a 50$00 de consumo
TAXAS E IMPOSTOS NÃO INCLUÍDOS
A reserva de mesas só é respeitada até 24 horas antes do espectáculo

DANDY BROTHERS
THE UKRAINIAN COSSACKS
LILLY TCHIUMBA
BONJOUR PARIS SHOW
JIRINA'S COMBO
OS "SHEIKS"
JORGE COSTA PINTO E SUA ORQUESTRA

NO CINEMA ÀS 17 E ÀS 21.30 H.
HOTEL PARAÍSO
(M/ 17 ANOS)

MORRIS CHALFEN apresenta
Holiday on Ice
a maior revista mundial no gelo inteiramente nova!
ÊXITO ABSOLUTO NO COLISEU
ALGUMAS OPINIÕES DA CRÍTICA
O público não tem tempo para distrair a sua atenção do espectáculo; todos os numeros têm os seus momentos de interesse e justificam, por igual o dinheiro deixado na bilheteira. (Diário da Manhã).
HOJE MATINÉE ÀS 16 H. PARA MAIORES DE 6 ANOS.
TODOS OS DIAS SOIRÉE ÀS 21.30 H. PARA M/12 ANOS.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO IMPÉRIO

TÍTULO — «Tobruk» («Tobrouk»).
REALIZAÇÃO — Arthur Miller, 1966.
INTÉRPRETES — Rock Hudson, Georges Peppard, Guy Stockwell, Nigel Green, Leo Gordon.

Norte de África — Segunda Guerra Mundial: Rommel, a raposa do deserto, habita Tobruk, posto abastecedor de carburante que lhe permite assenhorear-se do deserto e pôr em causa o próximo desembarque aliado. Um comando britânico, no qual se encontram incorporados alguns judeus alemães (que se ofereceram como voluntários para esta aventura suicida) é destacado para fazer explodir as reservas, desmantelando o posto germânico. O problema está em atravessar as linhas nazis mais, para tanto, se organiza um estratagema: os judeus alemães far-se-ão passar por soldados germânicos e os ingleses representarão simplesmente o seu próprio papel, camuflando-o porém de forma imprevista: eles serão «prisioneiros ingleses» dos alemães. É assim se fará oito dias depois da decisão, tal como convinha e tinha ficado ratificado superiormente. A operação «Tobuk» será um sucesso inequívoco, o carburante explodirá violentamente ás portas de Tobruk e Rommel perderá o deserto que de seu o tinha. Paralisados os tanques nos parques de estacionamento, a guerra terminará mais cedo. Mas as perdas são quase totais entre muitos homens mortos, alguns aprisionados, dois ou três salvos (numa ultima tentativa de «happy end» impossível, ali metido a martelo por imposição de produtores, certamente).

Posto isto, resta acrescentar que no género (filme de guerra «spectacular») «Tobruk» é um espectáculo correcto, por vezes brilhante, nunca aborrecido aqui e ali mais inteligente e intencional (sobretudo na primeira parte) na análise das forças em luta, quando nos apresenta, por exemplo homens que nem os uniformes conseguem identificar. Para o fim, todavia, a aventura banaliza-se ao nível da «operação suicida» (mais uma, entre trezentas e tantas outras que o cinema foi desenterrando da imaginação) sem, no entanto (repetimos), fatigar. Um espectáculo que tem em conta a honestidade dos processos e que dentro dela procura construir-se, o que é sempre saudável.

Como trabalho de realização, «Tobruk» é eficiente e bem mais agradável de seguir que as andanças de um táxi por aquelas mesmas partes. Entre os intérpretes, destaquem-se os excelentes Nigel Green, Leo Gordon (o autor do argumento) e ainda George Peppard. De Rock Hudson e Guy Stockwell mais vale não falar. No que se refere a Stockwell, não conseguimos sequer compreender a razão da sua ascensão cinematográfica. Um caso de negação congénita.

LAURO ANTÓNIO

• NO ROMA

TÍTULO — «Para Além das Montanhas» («Beyond the Montains»).

REALIZAÇÃO — Alexander Ramati, 1964.

INTÉRPRETES — Maximilian Schell, Raf Vallone, Irene Papas, Fernando Rey, etc.

Depois de uma primeira parte de documentários bastante insípida (actualidades portuguesas, o mundo em notícia e uma nova produção Jean Manzon sobre *Laboratórios das Cores*) chegámos ao intervalo. Aqui (como mandam as boas regras), desdobrámos o programa e lemos a apresentação da fita. Muitos adjectivos: *forte, humana, emocionante, obra literária que é «best seller», grande actor, obra de rara sensibilidade artística, poder emocional*, etc. Ao lado, a anedota da semana (que transcrevemos com a devida vénia): *— Parece impossível, Maria. Disse-lhe que fosse num pé e viesse no outro e você demorou uma hora!;*

(Continua na pág. seguinte)

50 FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM

ELVIS PRESLEY
NANCY SINATRA
SÃO DE GRITOS!

Maiores de 12 anos

AMOR E CORRIDAS
(SPEEDWAY)
com
MGM BILL BIXBY
GALE GORDON · CARL BALLANTINE
PANAVISION® e METROCOLOR
AMANHÃ
NO
CINEMA LUMIAR

AS 21.45 H. NO
TRINDADE F. N. A. T.
Telef 32 00 00
O I. N. P. APRESENTA
A ADMIRÁVEL COMÉDIA ITALIANA
A TORRE E O GALINHEIRO
POR TODOS OS SEUS PRINCIPAIS ELEMENTOS ARTÍSTICOS
P/ M/ 12 ANOS

A NOITE ÀS 21.45 H
(ADULTOS)
RIA COM DIGNIDADE!
NÃO DEIXE DE VER
O AMOR 68

UMA FANTÁSTICA COMÉDIA
DE HENRIQUE SANTANA
UM ESPECTÁCULO DE
VASCO MORGADO
NOVO ÊXITO DA
C.ª TEATRO ALEGRE
NO TEATRO VARIEDADES T. 32 60 37
com
HENRIQUE ● IRENE ● COSTINHA ● SEMEDO ● LIA ● ANABELA e ADRIANO REYS
Dir plástica de F. RELÓGIO
Encenação de MARIA HELENA
SÁBADO
À noite, 2 sessões: 20.45 e 23 h.
Domingo, à tarde às 16 h.

SÓ ATÉ DOMINGO
NO
MONUMENTAL
2 SESSÕES, 20.45 e 23 H.
A REVISTA DAS MULTIDÕES
com
CAMILO ● FLORBELA
CARLOS COELHO
um elenco de 70 FIGURAS
Domingo, à tarde às 16 h.
3.ª-Feira, estreia no Sá da Bandeira — Porto
Depois do espectáculo vá ao PORÃO DA NAU (Maiores de 17 anos) e frequente «O CONVÉS»

MONUMENTAL
(MAIORES 4 ANOS)
Aos sábados e domingos às 18.30 h.
A História do Pastorinho Beija-Flor

EXPOSIÇÃO CALOR E CASA
Aquecimento eléctrico Efacec
Mobiliário Olaio
SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES
das 18 às 24 horas

50 FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM
Glenn Ford
QUIETO, VENENOSO, MORTÍFERO...

Maiores de 12 anos

A PISTOLA DO MAL
(DAY OF THE EVIL GUN)
com
Arthur Dean Kennedy / Jagger
PANAVISION and METROCOLOR
NUM "WESTERN", FORA DAS NORMAS E TRADIÇÕES!
AMANHÃ
no
CONDES

YUL BRYNNER ROBERT MITCHUM
PANCHO VILLA,
ENFURECIDO!
ARREBATADO!
TÃO IMPETUOSO NA LUTA COMO NO AMOR!
A PARAMOUNT apresenta
A HONRA DE UM HERÓI!
(VILLA RIDES!)

ADULTOS
com GRAZIA BUCCELLA HERBERT LOM ROBERT VIHARO CHARLES BRONSON
argumento ROBERT TOWNE e SAM PECKINPAH
baseado na novela de WILLIAM DOUGLAS LANSFORD Produtor TED RICHMOND Realiz. BUZZ KULIK Música MANUEL JANNE
PANAVISION TECHNICOLOR
SUGGESTED FOR MATURE AUDIENCES Um filme PARAMOUNT
AMANHÃ ESTREIA SENSACIONAL NO EDEN

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da pág anterior)

— *Então a senhora não sabe que ao pé coxinho se leva o dobro do tempo?...* Ora bolas, como diria o outro, essa já tem barbas; Mesmo *para além das montanhas...* ou sobretudo lá...

Barbas tem também o filme de Alexander Ramati (que, aliás, não segue o ajuizado raciocínio da velha Maria e resolve pôr as pessoas bravamente a correr durante duas horas).

Entre os intérpretes, uns quantos nomes que esperávamos não ver embarcar nestas aventuras: Maximillan Schell, Irene Papas, Raf Valone. Assinando a fotografia, um nome responsável (que, afinal, o é só profissionalmente): Christian Matras. — *L. A.*

SEGUNDA FASE DO CONCURSO DE MARIONETAS

Na segunda fase do Concurso Nacional de Marionetas, promovido pela Casa da Comédia, serão apresentados no período do Natal vários concorrentes, entre os quais a família Sá, do bairro da Pontinha, que apresentará «O Velho, o Rapaz e o Burro», trabalho de colaboração com as crianças da escola daquele bairro e «Família Moderna», sócio-drama, ambos os espectáculos a celebrar no salão de festas do bairro Padre Cruz, no dia 23.

Participará também o Grupo Independente dos Alunos do Liceu D. João de Castro. Do Lavradio virá um auto de Natal.

• NO AVIS

TÍTULO — «O Carrasco de Londres» («Le bourreau de Londre» — **versão francesa, 1965).**

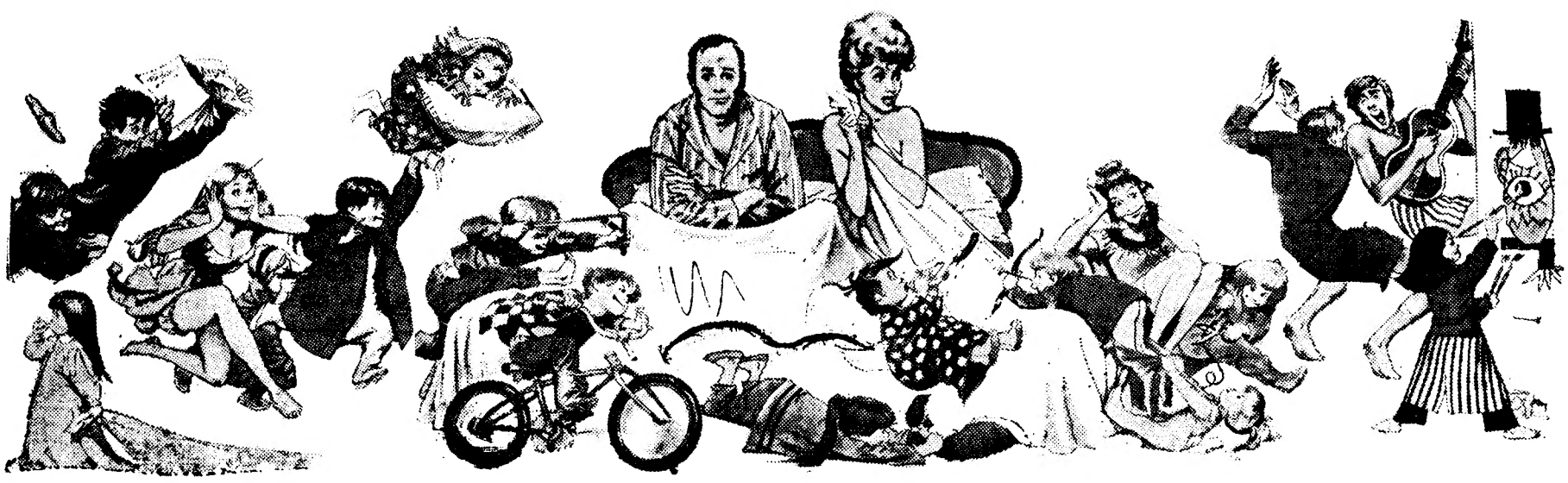
REALIZAÇAO — Edwin Zbonek.

INTÉRPRETES—Hansjörg Felmy, Maria Perschy.

Os filmes da série «Edgar Wallace» têm todos as mesmas características. Isto é, são banais, mas suscitam a atenção do publico, que, no intervalo, discute a identidade dos possíveis criminosos. Em segundo lugar, são, do ponto de vista cinematográfico, de uma pobreza confrangedora. O de ontem não foge á regra. Contando uma história aceitável, que não chega a aborrecer, Edwin Zbonek dá-nos um filme vulgar, com intérpretes muito vulgares e com um desfecho também vulgar, mas sempre imprevisto. E entre uns «cow-boys» que se esmurram a torto e a direito e estes amáveis carrascos ajustando contas com sádicos, os ultimos sempré são mais animados. Mesmo na noite londrina, que para ser ainda mais noite nos aparece numa imagem de bastante má qualidade — *C.*

• SALVADOR
• VIANA
• MARIEMA
• MAX • ANITA • DORA
• V. MENDES
E A ATRACÇÃO
• BRIGITTE ST. JOHN
À FRENTE DE UMA ALEGRE COMPANHIA APRESENTAM
TODAS AS NOITES ÀS 20,45 E 23 H.
• A REVISTA DA GARGALHADA E DAS BOAS PIADAS

JOSÉ VIANA «Catedrático»
GRANDE POETA É O ZÉ!...
O GRANDE ÊXITO DO MOMENTO, NO
• MARIA VITÓRIA •
Um espectáculo de Giuseppe Bastos e Vasco Morgado
• DOMINGO, «MATINÉE», ÀS 16 HORAS

QUE SUCEDEU À "PÍLULA"?

os teus, os meus e os nossos
YOURS, MINE AND OURS
UM FILME "POLÉMICO"? UMA "DENÚNCIA"? UM TEMA "INQUIETANTE"?
SERÁ TUDO ISTO, MAS ACIMA DE TUDO...
...É O MAIS TERNO E ADORÁVEL FILME DO ANO
COM:
LUCILLE BALL · HENRY FONDA VAN JOHNSON · TOM BOSLEY
UM ACONTECIMENTO RESERVADO PARA ADULTOS
HOJE ÀS 21.30 NO SÃO JORGE PROGRAMAÇÃO RANK Adultos
RANK FILMES
E ÀS 15.30 NO RIVOLI PORTO

VIDA MUSICAL

II Concurso Gulbenkian de Composição

O júri do 2.º Concurso Nacional de Composição Calouste Gulbenkian, constituído pelos srs Armando José Fernandes, Jorge Croner de Vasconcelos dr. Filipe de Sousa, Luciano Berio, Richard Rodney Bennett, Gianfranco Rivoli e Pierre Salzmann decidiu atribuir o 1.º prémio da secção (A) á obra coral-sinfónica «Portugaliae Genesis», do compositor Luís Filipe Pires.

A referida obra será apresentada em criação mundial no decurso do Festival Gulbenkian de Música de 1969, e o respectivo autor receberá ainda o montante pecuniário do prémio no valor de 80 contos.

O júri deliberou, ainda, recomendar á administração da Fundação Gulbenkian a obra «Euridice Reamada», da autoria de Jorge Rosado Peixinho, uma recompensa pecuniária de 30 contos e estudar a possibilidade de promover a audição pública da sua referida obra até ao fim do ano civil de 1969

Concertos de intercâmbio musical

Conforme foi anunciado, é hoje, ás 21 e 45, que a pianista brasileira Maria Francisca Fraissat Paez realiza um recital, na sala de concertos do Conservatório Nacional, integrado na rubrica «Intercâmbio Musical», anualmente promovido pela nossa escola oficial de música.

Podem marcar-se lugares na secretaria do Conservatório Nacional, ou, á hora do concerto, no átrio de entrada.

O pianista Julius Katchen no Tivoli

A Emissora Nacional planificou para a sua presente temporada, que está a decorrer aos sábados á tarde no Tivoli, o «3.º Concerto», de Prokofieff, considerado uma das obras-primas do repertório pianístico contemporâneo. Está já assegurada a sua execução por um dos seus maiores intérpretes, Julius Katchen, com a colaboração da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, sob a regência do maestro António de Almeida, que vem a Lisboa pouco depois dos seus êxitos recentes na Ópera de Paris, onde dirige regularmente desde 1965, e das suas digressões à América Latina (onde apresentou, no Colon de Buenos Aires, a 1.ª audição da «7.ª Sinfonia», de Mahler), à Radiodifusão Belga («Requiem», de Brahms), a Berlim, Londres, etc.

Curso de Arte de Dizer no Conservatório

A professora Maria Germana Tânger retomou, no Conservatório Nacional, a regência do Curso de Arte de Dizer que ali se ministra

COUTO VIANA LÊ VERSOS NA LIVRARIA QUADRANTE

Um poeta-encenador-actor lê amanhã versos seus na Livraria Quadrante. É António Manuel Couto Viana, autor de vários livros de poemas que lhe deram notoriedade no Grupo da «Távola Redonda».

A leitura, ás 18 e 40, terá por base o volume «Desesperadamente vigilante», lançamento recente da Editorial Verbo.

RECINTOS DE DIVERSÕES

* Encontra-se em Lisboa, a tratar dos espectáculos de Natal, o «clown» Henrique Noel.
* O próximo disco da artista Ana Hortense inclui uma composição de Carlos Conde e Tulio Pereira, intitulada «A minha rua e ele».
* A artista Manuela Novais encontra-se a actuar no restaurante típico «Taverna do embuçado».
* Depois de seis espectáculos consecutivos no cinema «Apolo», de Joanesburgo, os artistas Ana Hortense, Fernando Farinha, Manuel Mendes e António Proença deslocaram-se à Suazilândia, onde actuam em dois espectáculos, regressando do novo à capital da África do Sul.
* Deixou de fazer parte do elenco artístico do restaurante típico «Timpanas» o acordeonista Tulio Pereira.
* Já partiu para o Brasil a cantadeira Ada de Castro.
* Entrou em convalescença a artista Alice Maria.
* Continua a actuar na «Lisboa à noite» a cantadeira Zélia Lopes.
* Os artistas Ana Hortense e Fernando Farinha estreiam-se hoje na Suazilândia.
* Já se encontra a actuar na sua nova casa de fados a artista Eduarda Maria.
* Deve regressar dentro de dias do Brasil a cantadeira Natércia da Conceição.
* Gravou um novo disco comercial o artista Miguel Silva.

As estreias de hoje

No São Jorge

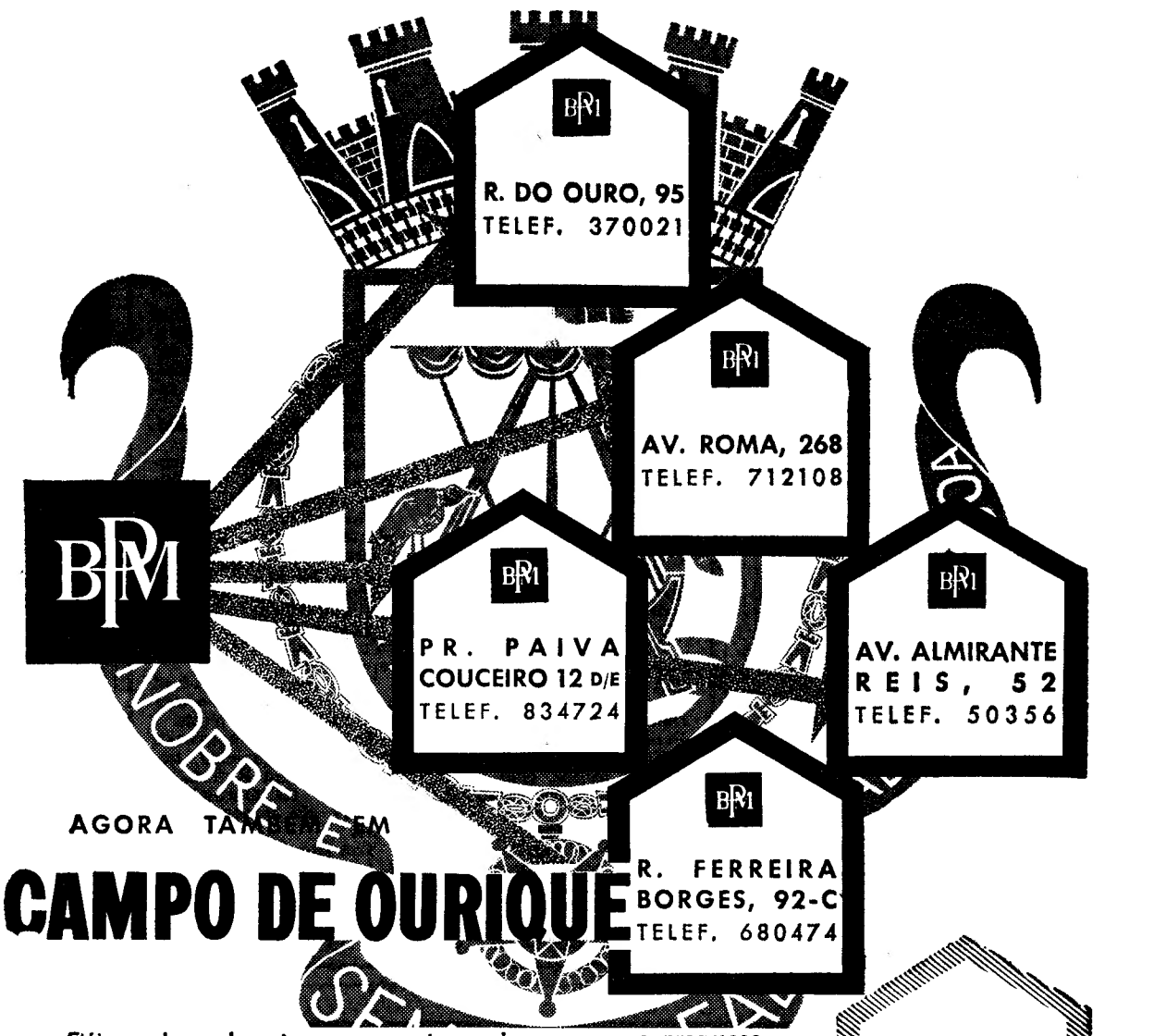
Título em Português — «Os teus, os meus e os nossos».
Produção — Americana.
Realização — Melville Shavelfon.
Intérpretes — Lucille Ball, Henry Fonda, Van Johnson e Tom Bosley.
Género — Comédia.
Distribuição — Rank Filmes.
Processo — Colorido.
Classificação — 12 anos.

PILULAS DE
ALHO
ROGOFF
EXTRACTO CONCENTRADO DE ALHO FORTE

PRODUTO DIETÉTICO
PREPARADO POR:
M. WOEL[illegible]SCHWEGE
(Alema[illegible]idental)
À VENDA NAS FARMÁCIAS
FRASCO COM 180 PILULAS ESC. 50$00
Representantes para Portugal:
CREFAR — R. DA MADALENA, 171-2.º — LISBOA

ALMOCE E JANTE
NO
CIRCUITO
Av. Casal Ribeiro, 17-A

Presença activa no progresso de Lisboa



AGORA TAMBÉM EM
CAMPO DE OURIQUE

Fiéis ao lema de estarmos presentes onde quer que o progresso se manifeste, abrimos novas dependências em progressivas zonas comerciais e industriais de Lisboa para assim podermos colaborar mais activamente no seu desenvolvimento. Agora, também no florescente BAIRRO DE CAMPO DE OURIQUE,

RUA FERREIRA BORGES, 92-C

onde a nossa actividade bancária, comprovadamente moderna e eficiente, fica ao dispor dos habitantes desta zona.

ORGANIZAÇÃO BANCÁRIA
PINTO DE MAGALHÃES
PORTO LISBOA

AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E NO EXTERIOR

«MILLIE — RAPARIGA MODERNA» CONTINUA A DAR QUE FALAR...

Para inauguração da sua promissora temporada, o cinema Mundial escolheu, e em hora de felicidade, a estupenda comédia musical colorida «Millie, Rapariga Moderna», que há cinco semanas encanta, enternece e diverte o público lisboeta.

Protagonizada por esse espantoso caso de talento e simpatia que é Julie Andrews — hoje, a vedeta mais bem paga do mundo! — «Millie» decorre em Nova York por altura de 1922, uma «belle époque», em que o aparecimento do «charleston» fez esquecer (ou suavizar) o desenfreado «gangsterismo», e a moda descobriu, pela primeira vez, os joelhos das damas mais galantes...

Crítica irónica a esse mundo de então, aos seus desejos, aos seus amores, aos seus momentos de ócio e até aos seus cotumes, «Millie — Rapariga Moderna» é fundamentalmente um espectáculo sadio e alegre, que se vê com o mesmo entusiasmo uma, duas, três vezes.

A lindíssima música, de endiabrado ritmo, que agora já toda a rádio divulga com justificado êxito, e o interesse da história da modesta empregadinha que sonha casar com um milionário que a faça esquecer as obrigações do dia a dia, contribuem em alta escala para que o actual cartaz do cinema Mundial obtenha o maior dos sucessos e continue triunfante por muito tempo ainda!...

ABC CINE-CLUBE:

Futebol em cinema

A iniciar um ciclo dedicado ao «Desporto e Sociedade» exibe o ABC Cine-Clube de Lisboa amanhã (18 e 40), no Cinema Lys, a longa-metragem «Mundial de Futebol de 1966».

Antes da sessão aceitam-se inscrições para novos associados.

NOS PALCOS DO MUNDO

A companhia titular do Teatro Moratin, de Barcelona, alcançou êxito com a apresentação da obra dramática de Lope de Vega «O Castigo sem Vingança», no teatro principal de Saragoça, sob a direcção de Daniel Bohr.

SÍLVIA DOS TRÊS OLMEIROS E FRANÇOISE SAGAN NO PALCO DO S. LUIZ

Sílvia dos Três Olmeiros vem a Lisboa representar. É esta uma das novidades da «Temporada de Teatro Francês» para 1969, que a empresa do São Luiz reedita a partir de Janeiro.

Verdadeira coqueluche da TV francesa, conhecida também, desde há semanas, pelo público mais fiel da R. T. P. Evelyne Dandry assegura um papel secundário na célebre comédia «Pigmalião», de George Bernard Shaw, que teima em não perder a frescura com que os espectadores londrinos a conheceram em 1912. A versão parisiense a apresentar entre nós tem encenação de Pierre Franck («Prémio da Crítica») e os protagonistas são Pierre Vaneck e Marie Déa, respectivamente nos papéis do especialista de fonética e da florista que aquele resolve educar.

A «temporada francesa» do São Luiz inicia-se com «Fanny», de Marcel Pagnol (segunda peça da conhecida «Trilogia de Marselha», publicada em 1931 — entre «Marius» e «César»), encenada e representada por Henri Vilbert, ao lado de Lucien Barjon e Catharine Rouvel. Vem a seguir o divertimento «Comme au Théâtre», de Françoise Dorin, com Martine Sarcey, Renaud Mary e Michel Roux

Sagan no Chiado é outro dos «acontecimentos» que o São Luiz assegurou para as suas *galas* de espectáculos á tarde e á noite. Da festejada autora de «Bonjour, tristesse» lançada nos escaparates em 1954, teremos duas pequenas peças: «Le Cheval évanoui» e (a abrir o espectáculo) «L'échard». A encenação de Jacques Charron, com Jacques François nos dois protagonistas.

A «temporada francesa» apresenta ainda, além da comédia de G. B. Shaw, obras de Jean Marsen («Interdit au public», com Jean Le Poulain, Micheline Dax e Jacques Boudoin) e Felicien Marceau («Un jour j'ai rencontré la vérité», com François Périer e outros)

Évelyne Dandry (Sílvia dos Três Olmeiros) é uma das vedetas da próxima «Temporada de Teatro Francês» do São Luiz

ESTREIAS PARA 1968/69

XIV

Prosseguindo na publicação das listas anunciadas pelas distribuidoras portuguesas e relativas á temporada cinematográfica de 1968/69 inaugurada ultimamente nos «écrans» lisboetas, apresentamos hoje o programa previsto pela **Sonoro Filme**, de cuja lista fazem parte alguns títulos que destacamos:

A countess from Hong-Kong (A condessa de Hong-Kong), de Charles Chaplin, com Marlon Brando e Sophia Loren.

Throughly modern Millie (Millie, rapariga moderna), de George Roy Hill, com Julie Andrews, Carol Channing e James Fox.

Madigan (Os impiedosos de Nova Iorque), de Donald Siegel, com Richard Widmark, Henry Fonda e Inger Stevens.

Gambit (Ladrão roubado), de Ronald Neame, com Shirley Mac Laine e Michael Caine.

Rouggh night in Jericho (Luta de gigantes), ean Martin, George Peude Arnold Laven, com Dean Martin, George Peppard, Jean Simmons.

Tobruk (Tobruk), de Arthur Miller, com Rock Hudson, George Peppard, Nigel Green.

Games (Morte no 3.º andar), de Curtis Harrington, com Simone Signoret, James Caan e Katharine Ross.

Champagne murders (Cilada diabólica), de Claude Chabrol, com Anthony Perkins, Maurice Ronet e Ivone Furneaux.

The doomsday flight (Proibição de aterrar), de William Graham, com Jack Lord, Edmond O' Brien, Van Johnson e Katherine Crawford.

A mesma distribuidora anuncia ainda:

In enemy country (Em território inimigo), de Harry Keller (já estreado).

Banning (Um homem em leião), de Dick Berg.

The war wagon (O assalto ao carro blindado), de Burt Kennedy (já estreado).

Rosie (Os milionários), de David Lowell Rich.

Deadly roulette (a roleta da morte), de William Hale.

The king's pirate (O pirata do rei), de Don Weiss.

Gunfight in Abilene (O duelo da vingança), de William Hale.

Valley of mystery (O vale do mistério), de Joseph Leytes.

The longest hundred miles (Sob o fogo da metralha), de Don Weiss.

The ride of hangman's tree (O bandoleiro negro), de Alan Rafkin.

Jigsaw (O mosaico do terror), de James Goldstone.

The Borgia stick (F. B. I. contra a Mafia), de David Lowel Rich.

Sullivan's empire (O império da selva), de Harvey Hart.

EM NOVIDADES LITERÁRIAS

TRINTA E SEIS POEMAS E UMA ALELUIA ERÓTICA
Federico Garcia Lorca
COM UMA ODE DE PABLO NERUDA
Tradução de EUGÉNIO DE ANDRADE
Colecção «AS MÃOS E OS FRUTOS»
55$00

BONNIE E CLYDE
Miriam Allen deFord
ERA BONNIE NINFOMANIACA? E CLYDE HOMOSSEXUAL? AMAVAM-SE REALMENTE?
Colecção «OFÍCIO DE VIVER»
50$00

ASAS DE ISRAEL
Ben Dan
A AVIAÇÃO DE ISRAEL DESTROÇOU OS EXÉRCITOS ÁRABES EM 6 DIAS
COMO? E PORQUÊ?
Colecção «OFÍCIO DE VIVER»
50$00

EDITORIAL INOVA LIMITADA

BREVEMENTE EM EXPOSIÇÃO EM TODO O PAÍS
O NOVO
VW 411
o primeiro Volkswagen com
4 PORTAS
SOC. COM. GUÉRIN, S.A.R.L.

Notícias dos estúdios

O realizador Edward Dmytryk vai dirigir a película «Act of Anger», extraída do romance de Bart Spicer. O filme, que narra a história de um homicídio, assinala o regresso de Dmytryk a Hollywood, depois de uma ausência de dois anos, durante os quais realizou, entre outras películas, ««Lo Sbarco di Anzio» e «Shalako», com Sean Connery e Brigitte Bardot.

*

Começaram no Novo México as rodagens do filme «Os Bons e os Maus», com Robert Mitchum e George Kennedy. Trata-se de um «western» espectacular em «tecnicolor» e «panavision», dirigido por Burt Kennedy.

*

«Viagem ao Fim da Noite», o romance do escritor francês Ferdinand Celine, vai ser levado ao «écran». O autor já tinha pensado num projecto de filme e vendera os direitos de adaptação a Jean-Paul Guibert, que encarregou o jovem realizador Phillippe Fourastié da difícil tarefa de dirigir a película, extraída de um livro tão complexo.

NO REGRESSO DE ÁFRICA

TONY DE MATOS AGORA COMERCIANTE

• Uma editora musical em Angola, nos planos (imediatos) do «cantor da voz romântica»

Tony de Matos: quinto circuito a terras africanas. Desta vez, como atracção da companhia de revistas do empresário José Miguel, esteve em Angola e Moçambique. Mais tarde, exclusivamente á cabeça de «shows» musicais, cumpriu nova série de espectáculos: muitos aplausos e bastante dinheiro culminaram essa etapa.

— *E, também, muitas novidades* — diz-nos o cançonetista. — *No regresso a Luanda, estive durante quarenta dias no elenco da «Boîte Embaixador». Foi aí que nasceu um projecto: o de ingressar na vida comercial angolana.*

Explica:

— *Firmei acordo com um empresário local (José Barroso) exactamente para ficar a orientar artisticamente a «Boîte Embaixador», que está a sofrer obras de beneficiação e mudará de título, passando a denominar-se «El Dorado». Por cima da «boîte» vai localizar-se outra sala de espectáculos: o «Hall City», exclusivamente destinado á actuação de intérpretes de fado e «music-hall». A este recinto tencionamos fazer deslocar cotados artistas portugueses e estrangeiros que possam agradar a um publico (o angolano) conhecedor e esclarecido.*

• Uma fábrica de discos e um cine-teatro

Digamos, agora, que as obras no «El Dorado» e no «Hall City» devem concluir-se em fins de Dezembro. Como Tony de Matos, por essa altura, estará a actuar no Teatro ABC (de Lisboa) outros artistas vão inaugurar aquelas salas.

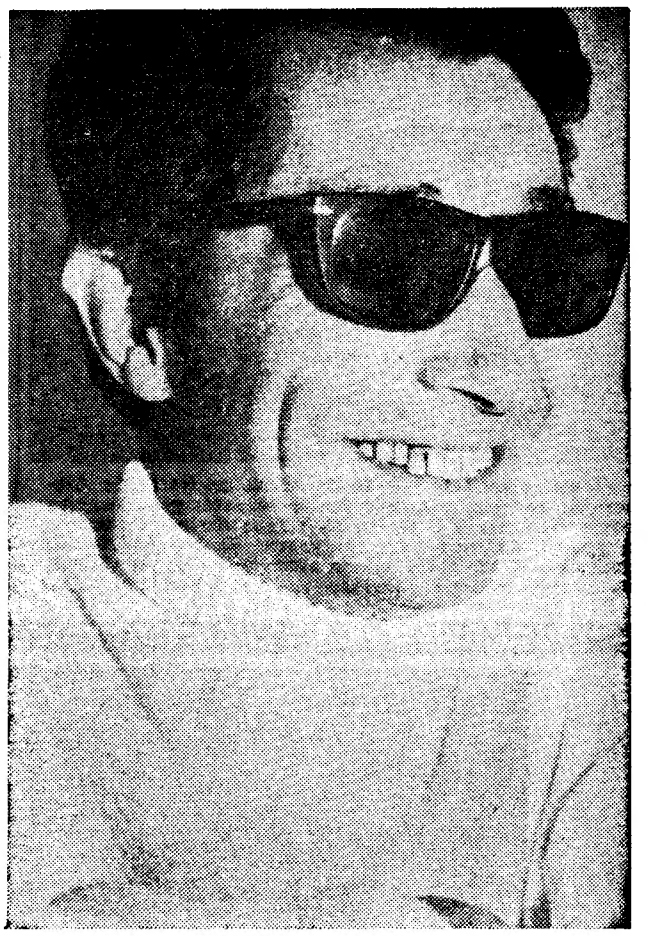
Mas, isto não é tudo, em matéria de empreendimentos a que o popular intérprete da canção vai associar-se. Ele próprio o afirma:

— *A mesma organização em que agora ingressei, propõe-se montar, em Luanda, uma fábrica de prensagem e gravação de discos, a funcionar em bases puramente comerciais. E, para mais tarde, inaugurar uma discoteca e construir um cine-teatro. Cremos que o negócio é rentável: a apoiá-lo, na fase inicial, encontra-se um grupo de accionistas verdadeiramente entusiastas.*

Aliás, Tony de Matos já se introduziu na florescente industria musical: associado de Emílio Mateus na etiqueta «Estudio», é «responsável» pela revelação de novos valores artísticos caso de Artur Rodrigues (em especial).

•

O artista não tem mãos a medir: convites para voltar ao Brasil (de Joaquim Saraiva para «Lisboa á Noite», de Luís Campos para «Abril em Portugal»), um disco que será hoje mesmo lançado no mércado (muita esperança em «Morri ontem», da dupla Jorge Rosa-João Vasconcelos), canções angolanas para um LP («Maria Trapeira» é o título-base) e, ainda, dois programas para a R. T. P., um dos quais ao lado de Simone de Oliveira. Tudo isto e teatro: esta tarde, lá estará (no ABC) a tomar contacto com três melodias que, cantadas duas vezes por noite, lhe vão garantir trinta contos de «cachet» mensal.



Toni de Matos — um sorriso de confiança no futuro

Vão ser reatadas as actividades do Colégio Universitário Pio XII

O tema «Universidades para os próximos 30 anos: educação superior escolar e não escolar para povos em explosão demográfica e sociedades em mudança» foi o escolhido pelo prof. Almerindo Lessa para a conferência que esta noite profere, na abertura das actividades culturais do Colégio Universitário Pio XII, no corrente ano lectivo.

Presidirá ao acto, marcado para as 21 e 30, o prof. Adriano Moreira, director do I. S. C. S. P. U. e presidente da Sociedade de Geografia.

A lavadeira HILTON trabalha sem parar, mas nunca se queixa. Faz barrela (saponária), conserva a água à temperatura ideal para cada tecido, inicia a lavagem sem que a senhora esteja presente (é automática), trabalha depressa, com perfeição... e é tão económica !...
Em sua casa, a Senhora não precisa «também» de ser a lavadeira. COMPRE UMA. Mas escolha a melhor... uma HILTON... sem dúvida!

MÁQUINAS DE LAVAR

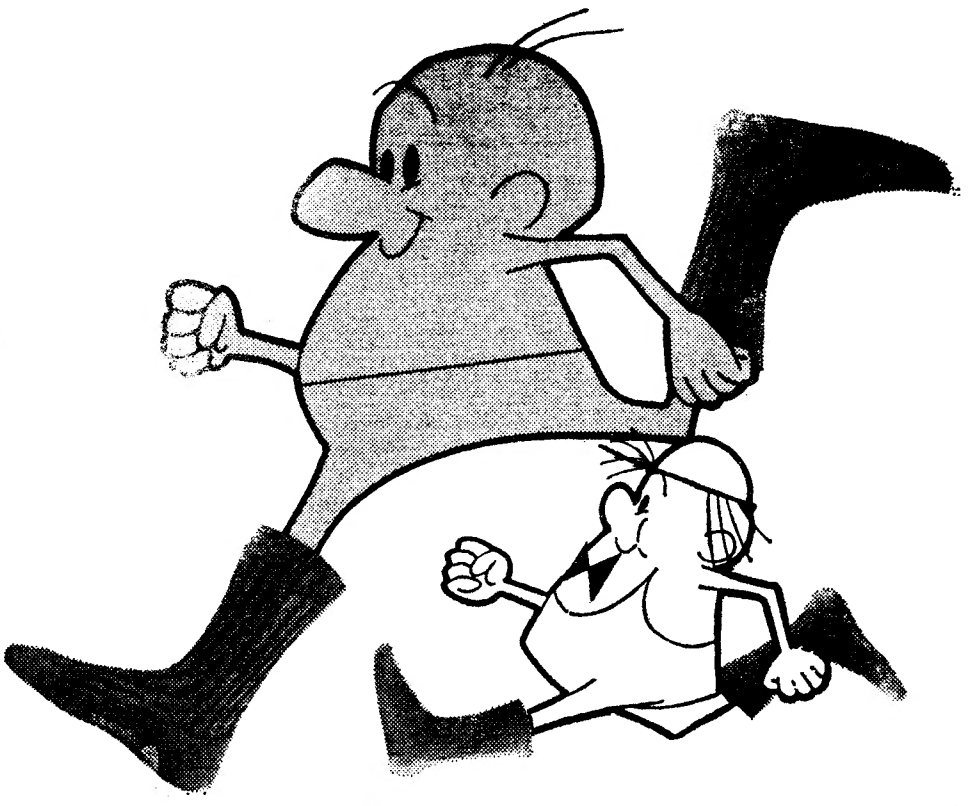
Hilton

O DETERGENTE ESPECIAL skip É O MEU PREFERIDO.

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL Frigel PORTO — LISBOA

A VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

A BETA DAS 7 LÉGUAS



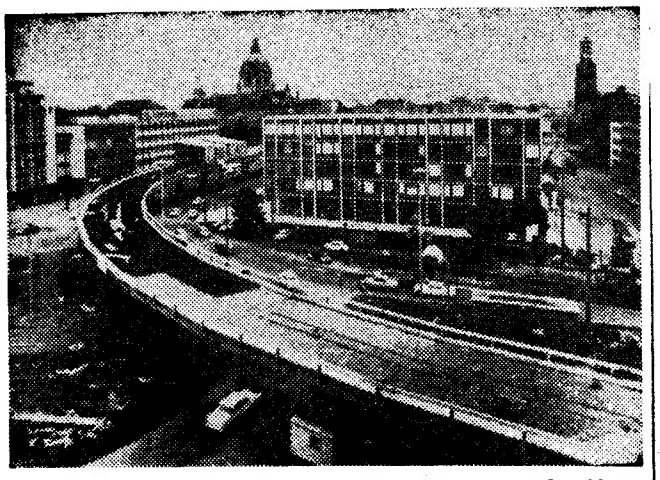
Queremos dizer com isto que sete léguas não é nada, comparado com a sua duração. É natural. As MEIAS BETA, em PURA LÃ VIRGEM, sob controle WOOLMARK, são fabricadas com as melhores lãs, e beneficiam ainda de um tratamento especial contra o encolhimento e a feltragem. Mais resistência, mais elasticidade, mais suavidade com... BETA!

PURA LÃ VIRGEM confie na WOOLMARK

BETA

PEÚGAS PARA HOMEM E CRIANÇA

CAMPANHA CONJUNTA SIL-BETA



Hanover uma bela cidade de feiras no Norte da Alemanha, que tem merecido tantos louvores pela maneira como reconstruiu o centro da cidade destruído durante a guerra, dá mais uma vez provas do seu espírito de progresso. A sua mais recente atracção é o maior viaduto de aço da Europa, montado em cinco fins-de-semana.

Prisões abertas e semiliberdade:

hipóteses a encarar pelos Serviços Prisionais

Terminou a reunião dos directores de estabelecimentos, chefes de repartição e inspectores dos Serviços Prisionais, que, sob a presidência do director-geral dos mesmos Serviços, sr. dr. Guardado Lopes, procedeu ao estudo das Regras Mínimas do Tratamento Penitenciário aprovadas no Congresso das Nações Unidas de 1955.

Tais regras traçam uma linha de orientação para o tratamento penitenciário, situando-se a um nível raramente atingido pelas legislações penitenciárias dos diferentes países, como se verificou na última reunião do Grupo Consultivo das Nações Unidas. A comparação dessas regras mínimas com a organização prisional portuguesa, estabelecida pelo Decreto n.º 26 643, de 28 de Maio de 1936, demonstra, entretanto, uma coincidência de soluções mais de uma vez salientada em reuniões internacionais.

Verificou-se também, que as possibilidades atingidas pelos serviços e a experiência das últimas dezenas de anos consentem certos aperfeiçoamentos e, em alguns casos, ensaios de soluções já tentados noutros países: prisões abertas, semiliberdade, regime de provas, etc. — que, a serem realizados, careceriam de conveniente regulamentação.

Sob a presidência do sr. dr. Campos Costa, director da Escola Prática de Ciências Criminais, procedeu-se ainda, ao estudo da simplificação dos serviços, em ordem á sua maior economia e eficiência.

A encerrar a reunião, o director-geral dos Serviços Prisionais pôs em relevo a importância dos trabalhos realizados e prestou a sua homenagem ao ministro da Justiça, que desde a primeira hora apoiou aquela reunião de estudos e a quis distinguir com a sua presença á sessão inaugural. Finalmente, recordou com saudade os profs. drs. Manuel Rodrigues e Beleza dos Santos, que, com a publicação da Organização Prisional Portuguesa, em 1936, lançaram as bases da obra, prosseguida, depois, pelos sucessivos ministros.

O ministro em Alcoentre

Na sequência destes trabalhos, o titular da pasta da Justiça, acompanhado pelo director-geral dos Serviços Prisionais, visitou a Colónia Penitenciária de Alcoentre e as obras da futura Cadeia Penitenciária.

O prof dr. Almeida Costa era aguardado pelo director-geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, eng.º Pena da Silva; director da Colónia Penitenciária, dr. Leal de Oliveira; eng.º Pedreira de Almeida, da Comissão das Construções Prisionais; e arquitecto Rodrigues Lima, autor do projecto da nova Cadeia Penitenciária.

A Colónia Penitenciária de Alcoentre tem características de estabelecimento penal agrícola e destina-se especialmente a condenados a longas penas de prisão, de proveniência rural. Mantém elevado número de reclusos em regime de confiança, que lhes permite apreciável liberdade dentro do estabelecimento. O número de reclusos que desde a abertura da Colónia (em 1943) passaram por este regime ascende já a várias centenas.

O ministro percorreu as dependências da parte prisional, oficinas e instalações agro-pecuárias, visitando, seguidamente, os trabalhos de construção da futura Cadeia Penitenciária, realizada com mão-de-obra prisional.

Morreu no hospital o desconhecido que foi atropelado

Morreu no Hospital de S. José, onde entrara ontem, como noticiámos, um desconhecido que foi atropelado na Avenida Columbano Bordalo Pinheiro.

Aparenta 40 a 45 anos e continua por identificar.

Presentes de Natal no estrangeiro! Faça essa surpresa aos seus amigos! É fácil. Encarregue uma Casa Exportadora de Vinho do Porto de o fazer.

Resolva desde já!

E não se esqueça dos seus amigos em Portugal.

VINHO DO PORTO

A BEBIDA DAS PESSOAS DISTINTAS

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L.

FILIAIS, AGÊNTES E OFICINAS AUTORIZADAS EM: AMADORA, ANGRA DO HEROÍSMO, ARRIFANA, AVEIRO, BEJA, BOMBARRAL, BRAGA, CALDAS DA RAINHA, CASTELO BRANCO, CHAVES, COIMBRA, COVA DA PIEDADE, COVILHÃ, ELVAS, ESTREMOZ, ÉVORA, FARO, FUNCHAL, GUARDA, GUIMARÃES, HORTA, LEIRIA, LISBOA (Av. Padre Manuel da Nóbrega - R. Escola Politécnica), MIRANDELA, MOURA, PONTA DELGADA, PONTE DE SOR, PORTALEGRE, PORTIMÃO, PORTO, SANTARÉM, SANTIAGO DO CACÉM, SANTO TIRSO, SÃO TOMÉ, SETÚBAL, TOMAR, TORRES VEDRAS, V. DO CASTELO, VILA REAL, VISEU

Em três linhas

O eng.º Luís Fernando Campos Nunes de Sousa foi nomeado secretário do Gabinete do ministro de Estado adjunto do Presidente do Conselho.

///

A Camara Municipal de Faro foi autorizada a alienar aos herdeiros de Maria Helena Sancho Pinto Medeiros uma parcela de terreno no valor de 133 920$00, na Rua dos Celeiros naquela cidade.

///

O eng.º António Manuel Rato foi nomeado delegado do Governo junto da Companhia Carris de Ferro de Lisboa

///

A portaria n.º 23 710 do Ministério da Marinha aumenta ao efectivo dos navios da Armada, na situação de armamento normal, a partir de 23 de Novembro, a fragata «Comandante Roberto Ivens», a qual ficará a pertencer á classe «Comandante João Belo»

///

Pela ultima «Ordem do Exército» é nomeado secretário do Gabinete do Presidente do Conselho o major do C. E. M. Augusto Jorge da Silveira Reis.

///

Foi nomeado chefe do Gabinete do ministro da Defesa Nacional o capitão-de-mar-e-guerra João Carlos Gomes e Trindade.

LIVROS NOVOS

«MADRE ANTIGA» — Novo romance de Joaquim Lagoeiro

Joaquim Lagoeiro, romancista voltado corajosamente para os grandes problemas do nosso tempo e cuja carreira literária se exorna de expressivos êxitos dá-nos neste seu novo livro. «Madre Antiga», um dos aspectos mais cruciantes desse problema que não é de hoje mas adquire nos nossos dias acuidade transcendente — o da emigração. Nesta *história de emigração* vibra o amor á terra, que se torna áspera, escalvada, mas acorrenta os que nela nascidos jamais dela se desprendem, até aqueles os mais jovens, os válidos e vigorosos que a deixam a esvair-se nas suas fontes de fecundidade, abandonando o agro, em busca de horizontes promissores, mais vastos noutras paragens onde a vida lhes seja menos difícil e mais propícia á realização das humanas aspirações.

Neste aliciante romance sente-se palpitar a *terra madre*, «cujas camadas são a carne e os ossos o sangue e as almas dos seus filhos que, através dos séculos, não desertaram. Mas sopram ventos que bolem com o povo. Desarvora a mocidade, fica a terra-mãe sózinha, ninguém para uma sede de água. Feita solão arreganha, e nas primaveras das cachopas faltam asas e brisas, nenhum insecto zumbe ao derredor das flores, apesar das pétalas dos lenços garridos que acenam. Melam, que os homens perdidos, só Deus sabedor se para nunca mais.»

JOAQUIM LAGOEIRO

Estamos diante de um livro pleno de interesse, no qual o autor, testemunha de acontecimentos, observador de casos que definem dramas e inquietações, descreve o que vê como romancista atento e interessado nos problemas humanos — daí resultando que tais problemas nos surgem na sua flagrante realidade.

Em «Madre Antiga» reafirma Joaquim Lagoeiro a sua vincada personalidade os seus talentos de escritor, cujos livros, além da atracção dos temas e dos conflitos, têm o encanto de uma poesia envolvente, através da linguagem dúctil, com a clareza e a cintilação de um estilo que encanta. Edição, cuidada, da Minerva

Montepio Geral

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS

Fundada em 1840

ASSEMBLEIA GERAL

Sessão Extraordinária

Prossegue amanhã, dia 15, pelas 21 horas, na sua Sede, a Assembleia Geral Extraordinária para a discusão e votação do projecto da Reforma dos Estatutos da Caixa Económica de Lisboa, elaborado pela Comissão eleita na Assembleia Geral Extraordinária de 16-5-68.

CAIXA DE REFORMAS DOS JORNALISTAS

Está publicado o relatório da Caixa de Reformas dos Jornalistas referente á gerência do ano findo, o qual inclui ainda as contas respeitantes ao mesmo período.

Depois de se salientar que a direcção continuou a tentar resolver os assuntos relativos á fixação da idade da reforma por velhice nos 65 anos e ao aumento das pensões de sobrevivência que vêm sendo pagas ás viuvas, referem-se as diligências efectuadas para a integração do organismo na Caixa Nacional de Pensões.

São contribuintes da instituição 29 jornais diários e 6 agências de notícias. Durante o período, foram contabilizadas contribuições no montante de 2 646 858$31. O adicional sobre a publicidade totalizou 2 228 788$41.

Pela análise do balanço verifica-se que o disponível cobre, por larga margem, o exigível a curto prazo, o que significa que a Caixa goza de estabilidade financeira relativamente aos compromissos imediatos. Para satisfação dos compromissos futuros a Caixa dispõe de 43 183 822$65.

A conta geral da gerência acusa uma despesa, igual á receita, no montante de 6 948 752$14.

ESTÃO JÁ PRESOS

UM INDIVÍDUO E UMA PARTEIRA COM RESPONSABILIDADES NA MORTE DA RAPARIGA DE CASTRO DAIRE

COIMBRA, 14 — A Polícia Judiciária está empenhada em amplas investigações para esclarecimento do caso daquela rapariga, de nome Maria Carolina Pinto da Cruz de Sousa de Castro Daire, que na sexta-feira, foi conduzida a uma clínica desta cidade já sem vida

Embora se esteja ainda longe de se considerar apurada toda a verdade, muito já sabem os investigadores que têm desenvolvido aturada actividade, dentro do maior sigilo, como é natural.

Entretanto, chegou ao nosso conhecimento e disso damos notícia, por não causar qualquer embaraço ás investigações, que já foi detido um dos responsáveis pela morte da Carolina Trata-se de Artur Abrantes, de 31 anos, casado, empreiteiro de obras públicas, natural de Vendas de Galizas (Oliveira do Hospital), onde mora, mas residindo agora, acidentalmente, em Castro Daire, por trazer obras em curso na região. Mantinha relações íntimas com a infeliz rapariga

Está detida também, uma parteira, cuja identidade a seu tempo será tornada pública, a qual interveio no triste caso.

A Polícia Judiciária tem outras diligências em curso, sobre as quais se mantém o conveniente silêncio, até completo esclarecimento do drama

Conferências

Na Sociedade Histórica da Independência de Portugal

O dr. José de Oliveira Boléo, da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, profere hoje dias 14, as 18 e 30, no salão nobre do Palácio da Independência, uma conferência sobre «Esperança e descrença na riqueza mineira dos reinos do Monomotapa».

ASSALTOS E ROUBOS EM SÉRIE NO PINHAL NOVO

PINHAL NOVO, 14 — Os gatunos voltam a estar activos nesta localidade e redondezas. Assim o sr Manuel Marques, de 35 anos solteiro, empregado na C U. F., quando se dirigia para casa, do Pinhal Novo para Terrim, foi assaltado ao quilómetro 14, junto á linha férrea

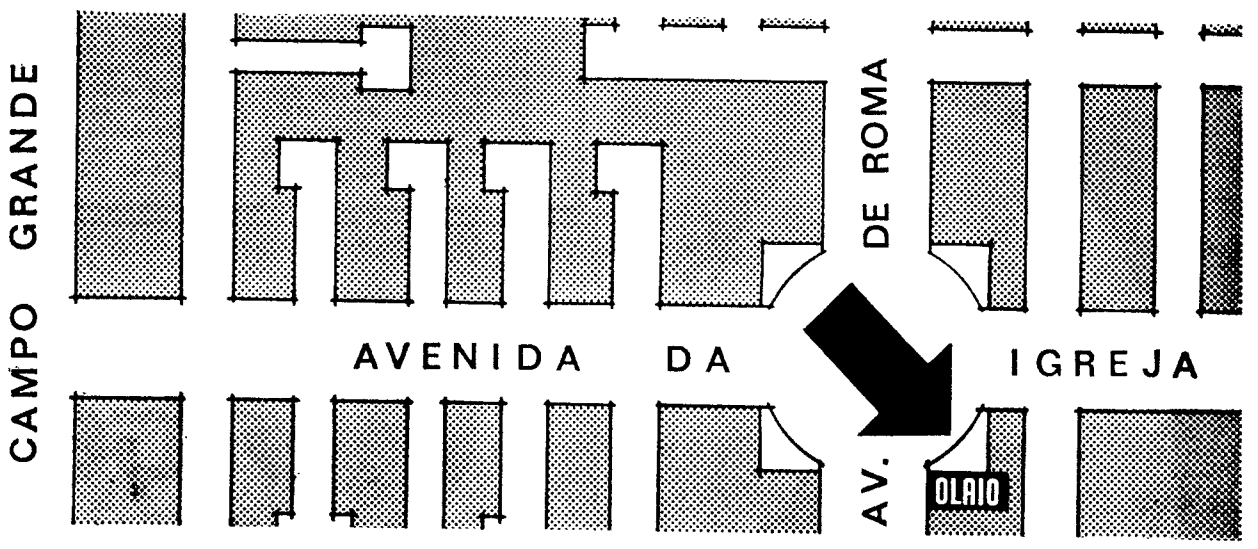
Eram dois os assaltantes, não dentificados que o maltrataram, agrediram, deixando-o muito ferido, e lhe roubaram a carteira com 400$00, o relógio, no valor de 800$00, e dois anéis no valor de 2000$00

Por outro lado, ao sr António Palheiras empregado do Município, assaltaram-lhe o quintal, donde roubaram 6 galinhas e 4 coelhos, no valor total de 400$00; e á sr.ª D Otília Baptista modista, residente na Av Marechal Carmona furtaram a capoeira, que abandonaram, partida, no campo depois de dentro dela terem retirado todos os galináceos. Finalmente, ao comerciante sr. José Cordas furtaram a motorizada, que tinha deixado á porta do seu estabelecimento

móveis OLAIO FILIAL

CONFORME FOI ANUNCIADO OLAIO COMUNICA A ABERTURA AO PÚBLICO DA SUA FILIAL,

SÁBADO 16 DE NOVEMBRO DE 1968



LARGO FREI LUIS DE SOUSA, 18 B (ALVALADE)

Acompanhando a evolução técnica no ramo do mobiliário, Olaio, acompanha também o ritmo crescente da cidade de Lisboa, promovendo a abertura da sua filial numa das zonas novas da cidade.

OLAIO

JOSÉ OLAIO & C.ª (FILHO)

LISBOA-Rua da Atalaia, 36/46 Telef. 36 25 25/36 76 57/32 18 70

PORTO-R. St.º Antônio, 225/226 Telef. 2 16 83

✝

DOUTOR RAPHAEL DE SALDANHA E SILVA MARRECA DA CUNHA FRANCO

MISSA DO 7.º DIA

Maria Amália de Campos Marreca, José Ernesto Pereira Marreca, Maria Lucia Marreca de Matos Botica e seu marido António José Pedro Saldanha Marreca, sua mulher e mais Família, participam que amanhã, dia 15, pelas 12,00 horas na Igreja de Santos-o-Velho, em Lisboa, e dia 16, às 18 horas na Igreja da Golegã serão celebradas missas pelo eterno descanso do seu muito estimado primo e parente.

P N. A. M.

A necessidade de fortalecer o nosso património cinegético salientada na tomada de posse do Conselho Superior de Caça

No salão de reuniões do Ministério da Economia tomou posse esta manhã o Conselho Superior de Caça, criado pela Lei n.º 2153, de 26 de Maio de 1967, e que fica a constituir a cupula de toda a organica estabelecida pela Lei da Caça.

Como o secretário de Estado da Agricultura, prof. eng.º Vitória Pires, que conferiu a posse, sublinhou nas palavras que proferiu, são muito importantes as atribuições do organismo que entra em funcionamento, competindo dar parecer sobre os mais importantes problemas relacionados com a caça, «*desde o condicionamento dos períodos venatórios aos processos de caça, á protecção a diversas espécies cinegéticas, á constituição de reservas e de postos de criação artificial de caça, á concessão de coutadas tendo em vista, dentro da ordem de preferência estabelecida na Lei, o interesse turístico e cinegético*».

O prof. Vitória Pires afirmou ainda que o atraso na formação do conselho se ficou a dever ao elevado numero de membros que a compõem, mas o que se perdeu em tempo ganhou-se na qualidade dos elementos escolhidos. E em outro passo:

Centros de criação de espécies cinegéticas

«*E' absolutamente necessário fortalecer o património cinegético nacional para o que se impõe facilitar todas as actividades oficiais e particulares que tenham em vista o seu desenvolvimento*».

Salientou depois que «*com essa finalidade a Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas já tem a funcionar alguns postos de criação artificial de perdizes, como o de Alcoentre, o de Vila Fernando, os de Tavira e Gafanha, encontrando-se em instalação mais dois nos concelhos de Bragança e Cabeceiras de Basto. Estes postos e outros que certamente virão a ser instalados* — afirmou — *devem permitir o lançamento anual de alguns milhares de perdizes nos terrenos mais necessitados. Por outro lado, o Parque Nacional do Gerez, que se deseja desenvolver e enriquecer, constituirá um centro de criação de várias espécies cinegéticas com possibilidades de apoio á criação da caça grossa. Deseja-se que toda esta acção dos Serviços Florestais seja intensificada e seguida por outros organismos a par de uma actuação criteriosa, justa e firme, da fiscalização*».

A terminar o secretário de Estado da Agricultura agradeceu a colaboração dos empossados, em nome dos quais falaram os srs. drs. Candido de Medeiros e Freitas da Cruz. O conselho teve, á tarde, a sua primeira reunião de trabalho, para apreciar alguns processos de resolução mais urgente.

FESTA DA DINASTIA DA BÉLGICA

Amanhã, para assinalar a passagem da Festa da Dinastia da Bélgica, o encarregado de negócios daquele país em Lisboa e a senhora de Lebacq recebem a colónia belga em Portugal e todos os seus compatriotas que entre nós se encontrem de passagem, na residência, Rua Gárcia de Orta, 45, ás 18 e 30. Entretanto, de manhã, ás 11 e 30, será celebrado um «Te Deum» na igreja de São Luís, ás Portas de Santo Antão.

Necrologia

SUFRÁGIOS

Maria Amélia Monteiro Ramos

Missa do 14.º Aniversário

Seu marido e mais família mandam celebrar missa pelo eterno descanso de sua querida Mulher e Parente, amanhã, dia 15, às 10 horas e 30 minutos, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima.

«Miss Espanha» (á direita), Maria Amparo Lorenza, que desistiu de participar no concurso «Miss Mundo», a disputar hoje, em Londres, fotografada junto da concorrente de Gibraltar Sandra Sanguinetti. (Telefoto para o «Diário de Lisboa»)

«MISS ESPANHA» (QUE DESISTIU) TINHA SÉRIAS POSSIBILIDADES DE SE TORNAR «MISS MUNDO»

LONDRES, 14 — (F. P.) — Amparo Rodrigo Lorenza, a primeira beldade espanhola a apresentar-se como candidata ao título de «Miss Mundo», desistiu de participar no concurso, depois de uma altercação que teve, esta noite, com a «Miss Gibraltar», Sandra Sanguinetti. Maria Amparo Lorenza mostrou-se furiosa com as declarações de «Miss Gibraltar» ao jornal «Gibraltar Chronicle», segundo as quais esta se encontrava contente por haver este ano no concurso uma «Miss Espanha» porque isso a levava a concluir que Madrid reconhecia Gibraltar como um território britanico. De acordo com informes de boa fonte, Amparo Lorenza já teria partido de Londres.

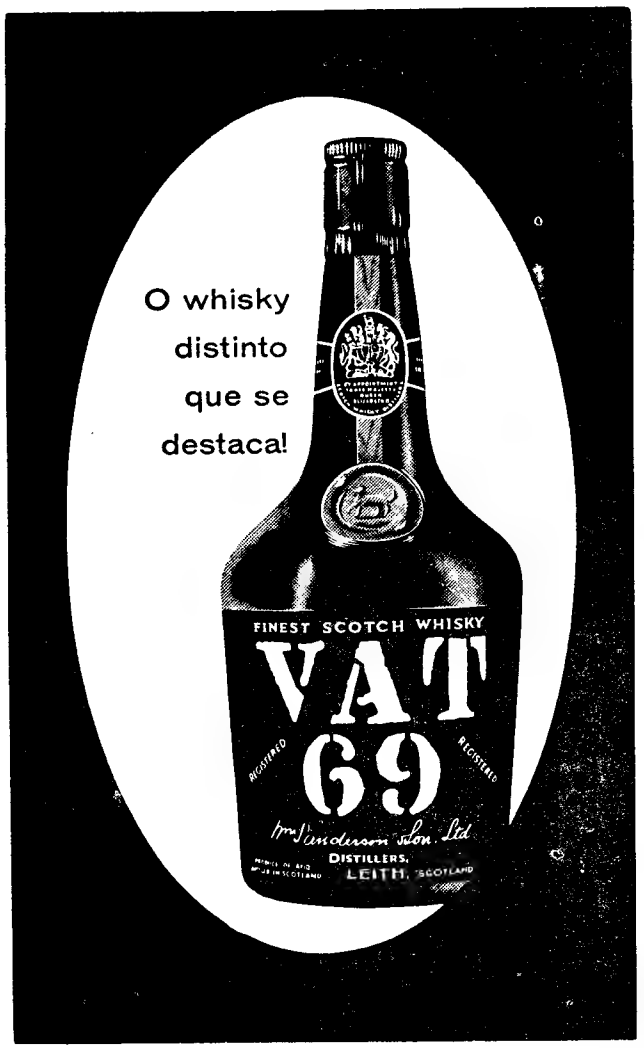
A maior parte dos cerca de oitenta parentes e simpatizantes que a tinham acompanhado desde Valência, num avião fretado especialmente, também já regressaram ao ponto de partida.

Correm duas versões a propósito deste caso político-estético que deu novo alento a uma campanha eleitoral até aqui bastante fraca: dizem uns que partiu da morena Amparo, com olhos de fogo, a iniciativa de «cortar as relações», indo-se embora e batendo com a porta. Dizem outros que foram os próprios organizadores que lhe comunicaram que se havia desclassificado, na sua investida contra «Miss Gibraltar», com o que deu razão a esta. Mas «Miss Espanha» (19 anos, 1,68 metros, 57 quilos, estatísticas vitais: 88-58-88) não se teria retirado de orelha murcha, muito longe disso: «O que fiz, fi-lo pelo meu país» — teriam sido as suas ultimas palavras... oficiais.

Note-se que Amparo Rodrigo Lorenza tinha boas probabilidades de ganhar o título que vão disputar as 52 concorrentes agora em liça. As cotações mais recentes davam-na 20 contra um — com as «Misses» França, Austria, Grécia, Suíça e Reino Unido — enquanto a favorita, a «Miss Israel», mantém a cotação de 10-1.

A desistência da «miss» Espanha dá tanto mais que falar, quanto ela tinha sido a unica posta em relevo pela Imprensa inglesa. Com efeito, insistiba em ser acompanhada, em toda a parte, pela nutrida parentela que a tinha escoltado desde Valência: o amor da família, elevado a tão alto grau, impressionara imenso os britanicos, mas não preocupava menos os organizadores do concurso, que receavam, possívelmente, movimentos de massas, na altura da eleição. Talvez não tenham ficado descontentes vendo surgir o incidente diplomático que provocou a retirada daquela «miss».

Agora, é febril a actividade das candidatas que depois de se terem mostrado, successivamente, desde o dia 9 deste mês, com trajo de andar na rua, na Camara dos Comuns, com o trajo nacional, numa festa de beneficência, com vestido de noite, noutra recepção, e com «maillot» de banho, aos fotógrafos, passaram a véspera do dia «D» nas mãos dos cabeleireiros. Mas a sua excitação não é partilhada pelo grande publico nem pelos jornais, e lembra-se, em contraste, que o ano passado, os fotógrafos da Imprensa «elegeram» «miss» Peru» como «miss» Mundo». Muito antes da decisão ter sido confirmada pelo juri. Será de ver nesta indiferença uma consequência indirecta da mini-mini-saia que revela encantos suficientes aos ingleses «at home», para se desinteressarem das importações? O certo é que, desta vez, as candidatas se aproximam da meta em pelotão cerrado e que o juri — cujos membros são anunciados á ultima hora — não terá hoje uma tarefa simples.



tesa-moll

FITA ADESIVA
para calafetar portas e janelas

Aplicação fácil e rápida
pela sua qualidade auto-adesiva

Preços a partir de 10$0ᴜ

«É tão confortável a nossa casa...
tesa-moll está nas portas e janelas»

Um aspecto da reunião

O MINISTRO DE ESTADO APRECIOU A ACTIVIDADE DO I. N. I. I. NUMA VISITA HOJE EFECTUADA

No prosseguimento das suas reuniões de estudo e trabalho, o ministro de Estado, sr. eng.º Vaz Pinto, e o secretário de Estado da Indústria, sr. eng.º Amaro da Costa, visitaram hoje o Instituto Nacional de Investigação Industrial.

Acompanharam aqueles membros do Governo os srs. prof. Leite Pinto, presidente da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, dr. Amaro Duarte Guerreiro, director do Instituto Nacional de Estatística, drs. Nuno Morgado e João Salgueiro, respectivamente director-geral e director dos Serviços de Planeamento do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho, e eng.º Luís Fernando Campos Nunes Sousa, secretário do ministro de Estado e dr. Manuel Rafael Lopes Amaro da Costa, chefe do gabinete do secretário de Estado.

Os visitantes foram recebidos pelo eng.º Magalhães Ramalho e dr. Jaime Loureiro, director e subdirector do I. N. I. I., prof. Eugénio Tropa, chefe do Grupo de Laboratórios de Biologia e Química, eng.º Cardoso dos Santos e dr. João Cruzeiro, responsáveis pelos Serviços de Produtividade e de Estudos Económicos e de Desenvolvimento Industrial, eng.º Brás Frade, chefe do Grupo de Formação, eng.º Geada, Diogo-Costa, António Carvalho e Tomás Mateus, responsáveis pelos Núcleos de Electroquímica e Corrosão, Metalurgia, Vidro e Madeira, eng.º Silva Serra e escultora D. Helena Matos, responsáveis, respectivamente, pelo Centro de Documentação e Núcleo de Arte e Arquitectura Industrial, e dr. Garcia Junior, administrador da Fábrica-Escola Irmãos Stephens, da Marinha Grande, um serviço externo do I. N. I. I. em que trabalham mais de 700 pessoas.

O director do I. N. I. I. fez uma larga exposição das actividades do Instituto e sublinhou a manifesta desproporção entre a obra realizada e os escassos meios financeiros, humanos e de instalações ao dispor daquele Instituto.

Tal situação encontra-se patente no facto de o I. N. I. I. não ter edifício próprio: funciona em casas e terrenos alugados.

Constitui um paradoxo tamanha desatenção, «*dado que a indústria contribui para o produto nacional com 36 por cento, de longe a maior dos principais sectores da actividade.*»

Procedeu-se, em seguida, a uma visita á exposição dos trabalhos do Instituto e aos laboratórios de biologia e química.

VIDA POLÍTICA

PRESIDENTE DO CONSELHO

O sr. Presidente do Conselho trabalhou, esta tarde, com o ministro de Estado, sr. eng.º Vaz Pinto, e recebeu o sr. dr. Vale Guimarães, governador civil do distrito de Aveiro.

● **Ministro do Ultramar**

O ministro do Ultramar, sr. prof. Silva Cunha, presidiu, esta manhã, a uma reunião de trabalho do Conselho dos Directores-Gerais do seu ministério.

A tarde, trabalhou com o governador-geral de Moçambique, sr. dr. Rebelo de Sousa, e com o governador da Guiné, sr. brigadeiro Sebastião de Spínola, tendo recebido ainda o prelado de Nova Lisboa.

● **Ministro das Obras Públicas**

O sr. eng.º Rui Sanches recebeu os srs. embaixador de Espanha, eng.º Azevedo Coutinho, governador civil de Braga, acompanhado do presidente da Câmara de Esposende, Francisco Cazal-Ribeiro, João Felix de Mira, presidente das Câmaras Municipais de Braga, Santa Cruz das Flores e Covilhã.

● **Secretário de Estado da Indústria**

O sr. eng.º Amaro da Costa recebeu o prof. dr. Fernando Pires de Lima, o governador do distrito autónomo de Ponta Delgada, o eng.º Fernando Lino Gonçalves, o eng.º Joaquim Carvalho de Macedo, o presidente do Município de Grandola, Manuel Rosetta Fino e Albino Carneiro.

Uma força naval da N. A. T. O. vem a Lisboa

Uma força naval permanente da N. A. T. O. (Nato Standing Naval Force Atlantic) chega a Lisboa no dia 21 deste mês.

A força é constituída pela fragata «Argonaut» e pelos «destroyers» «Zeeland» e «Glennon», dos Estados Unidos da América. No dia 25, chegará a fragata inglesa «Dido», que se incorporará na força.

Terminaram os trabalhos da mesa-redonda Internacional de Medicina Escolar Universitária

Terminaram esta manhã os trabalhos da Mesa-Redonda Internacional de Medicina Escolar Universitária, iniciados na passada segunda-feira e que decorreram na sede dos Serviços Médico-Sociais Universitários de Lisboa, sendo presidente de honra o prof. Robert Debré e presidente efectivo o prof. Vasco Bruto da Costa respectivamente, presidente e vice-presidente da União Internacional de Higiene e Medicina Escolares Universitárias.

Hoje decorreu a assembleia do «Bureau d'Etude et de Documentation sur la Santé des Estudiants», nela tendo participado os representantes da Bélgica, Brasil, Espanha, França, Itália, Portugal, Roménia e Suíça, que tomaram parte na Mesa-Redonda, bem como o convidado especial prof. Frantisek Janda, da Universidade de Praga, que foi o presidente do V Congresso Internacional de Higiene e Medicina Escolares e Universitárias, realizado em Julho do último ano na capital checoslovaca.

Durante a reunião, a assembleia ouviu a leitura do relatório da actividade do «Bureau».

Procedeu-se, depois, á eleição do secretário-geral, cargo para que foi escolhido o médico italiano dr. Pietro Buscaglione. Foram ainda eleitos como membros conselheiros os prof. Vasco Bruto da Costa, drs. Daniel Donady, Paul Rochat e prof. Frantisek Janda. A próxima assembleia do «Bureau» foi marcada para 1970, não estanto ainda determinado o local.

Foram ventilados, também, assuntos relativos ao VI Congresso Internacional de Higiene e Medicina Escolares e Universitárias a realizar em Lisboa, em 1971 conforme foi decidido em Praga, no V Congresso, no qual o nosso País esteve representado pelo prof. Bruto da Costa. Nele participarão de 1500 a 2000 técnicos e médicos de todo o Mundo.

Os participantes na Mesa-Redonda almoçaram no restaurante «A Choupana» e passearam pelo Triângulo turístico Lisboa-Sintra-Cascais.

EXPOSIÇÃO NO HOSPITAL MIGUEL BOMBARDA

No Hospital Miguel Bombarda inaugurou-se esta manhã uma exposição sobre «Terapêutica ocupacional», com a presença do director do Instituto de Assistência Psiquiátrica, dr. Fernando Ilharco e administrador-adjunto dr. Álvaro Mendonça, que foram recebidos pelos administradores daquele estabelecimento hospitalar, drs. José Pedro Horta, dr. Julio de Matos e Abrantes da Conceição. Presentes ainda médicos, enfermeiros e assistentes.

A exposição consta de trabalhos realizados pelos doentes quer através dos serviços de engoterapia institucionalmente organizados, quer através das actividades comunitárias levadas a efeito pelos clubes criados e dirigidos pelos doentes e pessoal das enfermarias.

A exposição é completada por uma expressiva reportagem fotográfica, composta por cerca de duzentos trabalhos, sobre a vida quotidiana no hospital, sua riqueza e pobreza — numa tentativa de demonstrar as possibilidades de dinamização que permitiria uma melhoria da assistência psiquiátrica.

A exposição está aberta ao público até ao dia 23 do corrente, das 11 ás 17 horas, no «hall» principal do Hospital Miguel Bombarda.

ATROPELADO POR UM AUTOCARRO

Foi atropelado por um autocarro de passageiros, na Calçada de Carriche o jovem Fernando Coelho Padeiro, de 18 anos, morador no Campo Grande, 286, 3.º, esquerdo.

Ficou internado na sala de observações do Hospital de Santa Maria.

ele veste francus 2000
... e um homem moderno!

... um homem que vive intensamente todos os momentos que o mundo dos negócios e de elegância impõem. Os traços fundamentais da sua personalidade são: a determinação de vencer, a força de carácter, e a precisa noção da escolha. Esta a razão porque ele exige vestir FRANCUS 2000, em PURA LÃ VIRGEM/WOOLMARK, o Pronto-a-Vestir do homem que sabe o que quer, porque sabe escolher. FRANCUS 2000 o Pronto-a-Vestir do homem do Século XX

Modelos FRANCUS 2000
LONDON — 1.480$00
CITY — 1.297$50
G. J. — 1.190$00

confie na WOOLMARK PURA LÃ VIRGEM

CAMPANHA COLECTIVA SIL / FRANCUS

5.º FESTIVAL DE JAZZ DE PARIS (3)

POR JOSÉ DUARTE

3 O DIA QUE SEPAROU o primeiro concerto do segundo, serviu para incluir na maratona exposições, livrarias, museus, cinemas, armazéns, algumas visitas a lojas de discos. Na realidade, o mercado francês do disco de jazz é aliciante.

Predominantemente de jazz moderno, importados dos E. Unidos ou em cópia francesa, aqui os discos de jazz existem e com preços que variam entre 50 e 170 escudos (refiro-me só a discos de 33 rotações). Claro que, (e á moda americana), é em parte, a idade do disco que determina o preço. Mas fàcilmente e sem grandes despesas se coleccionam os grandes momentos do jazz dos anos 50 princípios de 60 com algumas centenas de escudos. As preferências dos amadores de jazz franceses, vão, no entanto, para os «blues» e para os seus velhos intérpretes como Lightnin' Hopkins ou Big Bill Broonzy, embora Miles, Monk Parker e Shepp, sejam sucesso.

Muito de acordo com a visão «intelectualizada» típicamente francesa do jazz, a publicidade deste 5.º Festival de Paris foi feita nos lugares mais directamente ligados à cultura: as escolas, as livrarias, os típicos quiosques, onde o francês compra informação, cultura e outras coisas, as «maison de culture», as revistas da especialidade, os cinemas. Nem um cartaz nas ruas ou no metropolitano.

O grande público não foi informado, mas apesar disto, o segundo concerto foi uma enchente. Gente nova, inquieta, por vezes ruidosa, sempre pronta a ridicularizar o apresentador, neste caso o crítico André Francis, aplaudindo com entusiasmo, embora às vezes a despropósito.

DIZZI GILLESPIE

Dezassete musicos compõem a presente orquestra desse grande nome do «jazz» moderno que é o trompetista Dizzy Gillespie. Seis trompetistas, 3 trombonistas, 5 saxofonistas e 3 compondo a secção rítmica: piano, bateria e contrabaixo. Nela integrados, célebres solistas como os trompetistas Zimmy Owens ou Benny Bailey, os saxofonistas James Moody, Sahib Shibab, Harold Land, Cecil Payne, o trombonista Curtis Fuller. A actuação desta orquestra foi muito boa. Dizzy orientou-a, subordinando-a aos seus principais solistas. Embora pouco de novo haja no seu repertório, os velhos temas «Manteca» e «Con Alma» repetiram-se como êxitos. Grande «showman», «Dizzy» cantou, dançou, foi espirituoso na apresentação dos números, conversou com o público, perguntou quem tinha ganho as eleições americanas e tocou extraordinàriamente. O melhor momento foi para um improviso lindo de som e musicalidade de Jimmy Owens em fluegelhorn.

MAX ROACH

A 2.ª parte abriu com um homem e uma bateria, sózinhos em palco. Um contra o outro. Max Roach, todo vestido de negro, figura impressionante de arrogância e distinção, músico fabuloso que consegue que tambores soem como piano. Percussão de musicalidade extrema. As maiores ovações da noite. Max Roach tocou 3 temas do seu álbum Drums Unlimited e quis retirar-se, mas o público insistia, pedindo mais. Max Roach sorrindo, acedeu. Um sorriso que para quem conhece as suas certezas ideológicas, muito devia significar «...Afinal a sociedade branca capitalista admira o «barulho» dos nossos tambores...» Não era orgulho, era um misto de ostentação e até desprezo irónico. Grande músico de «jazz», é Max Roach.

SONNY MURRAY

ELVIN JONES

Muito se esperava do trio do bateria Elvin Jones. Não só porque ele é considerado, com Max Roach e Anthony Williams, o melhor bateria de jazz, como, por o grupo integrar o saxofonista branco e tenor Joe Farrell, o qual e de acordo com toda a crítica, sempre tinha ouvido tocar muito bem.

Em Paris, em 1964, integrada na orquestra de George Russell, em New York em 1966 na orquestra de T. Jones-M. Lewis. Sucedeu esta noite, o que em «jazz» é vulgar, até justificado pela própria definição de jazz: o trio tocou, cumpriu, mas de positivo, nada sucedeu. Confirmaram os três (Garrisson, o contrabaixo, incluido) serem bons músicos de jazz, mas nunca houve um climax, o tal «happening» tão, hoje em dia, citado.

Exibição de bons profissionais, em noite de noite negativa de inspiração. O trio funcionou e foi tudo.

SONNY MURRAY

Decididamente este festival, foi um festival de baterias. Sonny Murray é musico do «free-jazz» bateria integrado sempre nas gravações mais recentes desta nova corrente. Acompanhou ou fez-se acompanhar por 3 saxofonistas que durante mais de 20 mintuos estiveram em cena num contínuo debitar de notas, sons, guinchos, numa total ausência de coerência, lógica, musicalidade em sentido clássico, beleza musical em sentido habitual. O público, como reprovação, usou todos os meios: assobios, risos, gritos, palmas. De nada valeu. Indiferentes, os músicos continuavam. E da estranheza, passou-se a irritação, algum público abandonou a sala. Foi com alívio, que se assistiu à saída de palco dos músicos, depois de se ter suportado um solo (??) de bateria de Sonny Murray em que tudo lhe caía das mãos e tombava para o chão: baquetas, pratos, casaco também. A Sala Pleyel era do palco à última fila do balcão mais alto, uma antecipação do fim do mundo. Todos protestavam, dos músicos ao público. Cada um à sua maneira. Não se partiu nada, descansem. Tudo voltou à normalidade quando o grupo seguinte entrou no palco.

ART BLAKEY

Mais um bateria, a chefiar um conjunto Art. Blakey é um músico popular na Europa e espcialmente em Paris, onde por volta de 1958, alcançou grande êxito. Hoje em dia, tudo mudou. A música do seu quinteto é menos melódica, por isso menos comercial. Bill Hardman, trompete e Billy Harper, saxofone, asseguraram unissonos perfeitíssimos nos temas e «riffs». A secção rítmica com destaque para a segurança madura de Art Blakey, suportou sempre bem solos, de nível jazz, irregulares, isto é, uns bons, outros nem por isso.

No final, no entanto, permaneceu uma impressão agradável com a actuação deste quinteto. Art. Blakey, fez o inevitável solo de bateria e o concerto fechou com o clássico Blues March, tema com que a Europa há 10 anos delirou e hoje nos serve apenas como saborosa recordação.

Corporação do Comércio

Os Grémios dos Retalhistas de Mercearia vão realizar conferências periódicas para os seus agremiados tomarem mais intenso contacto com os problemas da actualidade no que diz respeito ao comércio retalhista de mercearia.

Essas conferências terão início no Porto, por iniciativa do Grémio dos Retalhistas de Mercearias do Norte, realizando-se a primeira amanhã, ás 21 e 30, no Cinema Nun'Álvares.

É orador o prof. dr. João Ruiz de Almeida Garrett, da Faculdade de Economia do Porto, que versará o tema «As bases económicas e financeiras do comércio de produtos alimentares e o sistema ou esquéma das providências de fomento de que esse comércio carece». Preside o sr. Manuel Alberto Andrade e Sousa, presidente da Corporação do Comércio.

Seguir-se-ão conferências em Lisboa e Coimbra, em data a marcar. O presidente da Corporação do Comércio desloca-se igualmente a Braga para, na Federação dos Grémios do Comércio dos Distritos de Braga e Viana do Castelo presidir a uma reunião depois de amanhã, ás 15 e 30, com a presença dos presidentes dos grémios federados, a fim de serem tratados problemas do maior interesse para a organização corporativa. Esta reunião é o seguimento de outras que decorreram em Lisboa, na sede da Corporação do Comércio.

O ministro do Interior com o c

A G. N. R. AGR
O AUMENTO D

O ministro do Interior, sr. dr. Gonçalves Rapazote, visitou, durante a manhã e parte da tarde de hoje, as instalações do Comando Geral da Guarda Nacional Republicana e de outros aquartelamentos da corporação localizados em Lisboa.

Acompanharam-no os srs. dr. Campos de Melo e capitão Geraldes Nunes, respectivamente chefe do gabinete e secretário. O ministro chegou ao quartel do Carmo ás 10 e 30, onde foi recebido pelo comandante-geral, sr. general Raul Pereira de Castro, e 2.º comandante interino, sr
rari.
Dep
guard
Gonça
se p
Afons
contra
do Co
e segu
unidad
dantes
compa
sr. ger
agrade
de diz
constit
disse.
«Ma

BENEFÍCIOS E PREJ
(EM ESPECIAL NA AGRICUL
CAUSADOS PELAS CH

SANTA CRUZ DO DOURO (Baião), 14 — Os efeitos do temporal que ùltimamente se têm feito sentir, aliás de proveito para a lavoura e originando abundância de água, implicam, porém, com o defeituoso estado de algumas estradas municipais e caminhos tornando-os quase intransitáveis. Há, com efeito, rodovias, apenas abertas e sem a consequente asfaltagem, onde os lamaçais e o piso irregular tornam assim o trânsito difícil e perigoso e, por vezes mesmo, impossível.

Importa que, ao iniciar-se uma obra, ela seja terminada inteiramente. As estradas são elementos indispensáveis ás comunicações dos povos; e devem, por isso, estar nas condições indispensáveis ao fim a que se destinam. A estrada municipal que serve Viariz encontra-se em estado deplorável, constituindo uma aventura o trajecto para aquela localidade. O mesmo sucede quanto á que serve Passos, Abelhal, Arco, etc. Seria conveniente que estas rodovias passassem ao domínio do Estado, para, então, se tornarem proveitosas, como se impõe.

*

O tempo, neste caso, adverso, impossibilita a seca do milho, pelo que muito desse cereal corre o risco de se deteriorar. A colheita é, este ano, muito reduzida, tendo em conta a falta de chuva que se verificou durante longo período. Um ano agrícola, portanto, deficiente, pois nenhuma colheita houve abundante, incluindo a do vinho, que ficou muito aquém do que se
peita
ção. O
ter um
a quas
tona.
ano de

Os aguace
desta noit
não origin
emergênci

Choveu bastante esta noite, ma
quer emergência digna de nota.
Batalhão de Sapadores Bombeiros
situação:

— *Tanto quanto sabemos, os a
ram consequências anormais.*

Entretanto, e precisamente devi
águas pluviais, abateu parte de um
das Terras do Monte, á Graça,
S. Gens (Senhora do Mon e). Não
sastres pessoais na ocorrência. Ele
estiveram hoje no pequeno beco, a
ta do muro.

A folha de serviços do mesmo B
tro dezenas de chamadas a parti
ontem — e nenhuma com gravida

A previsão geral do tempo pu
nosso jornal mencionava o agrav
noite, «com períodos de chuva,
moderado, por vezes forte, de S
Oeste». Foi o que sucedeu.

Em Odivelas, onde os Bombeir
cais têm longa prática deste tipo d
rológicas, também nada de anormal

Moradores de algumas casas na
pria Rua dos Bombeiros Voluntário
soal de serviço para a hipótese de
a água subia com certa velocidade
a tornar-se necessária a interven
A situação estabilizou-se pouco de

Em Olival Basto encontra-se de
um piquete da G N. R. de Loures
o Comando de qualquer emergênci
da tarde, porém, não tinha havido

E é tudo. A recordação das t
de há um ano pesa, isso sim, sobr
bombeiros de Lisboa e arredores.

Perey Foreman, o novo advogado de James Earl Ray (acusado do assassínio de Martin Luther King), quando declarou aos jornalistas que o seu pedido de adiamento do julgamento, a fim de preparar a defesa de Ray, tinha sido aceite pelo tribunal de Memphis (Tennessee). O julgamento realizar-se-á em Março

MERCÊS HONORÍFICAS

Uma portaria publicada na ultima «Ordem do Exército» condecora com a medalha de mérito militar de 1.ª classe o brigadeiro Francisco Rafael Alves e, com a medalha de prata de serviços distintos, o major do S. A. M. António César Limão Gata.

///

O brigadeiro Rafael Alves é louvado por portaria do ministro da Defesa Nacional, pela dedicação demonstrada quando em serviço naquele Departamento.

///

Outras portarias condecoram: com a medalha de prata de serviços distintos, o major do C. E. M. Artur de Sá Seixas; com a medalha de mérito militar, os capitães de infantaria José de Carvalho Ribeiro Pereira e Dinis Joaquim Brás Sebastião, o capitão miliciano de artilharia Duarte Salvado da Cunha Reimundo, o capitão miliciano de cavalaria José Eduardo Pires Fernandes; os alferes milicianos de cavalaria Artur Emílio de Carvalho Mesquita e Humberto Augusto de Castro Seixas e o major de artilharia Domingos de Magalhães Filipe.

Ourivesaria da GUIA
UM NOME NA OURIVESARIA PORTUGUESA
FUNDADA EM 1898
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

do Interior com o comandante geral da G. N. R., no decurso da visita

R. AGRADECEU
ENTO DE VENCIMENTOS

nterior, sr.
azote, visi-
nhã e par-
je, as ins-
ndo Geral
l Republi-
aquartela-
ção locali-

no os srs.
elo e capi-
es, respec-
o gabinete
nistro che-
Carmo ás
ecebido pe-
al, sr. ge-
a de Cas-
nte interi-

no, sr. coronel Ângelo Ferrari.

Depois de passar revista á guarda de honra, o sr. dr. Gonçalves Rapazote dirigiu-se para a sala «General Afonso Botelho», onde se encontravam todos os oficiais do Comando-Geral, primeiros e segundos comandantes das unidades de Lisboa e comandantes de esquadrões e das companhias urbanas. Ali o sr. general Pereira de Castro agradeceu a visita e, depois de dizer da honra que ela constituia para a corporação, disse.

«*Manifestou o sr. ministro o desejo de que esta visita se não limitasse a um simples acto protocolar, e antes tornasse possível a convivência de um dia útil de trabalho, com o fim de procurar conhecer de perto as nossas actividades e serviços e de contactar pessoalmente com os Quadros e as Tropas, a fim de avaliar as nossas dificuldes e anseios*».

E acrescentou:

«*Coincide esta visita com a publicação no «Diário do Governo» do decreto que actualiza os vencimentos das praças da G. N. R. Foi para nós um dos momentos de maior alegria este, em que foi considerada a situação dos mais modestos e dedicados servidores da G. N. R., a qual, se não resolveu em definitivo a sua situação material, tornou possível dignificar a sua missão, das mais úteis e honrosas ao serviço da Lei e da Grei. Justifica-se, pois, sr. ministro, que manifeste o nosso profundo reconhecimento a V. Ex.ª pela promulgação desta medida, que vem coroar os esforços e a persistente e oportuna acção pessoal de V. Ex.ª, e que tornou possível ao Governo da Nação realizar um acto da mais elevada justiça.*

A terminar, o general Pereira de Castro afirmou a «*inteira lealdade da G. N. R., que continuará a cumprir o seu dever*».

O sr. ministro do Interior, em breves palavras, salientou que era a primeira vez que visitava a G. N. R., disse da sua satisfação em realizar a visita, a qual coincidia com a actualização dos vencimentos do pessoal da corporação, que tão relevantes serviços tem prestado, e presta, á Nação. O Governo ao tomar essa deliberação fez um acto de justiça e concretizou um pedido feito há muito pela G. N. R.

Seguidamente, realizou-se, na sala do Conselho, uma reunião de trabalhos, onde, além do comandante-geral e do chefe do Estado-Maior, se encontravam todos os chefes de Repartições e Serviços.

Prosseguindo na visita, aquele membro do Governo apreciou as aulas em curso, no Comando-Geral, após o que se dirigiu ás instalações da 1.ª Companhia do Batalhão n.º 1 — Companhia de Engenhos e 1.º Esquadrão do Regimento de Cavalaria, aquartelado no mesmo edifício.

Depois, o ministro do Interior, acompanhado do comandante-geral, deslocou-se ao Centro Clínico e Comando do Batalhão n.º 2, nas Janelas Verdes.

Pelas 13 e 30, foi servido um almoço na messe dos oficiais do Comando-Geral ao titular da pasta do Interior.

Findo o almoço, o ministro dirigiu-se aos aquartelamentos da Ajuda. Por último, realizou-se, no picadeiro do 4.º Esquadrão, uma demonstração do Carrocel a Cavalo, que, sob a orientação do capitão Prezado Pimenta, desenhou figuras de fino recorte e pôs uma vez mais, á prova a destreza e o grau de instrução de todos os cavaleiros.

PREJUÍZOS
AGRICULTURA)
AS CHUVAS

de chuva
rante lon-
o agrícola,
, pois ne-
uve abun-
do vinho,
aquém do

que se presumia. No que respeita a feijão, foi uma decepção. Os lagares de azeite vão ter uma safra medíocre, dada a quase inexistência da azeitona. Não há memória de um ano de semelhante escassez.

guaceiros
a noite
originaram
rgências

ante esta noite, mas não houve qual-
ia digna de nota. Um informador do
padores Bombeiros classificou assim a

nto sabemos, os aguaceiros não tive-
cias anormais.
e precisamente devido á infiltração de
abateu parte de um muro na Travessa
Monte, á Graça, perto da igreja de
ra do Monte). Não se registaram de-
na ocorrência. Elementos do B. S. B.
no pequeno beco, a escorar o que res-

erviços do mesmo B. S. B. anotou qua-
chamadas a partir das 22 horas de
lhuma com gravidade.
geral do tempo publicada ontem no
encionava o agravamento durante a
ríodos de chuva, aguaceiros e vento
vezes forte, de Sul, rondando para
ue sucedeu.
, onde os Bombeiros Voluntários lo-
prática deste tipo de alterações meteo-
ém nada de anormal se registou.
e algumas casas na Rua D e na pró-
ombeiros Voluntários alertaram o pes-
para a hipótese de inundações graves:
om certa velocidade. Mas não chegou
essária a intervenção dos bombeiros.
bilizou-se pouco depois.
asto encontra-se desde as 5 da manhã
G N. R. de Loures. Missão: prevenir
qualquer emergência. Até ao princípio
, não tinha havido o mínimo alarme.
recordação das trágicas inundações
pesa, isso sim, sobre a estratégia dos
isboa e arredores.

Torre de Babel

por João Medina

O TURISMO É UMA MERCADORIA?

DIZIAMOS NA SEMANA ANTERIOR que já ninguém viaja, isto é, que o prazer ou a arte de atravessar digestivamente uma paisagem foram substituidos pela febre de galgar quilómetros. Esta mecanização do difícil ofício de turista acaba aliás de ser sublinhada do modo mais oficial pelo ministro francês do Equipamento e da Habitação. Com efeito, falando por ocasião dum salão internacional do equipamento hoteleiro, disse Monsieur Albin Chalandon que «é preciso que se possa vender o turismo da mesma maneira que vendemos um automóvel ou um frigorífico». E para que não restassem dúvidas sobre a degradação da arte de viajar ou de receber forasteiros, acrescentou Mr. Albin que deviamos encomendar «viagens» do mesmo modo que escolhemos uma batedeira eléctrica ou um ferro de engomar num catálogo das «Trois Suisses» (uma das conhecidas casas nortenhas de venda por correspondência). Por fim, para grande amargura do cronista que todas as semanas espreita o mundo e os homens do alto desta torre alsaciana, sentenciou isto: «Le tourisme français de demain doit être un produit fini, homogène, fabriqué en grande série et compétitif...»

Compreendam, por favor, a minha mágoa: o turismo (id est, a mui subtil e psíquica arte de entrar em contacto com cidades, casas, ruas, paisagens, colinas, ares, ambientes, luminosidades, rostos, palavras, pedras, monumentos, perfis estranhos) ingressou na máquina infernal do capitalismo, perdeu a sua alma, as suas peculiaridades e o seu estilo lento para se submeter, como as galinhas ou as esferográficas, às leis abstractíssimas da oferta e da procura. Um «produto finito», diz o distinto e sábio e eficiente ministro gaulês. Um produto finito, ó céus, ó céus clementes, como aturar tal descalabro, tão horrífica blasfémia?! Visitar o Prado ou passear pelos Campos Elíseos será doravante equiparado a entrar numa tabacaria e pedir um pacote de «Gauloises» ou uma «Bic»? Horror, horror, como podem os aficionados do turismo suportar semelhante afronta?! E como pode fazer parte dum governo que se diz cristão um ministro que dum modo tão troglodítico maltrata a ética, exila o «Espírito» e converte a arte de viajar e a ciência de receber forasteiros numa soma mecânica de gestos cegos, como aqueles que fecundam o útero metálico das fábricas que parem automóveis, frigoríficos, esferográficas, latas de ervilhas, baldes de plástico, luvas de borracha...?

Deixemos todavia este ponto a quem cuida dessas questões e contentemo-nos em registar que, num lirismo altamente tecnocrático, o Sr. Albin considera ser o turismo um produto como um dentífrico ou uma máquina de lavar roupa. Mas se o turismo se «vende», quem são então os mercadores que lidam com tal mercadoria? São, parece-me, todos os hospedeiros que têm por mester receber turistas, alojá-los, orientá-los, informá-los e, de quando em vez, roubá-los. Ora ocorre-me que para os gregos (ah, os gregos, sempre eles!) e devido a uma simpática confusão linguística o termo que designava o «estrangeiro» era o mesmo que significava «hóspede»: — xenos. Como eram forçados pela própria lógica interna da linguagem a darem boa hospitalidade (perdoem-me o pleonasmo) aos estrangeiros que visitavam a Hélada, ignoravam assim os gregos o que fosse esse sentimento europeu actual e cada vez mais universalizado que se chama «xenofobia», ou seja, o inverso daquilo que sucedia na língua e nos hábitos dos helenos de outrora.

Talvez por terem mercantilizado de modo tão ostensivo o turismo, considerando-o (melhor: desconsiderando-o) como um produto que se paga, como um objecto ou um serviço sujeito às mesmas regras e exigências que comandam a comercialização e a publicidade duma marca de cervejas ou dum detergente, se tem vindo a observar aqui um recrudescimento da xenofilia em todos os níveis, uma completa ausência de cordialidade e afecto no contacto com os forasteiros que vêm ao hexágono para visitar a torre Eiffel ou a catedral de Strasbourg. A identificação helénica estrangeiro=hóspede desvaneceu-se e em vez dela propõe o sr. Albin o binómio turismo-mercadoria. Ora, como se sabe, onde começa o comércio cessa o sentimento. E onde cessa o sentimento principia o reino do Dinheiro. E neste reino o soberano nunca foi o homem mas o interesse, o lucro, a avidez.

Strasbourg, Novembro de 1968

AUTOMAÇÃO NA INDÚSTRIA

Com o objectivo de divulgar junto das empresas, dos vários sectores e escalões,, os conhecimentos de base relativos às técnicas e processos de automação, a COPRAI — Comissão de Produtividade da Associação Industrial Portuguesa — promove, de 3 a 6 de Dezembro, um seminário com a duração de 30 horas, destinado a dirigentes e quadros de empresas industriais e de serviços oficiais especializados.

As sessões são orientadas pelo sr. eng.º Horta Santos e decorrem das 9 às 13 e das 17 às 20 e 30, nas instalações da Associação Industrial Portuguesa.

O número de inscrições é limitado. Informações complementares podem ser obtidas pelo telefone 64 17 71.

RECEPÇÃO AOS NOVOS ALUNOS ULTRAMARINOS

A semelhança dos anos anteriores, a Procuradoria dos Estudantes Ultramarinos vai promover a recepção aos novos alunos do Ultramar com um programa cultural e de convívio, o qual se inicia já no próximo domingo, com um passeio a Obidos, Foz do Arelho, Alcobaça, Nazaré e Batalha.

Nesse passeio participam, além dos novos alunos, estudantes de Lisboa, Porto e Coimbra.

As inscrições estão abertas desde hoje na P. E. U. (Avenida da República, 84, 6.º, telefone 777303, ou Campo Grande, 292, 1.º, telefone 791834), onde todas as informações são prestadas entre as 15 e as 20 horas.

galã
TUDO PARA O HOMEM ELEGANTE
Malhas estrangeiras
ALLEN SOLLY
BERNHARD ALTEMAN
BARRIE
PIERRE CONTE
PRINGLE
BYFORD
SAVOURÉ
SCHIATTI
Uma casa de classe para uma clientela de classe
Rua Santa Justa, 46

MAZDA
A pequena lâmpada que ilumina muito melhor
UMA COMPLETA GAMA DE LÂMPADAS
Tubulares Esféricas Normais Chama

DIZ TUDO COM SIMPLICIDADE
REVISTA N.º 2
OUTUBRO/1968
A REVISTA MENSAL QUE A FAMÍLIA MODERNA PORTUGUESA ESTAVA ESPERANDO
JÁ NAS LIVRARIAS E TABACARIAS cada 20$00
o número 2 OUTUBRO 1968

CHOCOLATES TÁGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

Em MAFRA o «DIARIO DE LISBOA» vende-se no café e cervejaria Sabino Faria, 18-A.

NOIVOS
As alianças e prendas da OURIVESARIA DA MODA dão felicidade
RUA DA PRATA, 257

Actualidade internacional

CONFERÊNCIA RUSK-BRANDT

BRUXELAS, 14 - (R.) — O secretário de Estado americano, Dean Rusk e o ministro dos Negócios Estrangeiros alemão ocidental, Willy Brandt, conferenciaram a noite passada nesta capital acerca da política respeitante á Europa Oriental e á Organização do Tratado do Atlântico do Norte — revelaram fontes bem informadas.

Os dois ministros tiveram uma discussão de hora e meia na véspera de uma sessão ministerial de três dias da N. A. T. O. para avaliar a futura política da aliança de 15 nações, a seguir á ocupação soviética da Checoslováquia.

— Dean Rusk avistou-se, também, com o ministro dos Negócios Estrangeiros turco, Ishan Sabry Caglayangil para discutir auxílio de desenvolvimento económico. Rusk declarou ao ministro turco que o seu país tinha grande prioridade na lista de auxílio ao estrangeiro, a despeito das severas reduções feitas pelo Congresso a esse programa.

JORNAL SUSPENSO

SAIGAO, 14 — (R.) — O governo do Vietnam do Sul suspendeu hoje o jornal «Saigon Daily News», por três meses, por não ter dado relevo suficiente á resposta do Governo a um comunicado.

O ministro da Informação acusou o jornal de apoiar com hesitações a política do Governo.

A reunião da N. A. T. O.

Consultas para a formação de uma «opinião europeia»

BRUXELAS, 14 — (R.) — Oito países da Europa Ocidental concordaram, em princípio, a noite passada, sobre intensificação de consultas destinadas a produzirem uma opinião europeia mais coerente sobre problemas de defesa da N. A. T. O. — revelaram fontes bem informadas desta capital.

A decisão foi tomada num jantar-conferência de quatro horas a que assistiram ministros da Defesa da Grã-Bretanha, Alemanha Ocidental, Itália, Bélgica Holanda, Noruega e Dinamarca e um alto representante do Luxemburgo.

A França não esteve representada. Retirou-se da estrutura militar integrada da N. A. T. O. e, devido a isso, o ministro da Defesa, Pierre Messmer não se deslocou a Bruxelas para assistir hoje á sessão dos ministros da Defesa da Aliança Atlântica.

As mesmas fontes disseram que a ideia de discussões mais compreensivas, sugerida pelo ministro da Defesa britânico, Denis Healey, o anfitrião no jantar, era conseguir uma opinião europeia comum sobre questões de defesa da N. A. T. O., que pudesse ser apresentada ao novo Governo americano do presidente eleito Richard Nixon.

Contudo, os ministros acentuaram que a proposta não devia ser encarada, de qualquer modo, como um elemento decisivo na solidariedade da Aliança Atlântica de 15 países.

Os oito concordaram ainda que ela não devia conduzir á criação de qualquer organismo especial dentro da N. A. T. O. e que não se devia transformar num ponto de dissensão.

Decidiram estudar mais detalhadamente a proposta noutra sessão em Bruxelas, que se deverá realizar em Dezembro ou Janeiro próximos. Esperavam que Messmer poderia participar então na sessão dos ministros de Defesa da N. A. T. O.

Healey projecta conferenciar, hoje, separadamente, com os ministros da Defesa de Portugal, Turquia, Grécia, Islândia, Canadá e Estados Unidos e informá-los do resultado das conversações travadas durante o jantar.

Espera-se que Messmer seja informado mais tarde, através dos canais diplomáticos, da opinião dos oito países.

Os oito constituem as ricas nações industriais da N. A. T. O. na Europa Ocidental e são ou membros da Comunidade Económica Europeia ou requerentes para entrarem para o Mercado Comum.

As referidas fontes acrescentaram que uma atitude europeia comum quanto á defesa da N. A. T. O. podia ajudar a dissipar críticas em certos sectores do congresso americano de que os associados europeus dos Estados Unidos não estão a dar toda a colaboração á aliança.

«Emigração clandestina» de elefantes de Moçambique para a África do Sul

SHINGWIDZI, 14 — (F. P.) — O Parque Nacional Kruger, a famosa e imensa coutada sul-africana de animais selvagens, está ameaçado pelos elefantes. Um recenseamento feito por helicoptero revelou que há, exactamente, 7701 elefantes no parque, isto é, mais 1500 do que se pensava. Este aumento deve-se, segundo os entendidos, á vitalidade incontestável dos paquidermes machos do Kruger mas, de igual modo á infiltração clandestina de elefantes portugueses, atraídos do Moçambique vizinho pelos numerosos pontos de água existentes no parque. Esta explosão demográfica da população paquidérmica levanta um problema grave de abastecimento, sobretudo nos períodos de seca em que a erva escasseia.

A direcção do parque vê-se obrigada a mandar abater anualmente um certo número de animais. Este ano, a quota foi fixada em 7 por cento, quer dizer, 431 elefantes. Os elefantesinhos mais fracos, ou menos sádios, são localizados por helicóptero, imobilizados mediante soporíferos e abatidos, uma vez que o rebanho se afastou.

A «Zond 6» regressa à Terra?

(Continuação da 1 página)

«Sir» Bernard Lovell, director de Jodrell Bank, declarou que a «Zond 6» parecia estar a portar-se notàvelmente, de um modo semelhante á «Zond 5».

«Sir» Bernard revelou que a «Zond 6» passara por detrás da Lua ás 2 horas e 50 (T.M.G.) e, depois ressurgira ás 3 e 20 (T.M.G.).

Não houve qualquer indício de retrofoguetões serem disparados, o que teria indicado uma tentativa para colocar a sonda numa órbita lunar.

«Sir» Bernard prosseguiu: «Estamos satisfeitos porque isso é, até agora, quase uma repetição da «Zond 5» O cientista disse ainda que os instrumentos a bordo e a técnica de recuperação poderiam ser diferentes, mas acrescentou: «Os soviéticos parecem estar a encarar as coisas calmamente, não se mostrando apressados».

A EQUIPA DA «APOLO 10»

WASHINGTON, 14. — (A. N. I.) — A. N. A. S. A. anunciou que Thomas Stafford, Eugene Cernan e John Young serão os tripulantes da «Apolo 10», que deve ser a ultima nave «Apolo» tripulada a lançar antes da missão que deverá levar á Lua os primeiros astronautas norte-americanos.

Stafford foi, em 1965, um dos tripulantes da nave «Gémeos 6», a primeira que conseguiu um encontro espacial com outro veículo. Foi ele quem, mais tarde, comandou a «Gémeos 9», tendo como companheiro Cernan, que esteve duas horas e sete minutos fora da nave, num «passeio espacial».

Cernan, além do «passeio espacial» realizado durante o voo da «Gémeos 9», em 1966, foi piloto da tripulação suplente da «Gémeos 12»

John Young realizou, como Stafford, dois voos nas naves «Gémeos». Foi piloto da primeira nave tripulada nesta série, a «Gémeos 3», comandada pelo falecido Virgil Grissom. Foi comandante e piloto da «Gémeos 10», que realizou um encontro espacial e durante cuja missão um astronauta trabalhou no exterior da nave.

O voo da «Apolo 10» está previsto para Maio e, tal como a «Apolo 9», a lançar em Fevereiro, ou Março, a sua missão é experimentar o «módulo lunar», veículo em que os primeiros astronautas norte-americanos devem descer na superfície selenita.

A tripulação da «Apolo 9» será constituída por James McDivitt, David Scott e Russel Schweickart.

Os astronautas suplentes para o voo do «Apolo 10» são: Gordon Cooper, de 41 anos, veterano das missões «Mercurio» e «Gémeos», Don Elisele, de 38 anos, que vocupela primeira vez no »Apolo 7» e o estreante Edgar Mitchell, de 38 anos.

A GUERRA DO VIETNAM ACABARÁ PARA O ANO — AFIRMOU JAVITS

BRUXELAS, 14 — (A. N. I.) — Espero que a guerra do Vietnam acabe no próximo ano — afirmou ontem em Bruxelas o senador norte-americano Jacob Javits, que acrescentou deverem os Estados Unidos, depois de resolverem aquele problema, começar a trabalhar no sentido de estreitar os laços com os aliados da N. A. T. O.

Javits, que é presidente da Comissão Política da Assembleia do Atlantico Norte, afirmou ainda que a administração de Nixon vai certamente procurar agir num mundo multilateral, de que os Estados Unidos são um dos elementos e não os unicos responsáveis.

MULTADOS CINCO ELEMENTOS DO «MINUTE»

PARIS, 14. — (R.) — Cinco elementos do pessoal do semanário antigaullista «Minute» apelaram contra multas totalizando 13 900 francos, a que foram condenados por insultarem o presidente de Gaulle — segundo revelaram a noite passada fontes judiciais.

A acção foi intentada contra o editor, dois jornalistas e dois caricaturistas do «Minute».

A seguir ao grito de «Vive le Quebec Livre» do presidente de Gaulle durante a sua viagem ao Canadá, em 1967, e o seu subsequente regresso abrupto a Paris, o semanário desencadeou uma campanha para a demissão do general.

Recomeço das conversações anglo-rodesianas

SALISBURIA, 14 — (R.) — A Grã-Bretanha e a Rodésia iniciam hoje, nesta capital, outra dura sessão de regateio, com um vasto golfo separando-as ainda por causa da questão da independência.

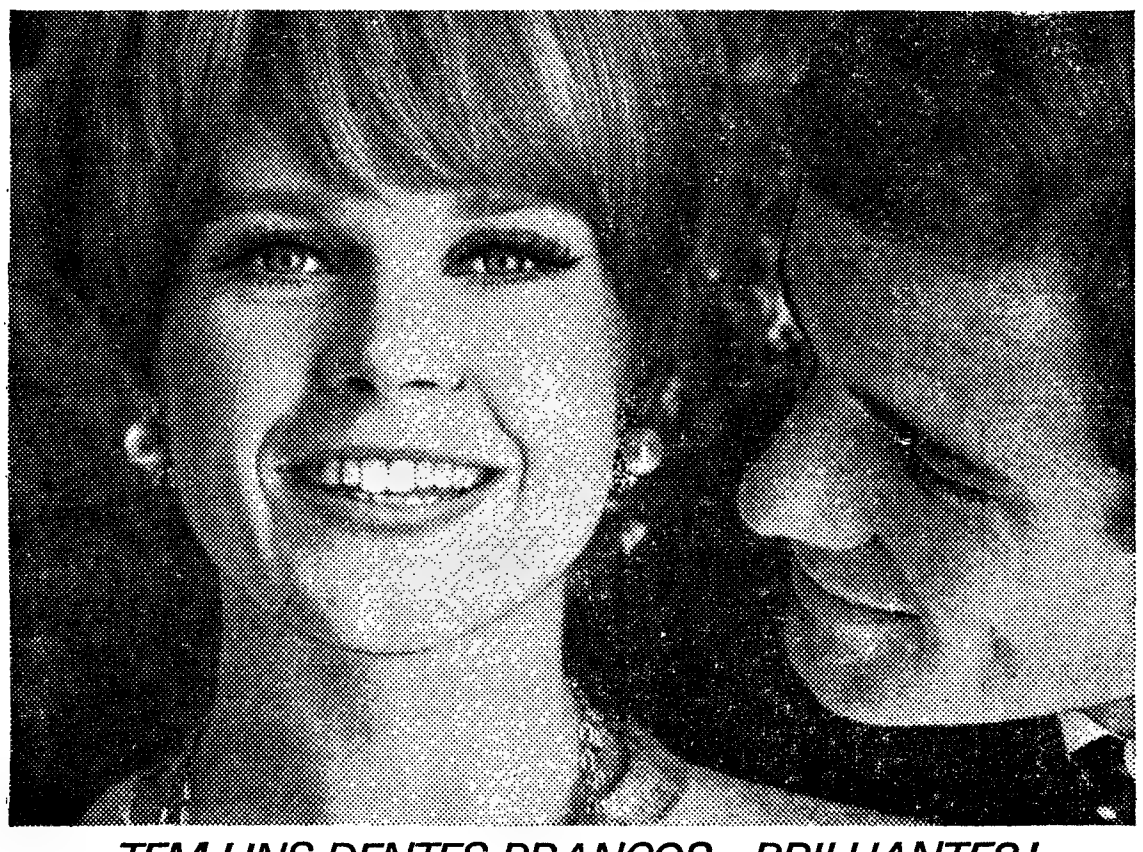
Fontes políticas menosprezaram notícias de Londres, a que foi dado grande relevo em Salisbury, de que as duas partes se aproximavam cada vez mais de uma solução.

Não havia qualquer indicação nesta cidade de que um acordo estivesse mais perto agora do que estivera quando as conversações foram suspensas, temporàriamente, no sábado passado.

George Thomson, o ministro britânico encarregado das questões rodesianas, partirá, então, de Salisbury para explicar planos de acordo britânicos a dirigentes de países da África Central e Oriental, que fazem parte da Comunidade Britânica.

Mulheres elegantes, bem cuidadas, mas ela...ela tem

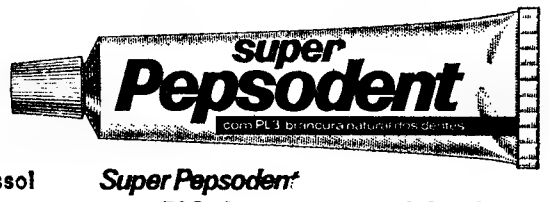
UM NÃO-SEI-QUÊ ESPECIAL



TEM UNS DENTES BRANCOS... BRILHANTES!

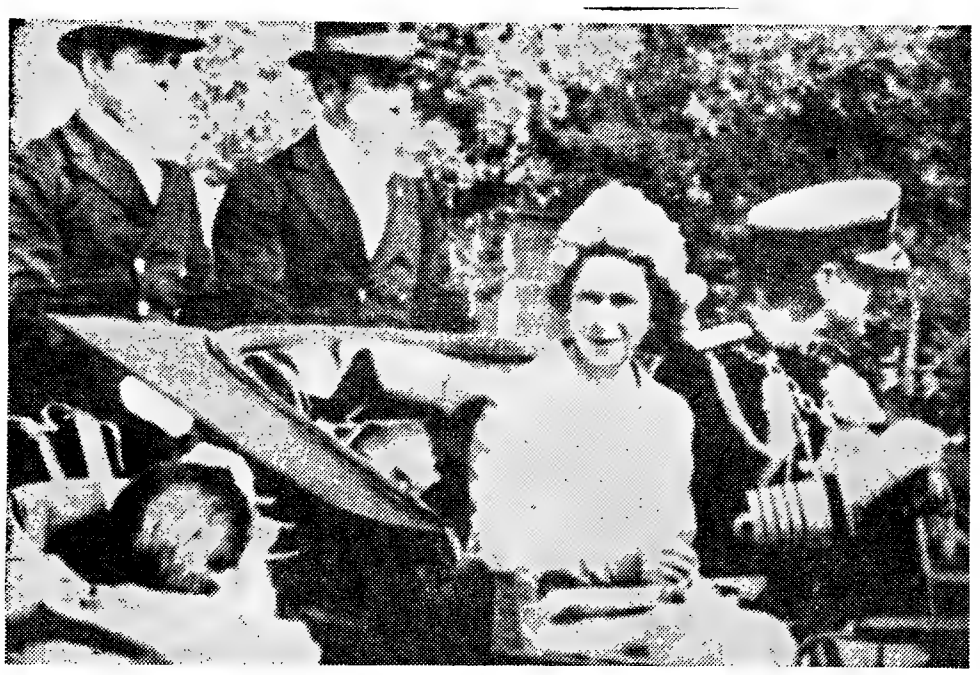
o adorável sorriso Pepsodent!

Que diferença! Fumar, comer e beber criam nos dentes uma fina película que escurece a sua brancura natural. Retire-a com Super Pepsodent... e sinta uma agradável sensação de pureza e frescura. Diàriamente, use Super Pepsodent para ser ainda mais bonita, mais segura de si, para ter mais sucesso!



Super Pepsodent com PL3 - brancura natural dos dentes

LEVER 68-PP-01



A rainha Isabel, de Inglaterra, e seu marido, o príncipe Filipe, em Santiago do Chile, durante a sua actual visita à América Latina

Admite-se que haja ligação entre a conjura contra Nixon e o assassínio de Robert Kennedy

NOVA YORK, 14 — (A. N. I.) — Os investigadores estão agora perante a hipótese de existir um elo entre a conspiração para assassinar o presidente eleito Richard Nixon e o assassínio do senador Robert Kennedy em Junho.

Sabe-se que um dos três implicados na conspiração, por tal ontem incriminados, fez uma viagem á California este ano. O senador foi morto na Califórnia, em Los Angeles, por Sirhan B. Sirhan, de origem jordana, portanto árabe como os iemenitas envolvidos no caso Nixon. Além do ressentimento que nestes tenha produzido a promessa de Nixon feita a Israel, durante a campanha eleitoral, de tornar aquele país superior aos seus vizinhos árabes, as autoridades mostram-se impressionadas com o facto de um homem (não identificado) ter declarado em tribunal que os acusados lhe tinham oferecido uma elevada quantia para tomar parte na conjura, quantia que não estaria ao alcance de imigrantes relativamente pobres.

Entretanto, foi reduzida de cem mil para 25 mil dólares (de 2900 para 725 contos) a fiança de cada um dos três iemenitas que são acusados de conspirarem contra a vida de Nixon.

A fiança foi diminuida a pedido do advogado de defesa, Joseph Levine, que acentuou que os seus constituintes nunca anteriormente haviam tido complicações com a justiça.

Não foi ainda marcada a data para o início do julgamento de Ahmed Namer de 43 anos, e seus dois filhos, Hussein, de 20, e Abdo, de 18 anos, que ontem foram incriminados pelo grande juri de Brooklyn por conspirarem contra a vida de outrém, por premeditação de assassínio e por posse legal de armas perigosas.

Aviso dos E.U.A. a Hanói sobre um possível malogro das conversações de Paris

WASHINGTON, 14 — (R.) — Segundo foi anunciado hoje, o presidente Johnson está gravemente preocupado com os bombardeamentos comunistas no Vietnam ao mesmo tempo que está resolvido a continuar a sua diplomacia de brandura para levar Saigão à mesa da conferência.

Hanói foi avisada pelos Estados Unidos de que as projectadas conversações de paz em Paris poderão malograr-se totalmente e ser interrompidas definitivamente no caso de as tropas comunistas não mostrarem a moderação aguardada pelos funcionários americanos quando o presidente Johnson mandou parar os bombardeamentos ao Vietnam do Norte.

Ontem o departamento de Estado voltou a lembrar a Hanói que «não poderão efectuar-se conversações de paz com seriedade» se os canhões comunistas continuarem a disparar da «zona desmilitarizada». Os Estados Unidos deram também a entender que a paciência de Washington poderia ter um limite se os comunistas continuassem a atacar cidades do Vietnam do Sul, anunciou o departamento de Estado.

O comunicado, publicado pela Casa Branca e redigido em termos bastante enérgicos, foi considerado um aviso a Hanói e uma tentativa para apaziguar os ânimos em Saigão.

Os americanos voltaram a afirmar que o seu entendimento com Hanói limita-se apenas á realização de uma conferência bilateral compreendendo de um lado os vietnamianos do sul e os americanos e do outro o Vietnam do Norte e a Frente Nacional de Libertação.

O departamento de Estado declarou que a inclusão da F.N.L. no lado comunista «não implica de maneira alguma o seu reconhecimento como entidade independente. A F.N.L. estará presente apenas porque Hanói o pediu».

É este também um dos motivos por que o comunicado foi considerado uma tentativa parcial para ir ao encontro das objecções do presidente Nguyen Van Thieu do Vietnam do Sul.

PREOCUPAÇÃO

O departamento de Estado disse que os Estados Unidos observaram «com preocupação» os ataques do Vietnam do Norte através da zona tampão e chamaram a atenção do facto aos emissários de Hanói em Paris.

Os americanos disseram também que tencionam continuar os voos de reconhecimento ao Vietnam do Norte, apesar das objecções de Hanói.

Alguns funcionários declararam que o comunicado ainda foi mais além no seu objectivo ao esclarecer, aos norte-vietnamianos, que as conversações podem inclusive não se reatar se não observarem o desescalamento ou redução bélica implícita no «plano Johnson».

Anuncia-se também que o presidente Johnson está empenhado em nada fazer que possa prejudicar as relações com Saigão, um pouco tensas presentemente, ou dar a impressão que os Estados Unidos estão a exercer uma pressão indevida. Os funcionários confiam que Saigão concordará em assistir ás conversações provávelmente no próximo mês.

MANIFESTAÇÃO CONTRA KIESINGER EM BRUXELAS

BRUXELAS, 14 — (A. N. I.) — Um grupo de manifestantes envolveu-se ontem em desordem com a Polícia junto do «Palácio das Belas-Artes» em Bruxelas, onde o chanceler Kurt Kiesinger proferia uma conferência.

Quando o chanceler alemão deixou o edifício por uma porta lateral a Polícia já tinha consedas Belas-Artes» em Bruxelas que se entretiveram a gritar «slogans» contra Kiesinger.

Processo contra dois deputados brasileiros

RIO DE JANEIRO, 14 — (A. N. I.) — A justiça militar enviou á Câmara dos Deputados o pedido de licença para processar o deputado e jornalista Hermano Alves, acusado de escrever artigos contra as Forças Armadas.

O Ministério da Justiça já tinha pedido a suspensão do mandato do deputado Mário Márcio Alves, por ter injuriado, também, as Forças Armadas, num discurso proferido na Câmara. Márcio Alves deve ser julgado pelo Supremo Tribunal Federal, caso a Câmara autorize. Para Hermano Alves ser processado pela justiça militar é precisa igualmente a licença da Câmara dos deputados. Esta vai estudar os dois casos ainda este mês.

RECONTROS EM LICEUS DA CAPITAL FRANCESA

PARIS, 14 — (F. P.) — As comissões de acção liceais tinham organizado para ontem um «dia nacional», durante o qual se verificaram algumas ausências nas aulas, alguns comícios e algumas distribuições de folhetos.

As comissões de acção liceais, muito activas durante os acontecimentos de Maio e Junho, agrupam uma minoria empreendedora de liceais no segundo ciclo, que desejariam fazer desta jornada uma demonstração de mobilização. Mas não viram, em geral, as suas esperanças concretizarem-se.

Os incitamentos á greve foram seguidos em Paris, com excepção dos liceus, que há uma semana estavam á frente do movimento. Na província, encontraram pouco eco as ordens dadas pelos dirigentes das comissões em acção. Com excepção de umas tantas, as ordens dadas pelas comissões de acção liceais não registaram êxito significativo.

Em três liceus de Paris, antagonismo conduziu a recontros sem gravidade entre elementos de duas tendências. A Polícia não interveio.

Os pentanetos de Álvares Cabral deslocar-se-ão ao Brasil

SÃO PAULO, 14 — (A. N. I.) — A cidade de São Paulo será a sede oficial das comemorações do «V Centenário do Nascimento de Pedro Alvares Cabral» e será visitada pelos descendentes do descobridor do Brasil.

A escritora Lucia Piza de Mello Falkenberg, fundadora do Instituto Histórico e Geográfico Garuja-Bertioga e presidente da comissão organizadora dos festejos declarou á Imprensa que as homenagens ao descobridor têm como objectivo «fazer que o nosso povo conheça o início da nossa História, bem como a vida de Cabral».

Trazendo a imagem de Nossa Senhora da Esperança, que acompanhou o seu ilustre antepassado na viagem á Índia e na descoberta do Brasil, chegam a São Paulo os pentanetos de Cabral, no dia 18, com o que se iniciam as comemorações.

Nesse mesmo dia, á tarde, realizarão visitas oficiais e irão ao museu de arte de São Paulo. À noite, jantam no Jóquei Clube, onde assistem á corrida de cavalos para o «Grande Prémio Pedro Álvares Cabral».

As festividades comemorativas prosseguem no dia 19, em que será inaugurada a nova avenida com o nome de «Pedro Alvares Cabral». À tarde há uma sessão no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, seguida por uma sessão solene na Academia Paulista de Letras, em que é orador oficial D. Vasco António Maria José Cabral de Figueiredo da Câmara Pereira.

No dia seguinte, na biblioteca municipal, abre a exposição didáctica sobre «Pedro Álvares Cabral e a expansão portuguesa». À noite, na Sociedade Geográfica Brasileira, procede-se á entrega das medalhas «Pedro Álvares Cabral» e os descendentes do navegador serão homenageados pela Academia Paulista de Letras, através do seu presidente, o poeta Oliveira Ribeiro Netto.

A comitiva portuguesa segue para Santos no dia 22 e será homenageada pela Câmara Municipal.

Em Bertioga, no dia seguinte, realiza-se de manhã a regata oceânica «Pedro Alvares Cabral» e, á tarde, é inaugurado o pavilhão do navegador, no forte de São Paulo, o mais antigo do Brasil.

Além dessas homenagens, os embaixadores dos países credenciados no Brasil prestarão homenagem a Cabral.

Os visitantes deixam São Paulo no dia 5, com destino ao Rio de Janeiro, onde em sua honra oferecem recepções o governador Negrão de Lima e o prof. Pedro Calmon, presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Os descendentes de Pedro Álvares Cabral regressam no dia 6 a Portugal.

MALHAS Sidney
de PURA LÃ VIRGEM
com garantia WOOLMARK
PURA LÃ VIRGEM
A Sidney, na vanguarda da fabricação de malhas há três décadas, mantém-se em permanente contacto com os grandes centros internacionais da MODA. Daí, o poder contar com a colaboração dos nomes de maior prestígio na criação de modelos, entre os quais se destaca Fred Carlin.
Sabendo escolher o melhor do que interessa à sua clientela exigente, a STOP — Rua do Ouro, 262, apresenta as colecções da SIDNEY para OUTONO / INVERNO na sua vasta gama de CORES e MODELOS.
STOP — Rua do Ouro, 262 — Lisboa
UMA PARAGEM OBRIGATÓRIA PARA A MODA

O Ultramar português e a O. N. U.

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 14 — (A. N. I.) — A Comissão de Curadorias da Assembleia Geral das Nações Unidas reuniu-se ontem, para estudar a questão das províncias ultramarinas portuguesas, mas adiou a sessão para hoje, pois os países afro-asiáticos não haviam conseguido ainda elaborar a moção que pretendem apresentar.

Os debates acerca das províncias ultramarinas portuguesas terminaram oficialmente na semana passada.

A MELHOR APLICAÇÃO DOS SEUS CAPITAIS É EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

RENDIMENTOS EM PROPRIEDADES DE 7,5 A 9% COM GARANTIA POR 12 ANOS

Durante 12 anos V. Ex. pode receber directamente em casa, no n/ escritório, ou no banco, o rendimento da propriedade que nos compra

em rendimento certo estabelecido, sem mais qualquer preocupação ou encargo pode ainda habitar ou explorar por aluguer, directamente a mesma propriedade

Preço dos apartamentos mobilados		PREÇO DOS ANDARES		
130.000$00	230.000$00	3	ASSOALH.	220 000$00
155.000$00 – 240.000$00				
170.000$00 – 250.000$00		4	»	230 000$00
180.000$00 – 270.000$00		5	»	380 000$00
185.000$00 – 280.000$00				
200.000$00 – 300.000$00		6	»	440.000$00
210.000$00 – 320.000$00				
220.000$00	340.000$00	7	»	600.000$00

Locais das nossas propriedades:

Centro da Amadora, Reboleira, Venda Nova, Paço d'Arcos, Parede e Alapraia — S. João do Estoril

REBOLEIRA — VISTA PARCIAL (AÉREA)

ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS

VENDA E ALUGUER

Azulejos — Nacionais e Estrangeiros desde $60

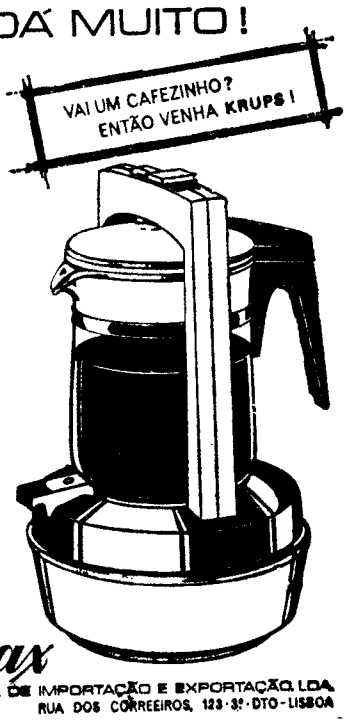
INFORMAÇÕES: Lisboa - Rua Conde Redondo, 53, 4.º Esq. - Telefones 47843 - 45843 ● Queluz - R. D. Maria I, 30 Telefones 952021 - 952022 ● Amadora - Reboleira - Telefone 933670

NOTA: — AS PROPRIEDADES QUE VENDEMOS SÃO NOSSAS E DE NOSSA CONSTRUÇÃO.

DE HÁ MUITO **KRUPS** DÁ MUITO!

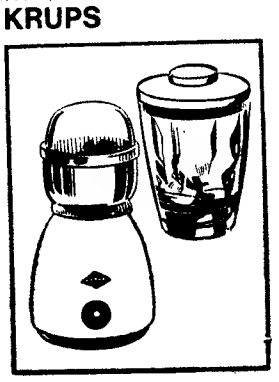
- Dá a origem: a experiência e o prestígio de uma indústria
- Dá 120 anos de aperfeiçoamento constante
- Dá um mundo de coisas a todo o mundo

PREPARE UM CAFÉ MAIS AROMÁTICO, UM CAFÉ MAIS SEU, COM A MÁQUINA AUTOMÁTICA **KRUPS**



KRUPS DORETTE combi

MOINHO DE CAFÉ COM COPO MISTURADOR, IDEAL PARA BATIDOS E ALIMENTAÇÃO DE BÉBÉS



KRUPS

TRAZ ALEGRIA AO LAR!

Representante e distribuidor **Lusomax**
SOCIEDADE DE IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO, LDA.
RUA DOS CORREEIROS, 123-3.º-DTO-LISBOA

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos de art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, para o estabelecimento no lugar de Cova do Gato, freguesia de Abela, no concelho de Santiago do Cacém, de uma linha aérea a 30 kV, com 186 m., do apoio n.º 63 da linha Lousal-Santiago ao posto de transformação de Joaquim Raul Chainho.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento em 6 de Novembro de 1968.

O Engenheiro-Chefe

Guilherme Martins

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos de art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37 em todos os dias uteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento na freguesia de S. Sebastião, concelho de Setubal, de uma linha aérea a 30 kV, com 164 metros, do apoio n.º 4 da linha para a Estação Experimental de Águas de Moura ao posto de transformação da Sociedade Industrial de Lavradores do Sado, Ld.ª.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento em 6 de Novembro de 1968.

O Engenheiro-Chefe

Guilherme Martins

ENGENHEIRO MECÂNICO

Necessita organismo público. Vencimento: 8.400$00. Enviar «curriculum vitae». Resposta a este jornal ao n.º 424.

DINHEIRO

S/ AUTOMÓVEIS

Empresta-se em boas condições. Transacções rápidas. Sigilo absoluto

SONIPAL

R CONDE REDONDO 14-2º
TELEFNS 52248 556580

POLICLÍNICA DO ROSSIO

L. D. João da Câmara, 19, 2.º, Esq.º — Telef. 32 0660

Dr. Almada e Melo — Crianças — 2.ª e 5.ª — 17 h.

Dr. Anacleto Miranda — Olhos — 2.ª, 4.ª, 5.ª e 6.ª — 15.30 h.

Dr. Arnaldo Rodo — Ortopedia (Ossos e articulações) — 3.ª e 5.ª — 15 h.

Dr. A. Pita Negrão — Clín. cirur. — Operações — 3.ª, 5.ª e sáb. — 16 h.

Dr. Cordeiro Lobato — Gar., Nar., e Ouv. — 14 h.

Dr. Ferreira Malaquias — Estom., Intest., Fígado — Doenças Ano-rectais, Hemorróidas — 2.ª, 4.ª e 6.ª — 19 h.

Dr. Fontoura Madureira — Rins e v. uri. — 16 h.

Dr. Freitas de Sousa — Doen. Reumát. — 3.ª e 5.ª — 17 h.

Dr. Jorge Falcão — Pele e Sífilis — 15.30 h.

Dr. Luís Abecasis — Coração, Electrocardiografia — 3.ª, 5.ª e sábados — 14 h.

Dr. Luís Leite — Senhoras — Partos — 17 h.

Dr. Macedo Costa — Assis. do Disp. de Profi. Mental — 3.ª e 5.ª — 16.30 h.

Dr. Marques da Gama — Clín. Médica — 3.ª, 18.30 h., Sáb. 14.30 h.

Dr. J. Mira Mendes — Clínica Geral — Doenças Pulmonares — 16 h.

Dr. Mesquita Guimarães — Raios X.

Dr. Reis Valle — Análises clínicas.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4% ...	525$	—	525$
Consolidado 3% ...	—	—	540$
Consolidado 3 1/2% ...	650$	—	655$
Centenários 4% ...	1.485$	1.480$	1.490$
Obrigs Tesouro 5% ...	1.005$	1.004$	1.006$
Externo 1.ª Série ...	—	775$	800$
Externo 2.ª Série c ...	—	840$	845$
Externo 3.ª Série ...	—	850$	890$
Externo 3.ª Série c. ...	—	900$	920$
Cautelas 3.ª Série ...	—	180$	200$
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5% ...	—	470$	—
A P T 5% 56 ...	—	945$	950$
A P T 5% 58 ...	—	945$	950$
C P 4 1/2% 65 ...	920$	915$	925$
C P 5 1/2% 67 ...	—	1.005$	1.010$
C U F 6% ...	1.000$	998$	—
C U F 6% 68 ...	—	1.005$	—
Gás Elect 4% 48 ...	—	840$	—
Gás Elect 4 1/2% 51 ...	—	900$	—
Gás Elect 5% 52 ...	910$	910$	920$
Gás Elect 5% 58 ...	900$	900$	—
Gás Elect 5% 59 ...	—	900$	910$
Gás Elect 5% 62 ...	—	930$	—
Gás Elect 5% 63 ...	—	930$	—
Gás Elect 5% 65 ...	—	920$	—
Gás Elect 5% 67 ...	1.025$	1.023$	—
H E A Alentejo 5% ...	835$	830$	835$
H E Cávado 5% ...	840$	840$	—
H E Cávado 6% ...	1.003$	1.002$	1.003$
H E Douro 5% ...	840$	840$	845$
H E Douro 6% ...	1.003$	1.001$	1.004$
H E Norte Port 5% ...	—	—	—
H E S Estrela 6% ...	1.003$	1.002$	1.003$
H E Zêzere 5% 55 ...	840$	835$	839$
H E Zêzere 5% 57 ...	—	—	845$
Lisnave 6% ...	—	1.005$	—
Metropolitano 4% ...	899$	895$	899$
Metropolitano 5 3/4% ...	—	1.018$	—
Moçambique 5% ...	—	740$	—
Nac Electr 5% ...	—	835$	845$
Nitratos 5% ...	—	—	—
Nitratos 5% 60 ...	—	—	—
Petroquímica 5% ...	—	860$	870$
Port Celul 5% ...	—	960$	980$
Sacor 5% 54 ...	—	940$	955$
Sacor 5% 60 ...	—	910$	—
Siderurgia 5% 2.ª ...	—	—	840$
Siderurgia 5% 3.ª ...	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª ...	—	—	—
Sonefe 5% ...	—	800$	820$
T. A P 4% ...	—	—	—
Termoelect Port 5% ...	820$	820$	825$
U E P 3 3/4% ...	—	—	—
U E P 4% ...	—	—	84$
U E P 4 1/2% ...	—	88$	—
U E P 5% ...	—	—	83$5
U E P 5% 60 ...	—	—	860$
U E P 5% 63 ...	—	—	850$
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura ...	975$	970$	980$
Alentejo ...	615$	610$	620$
Angola ...	1.495$	1.496$	1.500$
Burnay ...	—	—	—
Crédi Predial ...	—	1.865$	1.890$
E Santo ...	—	13.500$	14.000$
E Santo n ...	—	—	—
Fonsecas S p. ...	—	—	—
L. G Açores p. ...	—	3.900$	3.950$
L. G Açores n ...	—	—	—
P. Atlântico p ...	—	5.050$	—
Portugal n ...	—	2.260$	—
Portugal p ...	2.580$	2.580$	—
Totta Aliança ...	—	4.300$	4 450$
Ultramarino n. ...	1.630$	1.620$	1.650$
Ultramarino p. ...	1.730$	1.725$	1.750$
Seguros			
Alentejo ...	—	—	80$
Douro ...	—	—	—
Mundial ...	370$	369$	370$
Sagres ...	—	—	1.190$
Tranquilidade ...	—	40.000$	45.000$
Ultramarina ...	—	8.500$	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola ...	750$	740$	760$
Ag Cassequel ...	—	590$	600$
Ag Incomat. ...	1.290$	1.200$	1.295$
Ag Neves ...	—	120$	—
Ag S Tomé e Príncipe	—	135$	—
Boror ...	—	110$	130$
Buzi ...	62$	61$5	62$
Cabinda ...	120$	115$	125$

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola ...	1.165$	1.160$	1.170$
H E Revué ...	—	—	—
Ilha do Príncipe ...	—	—	—
Moçambique ...	65$	64$5	68$
Sonefe n ...	—	255$	—
Sonefe p ...	265$	265$	267$
Zambézia ...	44$	43$5	45$
C.ª Diversas			
Cidla ...	7.120$	7.110$	7.150$
Cim Leiria ...	2.000$	2.000$	2.050$
Cim Tejo ...	—	2.700$	2.800$
Col Navegação ...	—	590$	—
C U F ...	—	995$	1.000$
Ind Aliança ...	—	—	—
Nac. Navegação ...	—	—	—
Petroquímica ...	—	—	—
Port e Colónias ...	1.260$	1.250$	1.265$
Port Celulose ...	3.200$	3.220$	3.300$
Port Pesca ...	700$	690$	—
Port Tabacos ...	476$	475$	476$
Sacor ...	—	4.850$	4.900$
Siderurgia Nac ...	1.080$	1.070$	1.085$
Socel ...	—	2.080$	2.110$
Tabacos de Portugal ...	—	850$	—
Tabaqueira ...	—	7.700$	8.000$
U. F Azoto ...	690$	690$	695$
Águas, Electricid., e Gás			
Águas Lisboa p ...	—	385$	395$
Águas Lisboa 34 ...	—	390$	415$
Águas Lisboa 36 ...	—	385$	—
Eléct Beiras ...	1.505$	1.500$	1.570$
Gás Electr ...	377$5	377$	378$
H E Alto Alentejo ...	157$	156$5	157$
H E Cávado ...	1.230$	1.225$	1.230$
H E Douro ...	1.209$	1.209$	1.211$
H E Norte Portugal ...	—	310$	320$
H E S Estrela ...	—	1.500$	1.750$
H E Zêzere ...	1.290$	1.285$	1.290$
Nac Electricidade ...	—	—	1.290$
Termoeléctr Portuguesa	1.275$	1.270$	1.280$
U E P ...	—	185$	194$
FUNDOS DE INVESIMENTOS			
F I. Atlântico ...	—	148$7	153$2
F I D E S ...	—	103$3	106$4

ÍNDICE BORGES & IRMÃO
COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65-100)

	7/11/68	13/11/68	14/11/68
GERAL ...	104,9	104,5	**104,7**
METROP. ...	103,7	103,3	**103,5**
ULTRAM. ...	113,4	113,5	**113,2**

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	86$00	88$50
América:		
Dollar de 1 e 2 ...	28$25	28$65
Dollar de 5 a 1000 ...	28$43	28$85
Canadá — Dollar ...	26$30	26$80
Alemanha — Marco ...	7$10	7$30
Argentina — Peso ...	—$—	—$—
Austria — Schilling ...	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$50	8$50
Espanha — Peseta ...	$39,8	$41,3
Holanda — Florim ...	7$80	8$05
Inglaterra — Libra ...	67$50	69$50
Itália — Lira ...	$04,52	$04,7
Marrocos — Dirham ...	4$65	5$15
Bélgica — Franco ...	$55	$57
França — Franco ...	5$60	5$85
Suíça — Franco ...	6$58	6$78
Dinamarca — Coroa ...	3$70	4$05
Noruega — Coroa ...	3$85	4$15
Suécia — Coroa ...	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra ...	315$00	330$00
Inglaterra — 1/2 Libra	220$00	240$00
Ouro Fino — Barra ...	36$00	38$50

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Terreno com projecto aprovado
(AO SALDANHA)
VENDE-SE TERRENO COM 1.000 m2, DEVOLUTO, PODENDO INICIAR-SE A CONSTRUÇÃO IMEDIATAMENTE. PROJECTO APROVADO PARA PRÉDIO COM CAVE E RÉS-DO-CHÃO EM TODA A SUPERFÍCIE DO TERRENO (1.000 m2 CADA PISO) E MAIS OITO PISOS COM 270 m2 CADA. ESTACIONAMENTO PRIVATIVO PARA OS LOCATÁRIOS. LIVRE DE QUAISQUER ENCARGOS, UM SÓ DONO. SOU O PRÓPRIO: TELEFONAR PARA 792761.

MAIS 27 419 CONTOS CONCEDIDOS PELO ESTADO À LAVOURA NACIONAL

Por despacho do secretário de Estado da Agricultura, foi autorizado que, da verba de 150 000 contos fixada para 1968 pelo Ministério da Economia, para fomento da motomecanização, fossem atribuídas comparticipações no valor de 4 480 700$00, a vários agricultores e organizações da lavoura que se encontram abrangidos pelas disposições do decreto relativo á motomecanização.

Também, pelo mesmo membro do Governo, foi autorizado o Fundo de Melhoramentos Agrícolas a conceder empréstimos a diversos agricultores e organizações da lavoura, nos distritos de Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Faro, Guarda, Leiria, Lisboa, Ponta Delgada, Portalegre, Porto, Santarém, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu, com a seguinte distribuição:

9 270 000$00 — oficinas tecnológicas;

5 524 400$00 — máquinas agrícolas;

2 930 000$00 — instalações frigoríficas para conservação de frutos;

1 304 500$00 — aquisição de prédios rústicos;

979 137$00 — casas de habitação para empresários agrícolas; 750 000$00 — aquisição de gado;

676 000$00 — instalações pecuárias;

579 000$00 — fruticultura;

153 000$00 — construções rurais;

51 000$00 — surribas, arroteias e plantações; e

10 000$00 — outros melhoramentos.

Estas verbas serão aplicadas em melhoramentos que se enquadram na política de reconversão cultural e de racionalização das explorações agrícolas, preconizadas pelo Governo.

Destacam-se em primeiro lugar os empréstimos atribuídos a «oficinas tecnológicas», a «máquinas agrícolas», a «instalações frigoríficas para conservação de fruta», «aquisição de prédios rusticos» e a «casas de habitação para empresários agrícolas».

A primeira destas verbas visa a instalação de infra-estruturas básicas da industrialização e comercialização de produtos agrícolas, e destina-se na sua quase totalidade ás Adegas Cooperativas de Riba Douro, Mogadouro e Miranda, de Santo Tirso, de Azureira e á de Vila Real; com a segunda tem-se em vista fomentar a mecanização das diferentes operações culturais; com a terceira, pretende-se dotar a Cooperativa Agrícola do Concelho de Porto de Mós com instalações frigoríficas para conservação de fruta, e promover o emparcelamento da propriedade por meios indirectos, e com a ultima proporcionar melhoria das habitações dos empresários agrícolas.

Destacam-se imediatamente as quantias destinadas a «aquisição de gado», a «instalações pecuárias» e a «fruticultura», com as quais se pretende melhorar o efectivo pecuário, através da aquisição de gado de qualidade, dotar as explorações de instalações adequadas para o gado e fomentar o estabelecimento de pomares.

Seguem-se, por ultimo, as verbas referentes a «construções rurais», a «surribas, arroteias e plantações e a outros melhoramentos», através dos quais se visa a construção de instalações afectas á exploração agrícola, a arroteia de tratos de terreno, e a realização de outros melhoramentos que se enquadram no plano de reconversão.

A actriz Mirita Casimiro é operada amanhã

PORTO, 14 — Na enfermaria de cirurgia plástica do Hospital de Santo António, onde está internada, como noticiámos, a actriz Mirita Casimiro tem experimentado sensíveis melhoras. A operação a que será submetida deve decorrer amanhã, uma vez que são necessários exames preliminares.

Uma equipa de médicos especialistas em cirurgia plástica, coadjuvada por uma outra de estomatologia, procederá á intervenção. A colaboração da segunda equipa torna-se necessária, pois a artista tem o maxilar inferior fracturado em dois angulos.

Terminou o II Congresso Luso-Espanhol de Medicina Laboratorial

Na Faculdade de Medicina terminaram hoje os trabalhos do II Congresso Luso-Espanhol de Medicina Laboratorial, organizado pela Sociedade Portuguesa de Medicina Laboratorial com a colaboração da Associación Nacional de Médicos Especialistas de Análises Clínicas, de Espanha, e com o patrocínio do Instituto de Alta Cultura.

Esta manhã, efectuou-se uma mesa-redonda sobre Infecções Urinárias, sendo moderador o prof. dr. Candido de Oliveira, que procedeu também á apresentação do problema. Sobre etiologia falou o prof. dr. Bravo Oliva, de Salamanca; os aspectos clínicos foram tocados pelo prof. dr. Carneiro de Moura e a Acção dos antibióticos pelo prof. dr. A Torres Pereira.

De tarde, ás 15 horas, começou a mesa-redonda sobre «Erros Metabólicos», sendo moderador o prof. dr. Gomes da Costa que tratou também, a imunologia, enzimologia e erros metabólicos hereditários. O prof. Martinez Fernandez, de Madrid, focou os «Aspectos bioquímicos das glucogenoses congénitas, enquanto os drs. A. G. Palma Carlos e Maria da Graça Lourenço tratavam dos «Aspectos laboratoriais das profirias congénitas».

A partir das 12 horas foram apresentadas 15 comunicações livres por diferentes congressistas espanhóis e portugueses.

Entretanto, de tarde, as senhoras da família dos congressistas visitaram o Palácio de Queluz e, no regresso a Lisboa, foram recebidas, ao fim da tarde, pelo embaixador de Espanha. À noite, no restaurante «Choupana» efectua-se o jantar de encerramento do Congresso.

TAPETES
Carpélio
Um produto "ALAMAC"
Élio Amorim & Filho, Lda.
PORTO — LISBOA
CARPETES

Cozinhados dum sabor maravilhoso...
São fáceis de preparar (e depressa) numa panela de pressão DUROmatic, porque a duração do cozimento é tão curta que os alimentos conservam assim todos os valores nutritivos e os sais minerais, indispensáveis à saúde. A DUROmatic é a mais económica e a mais segura panela de pressão!

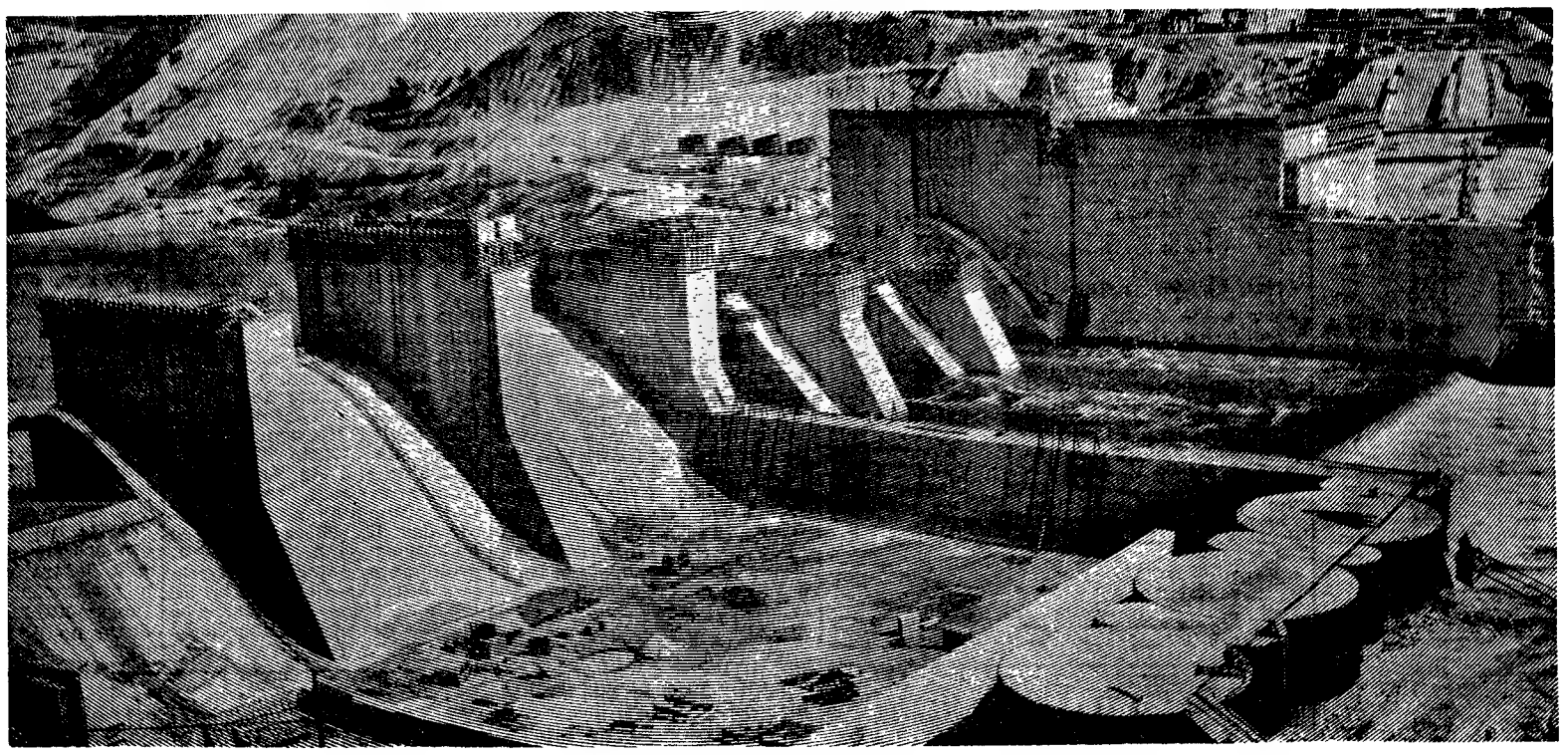
DUROmatic
A panela de pressão milagrosa
A VENDA EM TODAS AS CASAS DE ARTIGOS DOMÉSTICOS

LICEU — ADM. INSTITUTOS — SECÇÃO PREPARATÓRIA
Cursos: BASICO, NORMAL, ACELERADO
ABERTAS AS INSCRIÇÕES — INÍCIO DOS CURSOS — OUTUBRO
EXTERNATO LICEAL E TÉCNICO ARQUIMEDES
Rua Marques da Silva, 99, 2.º — Tel. 532702
EXTERNATO TÉCNICO PITÁGORAS
R. Conde Redondo, 56, 1.º-Esq. — Tel. 536380
CURSOS INTENSIVOS, NOVAS TÉCNICAS DE ENSINO, PROFESSORES ESPECIALIZADOS, LIVROS PRÓPRIOS

HIDRO-ELÉCTRICA DO DOURO, S. A. R. L.

RUA DO BOLHÃO, 36 PORTO

CAPITAL AUTORIZADO 4 000 000 CONTOS ● *CAPITAL REALIZADO 2 110 000 CONTOS*



APROVEITAMENTOS EM EXPLORAÇÃO: MIRANDA, PICOTE, BEMPOSTA E VILAR - TABUAÇO
APROVEITAMENTOS EM CONSTRUÇÃO: CARRAPATELO E RÉGUA

15.° AUMENTO DE CAPITAL

EMISSÃO AO «PAR DE 250 000 ACÇÕES DO VALOR NOMINAL DE 1 000$00 CADA UMA, COM RESERVA DE PREFERÊNCIA, NOS TERMOS DO ART.° 6.° DOS ESTATUTOS, PARA OS ACTUAIS ACCIONISTAS (INSTITUIÇÕES DE PREVIDÊNCIA, BANCO DE FOMENTO NACIONAL E ENTIDADES PARTICULARES)

AS ACÇÕES TERÃO DIREITO AO DIVIDENDO INTEGRAL DO EXERCÍCIO DE 1969, CATIVO DE IMPOSTOS PARA OS ACCIONISTAS. OS TÍTULOS REPRESENTATIVOS DESTA EMISSÃO SÃO DE 1, 5, 10, 25, 50 E 100 ACÇÕES CADA, NOMINATIVOS OU AO PORTADOR, A OPÇÃO DOS SUBSCRITORES

CONDIÇÕES DE SUBSCRIÇÃO

1.ª A subscrição estará aberta ao público, sendo todavia respeitado o direito de preferência dos accionistas existentes à data da subscrição, nos termos do art.° 6.° dos estatutos.

2.ª Cada accionista, no uso do seu direito de preferência, poderá subscrever um número de acções igual a 11,8 % do número das acções que apresentar, arredondado por defeito.

3.ª O exercício do direito de preferência na subscrição fica subordinado à apresentação dos títulos representativos de acções de emissões anteriores, a fim de lhes ser aposto o carimbo comprovativo do uso desse direito.

4.ª As acções serão oferecidas pelo seu valor nominal, ao preço de 1 000$00, cada uma, acrescido do imposto de mais-valias de Esc.: 10$10 por acção, para os accionistas sujeitos a este imposto.

5.ª As acções serão pagas integralmente no acto da subscrição juntamente com o imposto de mais-valias.

6.ª No rateio, que eventualmente se realize, das acções que porventura não sejam subscritas nos termos da alínea 2.ª, será ainda respeitado o direito de preferência dos accionistas.

7.ª O pagamento das acções que venham a ser atribuídas em consequência da alínea anterior, será efectuado após a publicação do aviso de rateio e no prazo nele indicado.

8.ª A subscrição estará aberta de 11 a 16 do corrente nos seguintes estabelecimentos de crédito:

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, CRÉDITO E PREVIDÊNCIA — BANCO DE FOMENTO NACIONAL — BANCO DA AGRICULTURA — BANCO BORGES & IRMÃO — BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA — BANCO FONSECAS & BURNAY — BANCO LISBOA & AÇORES — BANCO NACIONAL ULTRAMARINO — BANCO PINTO & SOTTO MAYOR — BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO — BANCO TOTTA-ALIANÇA — COMPANHIA GERAL DO CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS — CRÉDIT FRANCO-PORTUGAIS E MONTEPIO GERAL.

Porto, 6 de Novembro de 1968.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

HOJE PODE VER...

ELIS REGINA

É vedeta de sensação num «show» de cartaz internacional transmitido do Casino Estoril

ELIS REGINA, a gaúcha em cuja voz canta e sofre o Brasil

VARIEDADES. Transmissão directa do Casino Estoril com excelente e variado programa.

Ora vejamos, seguindo o que há dias se lia no «Diário de Lisboa», a propósito do actual «show» da modernissima sala do novo Casino:

«Duzentos e tal quilos de comicidade irresistivel são o prato forte do actual «show» do Casino Estoril. Cada um com bem pesados cem quilos de carne e osso, proporcional ao talento, os Dandy Brothers recomendam-se como terapêutica eficiente para os males de figado. E bem necessitados andamos todos de rir à gargalhada ... Extremamente populares nos palcos da Broadway, estes dois irmãos já cinquentões guardam o segredo de uma fácil comunicabilidade com o público. Depois, da sua origem italiana colheram o fruto de vozes portentosas e são alegria. Como resultado oferecem-nos algo mais que um entreacto cómico — um invulgar número de «music-hall», onde há bom humor, canções populares, elegantes passos de baile (apesar dos executores serem avantajados), perfeitas imitações vocais e magistrais apontamentos fisionómicos. Possivelmente, o leitor já conhece os Dandy Brothers, pois a TV portuguesa revelou-os, há tempo, ao nosso público, graças a um programa da Eurovisão. Pois agora têm-nos em carne e osso (mais carne que osso) no Casino Estoril e, se os for ver, verificará que nem um só dos adjectivos atrás empregados o foi com exagero.

.....

Mas tem outros motivos de agrado certo o actual espectáculo do Casino: a nossa vedeta angolana Lilly Tchiumba, em três ritmadas canções do folclore da sua terra natal; o trio The Ukrainian Cossacks, jovens bailarinos de uma elasticidade espantosa, posta à prova em acrobáticos bailes cossacos; e, finalmente, não uma onda de brancura (que as há morenas no grupo) mas uma onda de frescura — o Bonjour Paris Show, composto por dúzia e meia de esculturais raparigas para quem a dança parece ser mais um prazer que uma obrigação profissional.»

ELIS DÁ BIS

Hoje, o programa tem ainda um prato fortissimo, prato brasileiro de aplauso internacional: Elis Regina. Elis que muitos apelidam da «A maior»! Elis Regina, em espectáculo único, eis o que vamos ter esta noite.

«Depois de se guindar ao lugar cimeiro do quadro de intérpretes da música ligeira do Brasil, Elis Regina lançou-se decidida à conquista de mais amplos horizontes. Depois de vencida a primeira etapa, conquistando as Américas, a jovem cançonetista tentou a Europa e, de

(Continua na pág. seguinte)

TV dia a dia

ANTES DA «CARMEN», O DILÚVIO

Ontem foi tudo «Carmen» de Bizet. Dia de festa para quem goste de ópera. E quem não goste, lá está João de Freitas Branco para lhe inocular o veneno do amor. Do amor, sim. E também, se quiserem, de um poucochinho de curiosidade. Contra a curiosidade (que é bem capaz de ser a escondida raíz da ciência) alegam alguns o poder levar ao inferno. Pois sim. Mas ao inferno tudo pode levar. Até o excessivo amar ao céu.

Esta filosofia olhem que não será tão barata como à primeira vista parece. Por mim, só a entendi perfeitamente e em termos históricos no romance «Os deuses têm sede», de Anatole France. Isto é um convite à sua leitura? Talvez, e se não é pode perfeitamente funcionar como tal.

O certo é que ontem tudo foi Bizet. O que não foi Bizet ainda foi Bizet: a recordação da «Carmen» na interpretação de Charlot. António Lopes Ribeiro, faça esse favorzinho, ponha lá isso no «Museu» agora que a memória da ópera ainda está fusca...

Antes de Carmen não houve nada? Bem, houve o «Quarto de brinquedos» e o «programa feminino». Se estiver por aí alguém a dizer que é isto alguma coisa então alguma coisa houve. No que discordo.

«Quarto de brinquedos»? Por favor, mudemos de conversa! As latinhas que servem de baldinhos para as andas, viram? Mas então as latinhas, por muita lata que tenham, não se amolam? E a cantilena insignificante, boa para lavagem de cérebros infantis, uma canção-detergente? E aquilo que os meninos devem fazer antes de irem para uma festa? Lavar os dentes (senão, não podem sorrir...) tomar banho, cortar as unhas, pentear a guedelha... Tudo está certo, não entendo é a ideia da festa, não entendo que papel desempenha a festa na educação da higiene infantil. Será que, em caso de não haver festa, é lícito a unha, a guedelha, a mão suja? Em resumo: se não houver festa... é uma alegr a ..

Quanto ao programa feminino, foi todo dedicado á mulher elegante. Cultura intensiva e maníaca da futilidade; incentivo ao espirito poliomielítico da mulher-boneca, a propaganda da vaidade com «amplo espinhado brilhante de veludo de fantasia »

Enfim, a história complicada da «Carmem», uma história de cordel, intrigas, bisbilhotices, valentices. Sem musica é que se quer ver. Sem musica, o Charlot cantou-lhas. Com muito mais verdade. Com muito mais convicção. O' António Lopes Ribeiro, faça esse favorzinho á gente .. — *M. C.*

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira — Programa da tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A orquestra de...; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 05: Sucessos franceses; 18 e 20: Programa da mulher, programa de Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica e sonho; 19 e 10: Rádio Universidade; 19 e 50: A orquestra Mantovani; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 26.º episódio do folhetim «Musica no Coração»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Musica ligeira; 21 e 40: Festival 68; 22 e 30: Evocação de Coimbra; 22 e 50: Melodias pelo pianista Erroll Garner; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 17: Musica de Câmara; 16 e 30: 1.º e 2.º actos da ópera «Aida» (Verdi); 18: Musica do século XX — Obras de Sibelius; 18 e 50: Musica coral religiosa de Bruckner; 19: Horizonte, semanário de Letras e Artes; 19 e 30: Folclore português — Três cantos transmontanos cantados por Francisco Domingues — Musica da Ilha Terceira (Açores); 19 e 45: Musica de piano; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica de Telemann; 20 e 30: Uma cantata de Natal (Honegger); 21: Concerto pela Academia de Instrumentistas de Câmara, sob a direcção do maestro Silva Pereira; 21 e 22: Três estudos op. 18 (Bela Bartok) — piano; Noel Lee; 21 e 30: Panoramas da história, pelo dr. João Ameal; 21 e 55: Musica de piano; 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: A voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho

3.º Programa — (Cultural em MF 2) — 94,3 mc/s — Às 23: Musica de piano, 23 e 30: Festival de Salzburgo de 1968 — em gravações cedidas pela Radiodifusão austríaca; 0 e 08: Intervalo — Canções de Beethoven pelo tenor Fritz Wunderlich — Ao piano: Hubert Giesen; 0 e 22: 2.ª parte — Concerto Brandenburguês n.º 1, em fá maior, BWV 1046 solistas; 0 e 45: Capricho rustico (João de Sousa Lima) — Natan Schwartzman (violino) Fritz Jank (piano); 1: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,3 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Elas e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 05: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Tempo de ritmo; 21: Noticiário; 21 e 03: Diapasão; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03. Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Clube das Donas de Casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20 e 52: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67; 4: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m 782 kc/s — Às 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Crónica Feminina; 20 e 20: Norte dia a dia; 21 e 05: Cabina de escuta; 21 e 10: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 22 e 30: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Vozes de Paris; 18 e 25: Boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Guitarras portuguesas; 21 e 45: Trios vocais; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica ligeira variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Uma orquestra; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A musica é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30 — **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 9 e 30 ás 22 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2 — **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

HOJE NA TV

Às 19 e 30: Telejornal e Agenda da Praça; 19 e 45: Actualidade Desportiva; 20 e 25: Programa Feminino; 20 e 35: Vamos Jogar no Totobola; 20 e 50: Parada da Industria; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: Folhetim — «Silvia dos 3 Ulmeiros»; 22 e 25: Cinema sem Estrelas»; 22 e 55: Variedades, com Ellis Regina e o seu conjunto privativo; 0 e 30: Telejornal, Meditação e Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Quarto dos Brinquedos; 20 e 20: Vamos Dormir; 20 e 30: Programa Feminino; 20 e 45: Sangue na Estrada; 20 e 50: Cartaz TV 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: Noite de Cinema: «O Capitão»; 23 e 50: Telejornal, Meditação e Fecho

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

«CINEMA SEM ESTRELAS»:

«Cruzeiro do Sul» de Fernando Lopes

FERNANDO LOPES: «Há vários mundos sobre os quais devemos falar (no cinema)»

Fernando Lopes. 33 anos. Uma vida apostada no cinema. Com entusiasmo, com inteligência, com problemas. Com sacrifício. Com talento. Começou há anos, na R. T. P. Trabalhou no Telejornal, fez reportagens, fez crónicas e ensaios. Esteve em Inglaterra, onde frequentou a London School of Film Technique. Foi dos mais brilhantes alunos desta escola e ligou-se a alguns dos melhores valores do novo cinema inglês. Foi um dos fundadores da revista «Sequence». Voltou a Portugal e, algum tempo depois, saiu da R. T. P. Realizou «Évora, as pedras e o tempo», sua primeira obra em 35 mm. Depois realizou, também, «Cruzeiro do Sul» e «As palavras e os fios». «Belarmino» foi a sua primeira grande metragem.

A crítica e o público esclarecidos assinalaram os méritos deste seu trabalho, ensaio e exercício de escrita, experimentação estética e humana. Prepara agora «Uma abelha na chuva», segundo a obra homónima de Carlos de Oliveira. Fernando Lopes continua a ser o meso moço-menino-homem. Amargurado, entusiasta, irreverente e lúcido que tudo jogou e apostou no cinema. E de quem o nosso cinema precisa. «Cruzeiro do Sul» foi o filme que realizou, por encargo da TAP, a propósito do Voo da Amizade Lisboa-Rio de Janeiro. É um trabalho que Fernando Lopes realizou com cuidado e seriedade, recordando a ligação histórica e heróica feita por Gago Coutinho e Sacadura Cabral, sublinhando a modernidade do Brasil, o arrojo de Brasília. Nunca esquecendo o homem, princípio e fim de todas as conquistas e aventuras.

DINHEIRO!...

APLIQUE-O EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

EM

Andares de 2 a 10 divisões ou em apartamentos mobilados no centro da Amadora, na Reboleira, na Venda Nova e em Paço d'Arcos

155 CONTOS RENDEM-LHE 1.000$00 MENSAIS

Informe-se nos Escritórios em:

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 45843 - 47843
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 952021/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 933670

S. R.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

Serviço de Abastecimentos

Concurso para fornecimento e instalação de uma Central Térmica

Até às 17,30 horas do dia 28 do corrente, encontram-se patentes no Serviço de Abastecimentos deste Hospital, todos os dias úteis das 10 às 13 e das 14 às 17,30 horas, excepto sábados em que o Serviço encerra às 13,30, as condições para o concurso em referência.

Lisboa, em 14 de Novembro de 1968.

O CHEFE DO SERVIÇO

Baterias

AUTOSIL estabeleceu há 15 anos

o sistema de venda de baterias

.....

valorizando

e recebendo em troca

a bateria inutilizada

para **Preços de Troca**

consulte a TABELA AUTOSIL

Todos os AGENTES AUTOSIL

cumprem rigorosamente

as valorizações estabelecidas

pela fábrica Autosil

para defesa do consumidor

av. 24 de Julho, 26-B
telef. 661583-LISBOA

Largo do Mercado, 38
telef. 242 14—FARO

AUTOSIL

rua D. João IV, 643 a 656
telef. 2 35 66—PORTO

rua Nuno Velho Pereira
SANTARÉM

ELIS REGINA

(Continuação da pág. anterior)

tal forma se houve na sua empresa, que as plateias do Velho Continente se lhe r e n d e r a m incondicionalmente. Como consagração de tão auspiciosa carreira está o recente êxito de Elis Regina no «Olympia» de Paris. A crítica parisiense teceu-lhe os maiores elogios e houve quem a considerasse como uma das dez melhores vedetas internacionais de «music-hall».

Assim, é aureolada pela fama que vamos ver, de novo, a simpática Elis Regina, no mesmo local onde, vai para três anos, ela escutou os primeiros aplausos do público português — o Casino Estoril. Elis Regina vem acompanhada pelo famoso conjunto «Bossa Quatro», por Roberto Menescal e pelo maestro Erlon Chaves — todos nomes grandes do quadro artístico brasileiro e que deram o seu contributo para o êxito parisiense da jovem artista.»

O ÊXITO DE PARIS

A propósito do êxito parisiense de Elis Regina, escreveu-se, então, na revista brasileira «Manchete», na reportagem dedicada à sua apresentação no Olympia, catedral definitiva do «music-hall» internacional: «Ela pisou o palco confiante, para cantar apenas cinco números. A plateia do Olympia de Paris, talvez uma das mais exigentes do mundo, daria o veredicto: ou a consagração, ou os aplausos formais, quase gentis, daqueles que costumam ser reservados para os artistas estrangeiros. Mas quando a jovem brasileira concluiu sua apresentação, duas mil e quinhentas pessoas exigiam um bis. Era a glória da brasileira Elis Regina.»

Bruno Coquatrix, o proprietário do Olympia, era um dos mais entusiasmados. Enquanto Elis Regina chorava copiosamente no seu camarim e alguns brasileiros começavam a improvisar um carnaval nos bastidores, depois do espectáculo de estreia, ele comparava a jovem gaúcha às maiores cantoras de todos os tempos, mas fazendo uma queixa:

— É lamentável que Elis volte para o Brasil. Uma verdadeira artista internacional não tem direito à sua pátria — ela pertence ao mundo. Paris e o Olympia foram bastante importantes para Elis. Seria uma pena que esta sua passagem pela nossa casa ficasse apenas como o souvenir de uma grande e excelente profissional.

Quanto a Elis, vencida a crise de choro que a ansiedade e a emoção justificavam, fazia questão de dividir o êxito com os rapazes do (então) Bossa Trio-Juraudir, Amilson e José Alberto, além do ritmista Hermes — e com os compositores brasileiros:

— O sucesso é do Edu Lobo, de Vinicius, Baden Powell, Ruy Guerra e Guarnieri. Foi o Brasil que fez sucesso. Eles não entendem a nossa língua, mas como aplaudem! Estou feliz, mas falta alguém ao meu lado! O Bôscoli devia estar aqui. (Ronaldo Bôscoli é o seu marido). Autor e produtor enviou-lhe então um telegrama que dizia apenas: eu sabia, eu sabia, eu sabia.

Elis começara com Arrastão, *depois cantou* Reza, *em seguida* Samba da Benção, *em francês, com um delicioso sotaque que transformou os aplausos em ovação, depois o* Canto de Ossanha *e, finalmente,* Upa Neguinho. *Aí, ela já tinha o Olympia a seus pés. Vestida de dourado na primeira noite e com um vestido longo de Dener, na* première *oficial, Elis Regina justificava a descrição que a rádio fizera:* la petite brésilienne belle comme le soleil.

Pois esta noite, a bela brasileirinha, o sol do Brasil, brilha em Portugal!

RECLAMAÇÕES LOCAIS

Estado lastimoso das ruas de uma laboriosa freguesia

CEBOLAIS DE CIMA, 14. — Com o tempo invernoso mais se acentua o deplorável estado de conservação em que há tanto tempo se mantêm as ruas desta freguesia, o maior centro industrial do concelho de Castelo Branco.

Nos pavimentos, onde impera a irregularidade do piso devido às valas que foram abertas quando da distribuição da água aos domicílios (há já três anos que estes trabalhos foram concluídos), nota-se a ausência de paralelepípedos que dão lugar, por sua vez, a sucessivas covas de água, de considerável profundidade, as quais ocasionam constantes acidentes de trânsito, desgaste considerável do material rolante e um constante perigo para a integridade física dos viandantes e tripulantes dos carros que têm de se sujeitar ao estado lamentável a que chegaram as ruas desta progressiva freguesia.

Cortejo de oferendas

TAVEIRO, 14 — O cortejo de oferendas, a favor da Filarmónica União Taveirense, desta freguesia, que conta quase cem anos.

A concentração está marcada para as 14 horas, e após o cortejo far-se-á o leilão das oferendas no Largo Tenente Reinaldo Ferreira Leite.

COMUNICADO

A PREDIAL LIZ

INFORMA OS SEUS MUITO ESTIMADOS CLIENTES E AMIGOS, QUE POR MOTIVO DE NOVAS EDIFICAÇÕES NA SUA SEDE NA AVENIDA DA LIBERDADE, 146, TRANSFERE, A PARTIR DE 18 DO CORRENTE, AS SUAS INSTALAÇÕES PARA EDIFÍCIO PRÓPRIO, NA AVENIDA DA REPÚBLICA, 52, ONDE ESPERA CONTINUAR A MERECER A ESTIMA E AMIZADE, COM QUE SEMPRE TEM SIDO DISTINGUIDA.

A GERÊNCIA
ALFREDO NUNES DUARTE

ÀS GRANDES EMPRESAS E ORGANISMOS DO ESTADO

Vendem-se dois duplicadores OFFSET, Rotaprint, ideais para execução de impressos internos e circulares. Resposta a este jornal ao n.º 425.

S. R.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASISTÊNCIA

HOSPITAL JÚLIO DE MATOS

SERVIÇO DE ABASTECIMENTOS

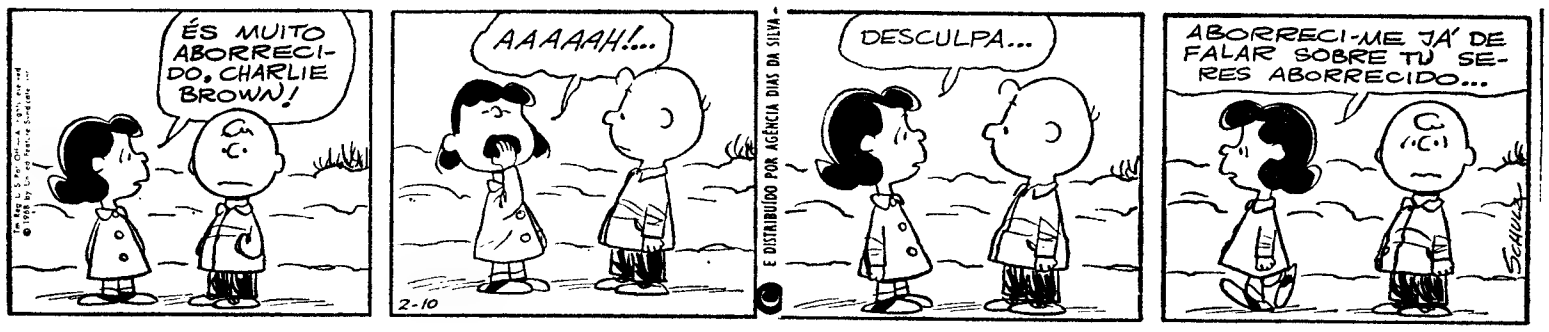
Grupo XII — Concurso para fornecimento de artigos de expediente e impressos

Até ás 13,00 horas do dia 30 do corrente, encontram-se patentes no Serviço de Abastecimentos deste Hospital, todos os dias uteis, das 10 ás 13 e das 14 ás 17.30 horas, excepto sábados em que o Serviço encerra ás 13.30, as condições para o fornecimento em referência.

LISBOA, em 11 de Novembro de 1968.

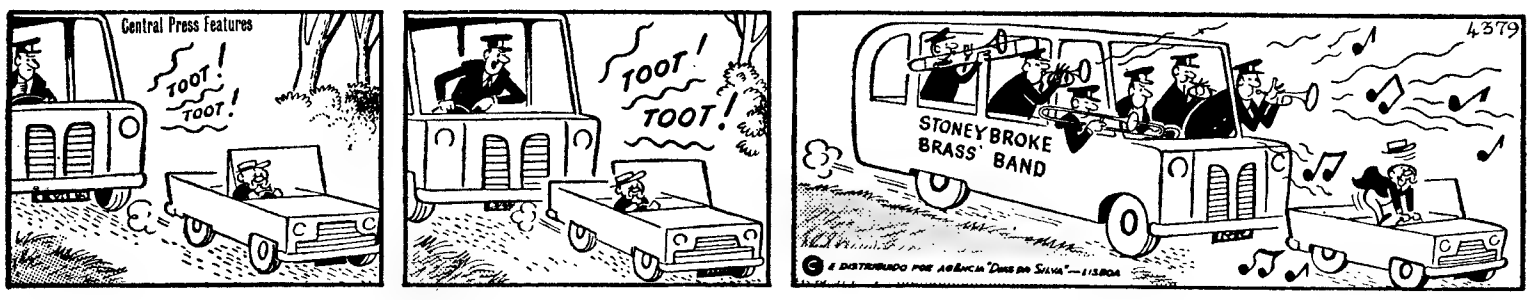
O CHEFE DO SERVIÇO

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 14 de Novembro de 1938 publicava:

«Quando Isabel, a Católica, soube da morte do nosso D. João II, exclamou:

«— Morreu o homem!

«Que qualidades pretendeu ela honrar num soberano que soube defender a coroa com mão de ferro e reger o povo com bondade e justiça?

«O ânimo varonil e a decisão do chefe.

«Homens há muitos, mas, na sua espessa maioria, valem sòmente como blocos numa pedreira, árvores numa floresta e sílabas num poema. A massa anónima não carece de valor porque, assim como não se constrói um edifício sem pedras, não existe sociedade sem turbas ou multidões. Não é, porém, bastante o número, visto ser indispensável dar-lhe forma, movimento e direcção, fazendo-o passar da fase gregária para a de actividade política consciente.»

1 X 2
FIQUE MILIONÁRIO JOGANDO NO AGENTE MAIS PRÓXIMO DA SUA CASA OU DO EMPREGO

R. D. JOÃO V, 5-C, 7-A
«EQUIPA»
Brinquedos - Discoteca

R. MORAIS SOARES, 101
CAMPIÃO & CIA.
Faz milionários há um século

AV. DE ROMA, 2-D
TABACARIA DA P. CAPRI
Tabacos-Revistas-Jornais

AV. DE MOSCAVIDE, 113
CAMPIÃO & CIA.
Jogue e a «sua hora» chegará

ROSSIO, 42
CASA TRAVASSOS
Sempre dinheiro às mãos cheias

ROSSIO (R. DO AMPARO, 2)
CAMPIÃO & CIA.
Faz milionários desde 840

P. FIGUEIRA (R. AMPARO, 2)
CAMPIÃO & CIA.
Apostas de 3$ a 2 391 484$50

AV. DA LIBERDADE, 126
TABACARIA DO CAFÉ LISBOA
Jogue nas nossas séries

R. DA PALMA, 43
CASA TRAVASSOS
Sempre dinheiro aos maços

R. DA PALMA, 269
PALMANOVA
Tabacaria-Papelaria-Brindes

R. DO ARSENAL, 78
CAMBISTA TESTA
Jogue no Testa e terá festa

R. DE S. PAULO, 75/77
CASA COSTA
Lotaria e Totobola

R. CONDE REDONDO, 93-B
CAMPIÃO & CIA.
Lotarias e Totobola

R. ACTOR ISIDORO, 1-A
HAVANEZA DA ALAMEDA
Tabacarias-Novid.-Livraria

PRAÇA DO AREEIRO, 5-A
CAMPIÃO & CIA.
Sempre bons prémios

O PALPITE DE HOJE É DA CASA COSTA
1-X-1-1-2-1-1-X-1-1-1-2-1
R. DE S. PAULO, 75/77

Palavras cruzadas

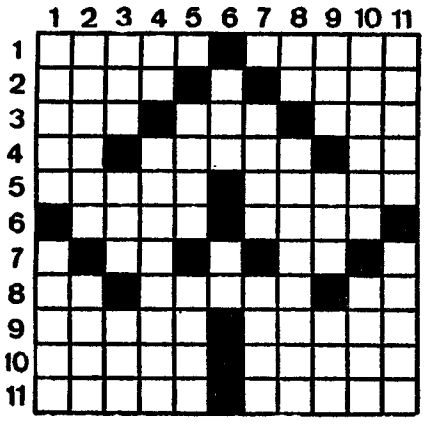
PROBLEMA 5000

(COM PROVÉRBIO)

HORIZONTAIS: 1 — Vulgar. Toiero 2 — Capas sem mangas. Artigo definido. Pronome pessoal (pl). 3 — Prefixo que designa terra. Pedra de altar. Primeiro das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. 4 — Nesse lugar. Acerta. Ruim. 5 — Dança o samba. Avalias. 6 — Barrigo da perna. Tempo do verbo ser. 7 — Segundo. Pedra de moinho. 8 — Troça. Ave palmípede. Abreviatura de idem. 9 — Dão urros. Acometo. 10 — Fruto silvestre. Rainha da Geórgia, que lutou com êxito contra Bizâncio, e cujo reinado foi uma época gloriosa para a sua pátria. 11 — Divisões de uma casa. Guarnecera de asas.

VERTICAIS: 1 — Nome de peixes. Fêmeas do grou. 2 — Desmontas. Mana. 3 — Negativa. Muito. Lista. 4 — Artigo definido. Agasalhora. 5 — Leva á sirga. Gostas muito de. 6 — Apelido. Prefixo de negação. 7 — Aniversário. Diabo. 8 — Pronome pessoal. Qualquer substância que exala um cheiro suave ou penetrante. 9 — Grito. Remo para trás. Governanta. 10 — Ronhas (Bras.). Enguer. 11 — Tostas. Venera.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4999

HORIZONTAIS: 1 — Brasa. Usada. 2 — Riba. O. Unir. 3 — Emala. Ardor. 4 — FIDALGO. 5 — Barateiro. 6 — Oó. Lê. 7 — Atra. Tira. 8 — Radiara. 9 — Acaso. Raspa. 10 — Bato. E. Real. 11 — Obeso. Passo.

VERTICAIS: 1 — Breu. O. NABO. 2 — Rim. Boa. Cab. 3 — Abafa. Trate. 4 — Salir. Rasos. 5 — Adamado. 6 — At. 7 — Alentar. 8 — Surgi. Irara. 9 — Andor. Rases. 10 — Dio. Olá. Pás. 11 — Arre. RALO.

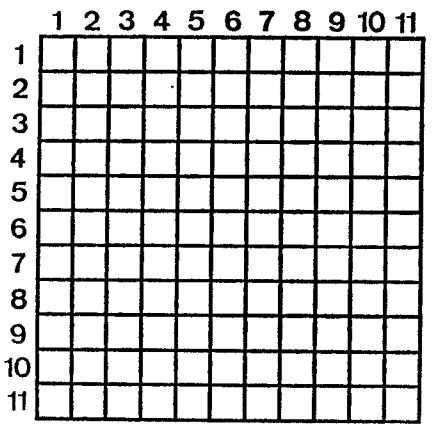
Provérbio: O FIDALGO E O NABO, RALO.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8844

HORIZONTAIS: 1 — Roupas. 2 — Fruto silvestre. Desenrede. 3 — Pátria. Base aérea. 4 — Faldas. Interjeição que serve para fazer recuar os bois. 5 — Nota musical. Despida. Viração. 6 — Raça. Mil e setecentos em romano. 7 — Alimento líquido preparado pela cocção de diversas substancias em água. Limpar com areia. 8 — Nome de homem. Rio da Toscana (Itália). 9 — Uma das formas de madeira. Heroína francesa que foi queimada viva. Chefe etíope. 10 — Pacífico. 11 — Isolado. Ilha também chamada Arquipélago dos Navegadores. Pertences.

VERTICAIS: 1 — Freguesia do concelho de Santana (Mad.). Leitos. 2 — Amónio (s. q.). Antigo canto acompanhado de musica. 3 — Ave semelhante á pomba. Com asas. 4 — Doutoras. Passado. Reis. 5 — Rio da Suíça. Negativa. Nome de mulher. 6 — Estrépito de desmoronamento. Carruagem. 7 — Repetição de um som. Governanta. Remo para trás. 8 — Creme. Doutora. Batráquio. 9 — Na parte posterior. Outeiro. 10 — Preposição latina que designa movimento. Pequena cidade da Guatemala. 11 — Carimbar. Nome de flores.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8843

HORIZONTAIS: 1 — Pomar. Colmo. 2 — Amei. Piar. 3 — Sal. Fim. Sud. 4 — Sr. Troia. Se. 5 — Presara. 6 — Saias. Rosas. 7 — Parceiros. 8 — Ao Aovai. Si. 9 — SSS. Sim. Tom. 10 — Atei. Pomo. 11 — Somar. Grãos.

VERTICAIS: 1 — Passas. Asas. 2 — Omar. 3 — Mel. Pia. Sem. 4 — Aí. Trará. Ia. 5 — Frescos. 6 — Rios. Évio. 7 — Miriam. 8 — Op. Arari. Pr. 9 — Lis. Aso. Toa. 10 — Maus. Assomo. 11 — Ordens. Imos.

MÓVEIS, MÁQUINAS E UTENSÍLIOS DE

Charcutaria — Supermercado

Leilão

Por motivo de encerramento de casa do ramo, será vendido PELA MAIOR OFERTA e sem base de licitação

AMANHÃ, ÀS 15 HORAS

nas n/ instalações da

AV. DUQUE DE LOULÉ, 1-A

MOBILIÁRIO: Modernissimas e excepcionais armações desmontáveis em ferro e fórmica adaptáveis a qualquer ramo, vitrines, balcões, armários, secretárias em madeira e aço, cadeiras em ferro e fórmica, candeeiros, balcão bar, diversa estanteria, etc.

MÁQUINAS E UTENSÍLIOS: Vitrine expositora, inoxidável; Balanças BERKEL, Avery e A. P.; Cortadora BERKEL; Máqs. de café «Carimali» e «Pavoni»; Moinho; Registadora NATIONAL c/ 4 totalizadores e outra vulgar; Calculadora FACIT; Duplicador; Fotocopiador; Frigoríficos; Televisão; Máq. de escrever; Diversos bens patentes.

SOC. DE LEILÕES
AV. DUQUE DE LOULÉ, N.º 1
Telfs. P.P.C. (9 Linhas)
532929 - 51478 - 532446

AFRA FILHOS, Lda

ALCATIFAS

ACRILAN — COURTELLE — DURNYLON
LUSOTUFO — LOUSÃ — LIDER — LEACRIL
LÃ MANUAL — MERAKLON — ROBILON
WOOLMARK
REVESTIMENTOS PLÁSTICOS
PREÇOS DE FÁBRICA
ORÇAMENTOS SEM COMPROMISSO
APLICAÇÃO GRATUITA
NÓLÃ — Av. da República 20-A
Telef. 533310

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c.. Esq., Tel. 771639.

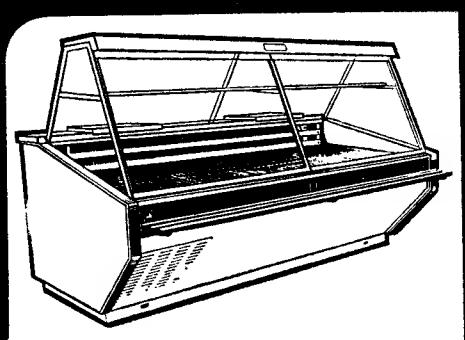
(Ao Campo Pequeno)

CASIMIRO AUGUSTO DE OLIVEIRA

MISSA DE 2.º ANIVERSÁRIO

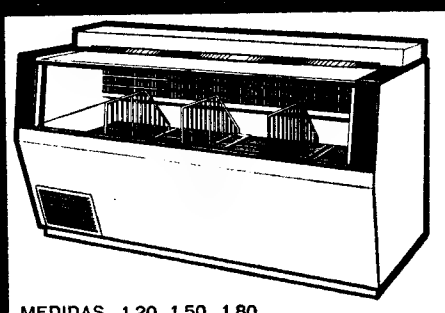
Sua família participa que será rezada missa amanhã, dia 15, pelas 18 e 30, na Igreja da Madalena, agradecendo a todas as pessoas que se dignem assistir a este piedoso acto.

POLAR

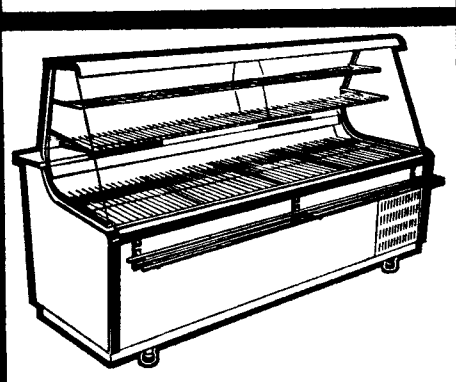


MEDIDAS 1,50 2,00 2,50 3,00

VITRINES E CONGELADORES



MEDIDAS 1,20 1,50 1,80

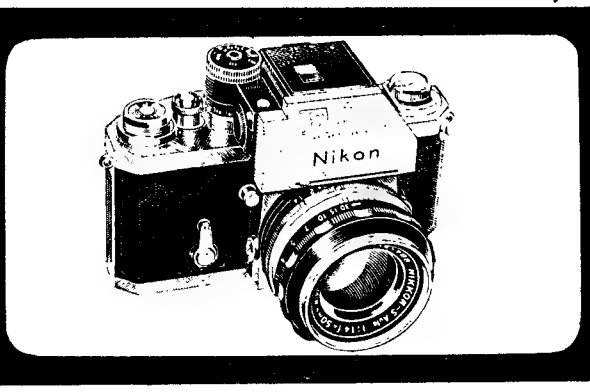


MEDIDAS 1,50 2,00 2,50 3,00

PARA:
SUPERMERCADOS • RESTAURANTES
MERCEARIAS • PASTELARIAS • TALHOS
CHARCUTERIAS • HOTÉIS • ETC.

POLAR REFRIGERAÇÃO POLAR LDA.
Av. Almirante Reis, 94-C Telefone 733755 Rua da Emenda, 66 r/c Telefone 369016

UM SIMBOLO DE DISTINÇÃO
Nikon
PARA UM FOTÓGRAFO DE RAÇA



Sòmente os técnicos especialistas lhe demonstrarão a universalidade e a facilidade de uso do material de alta classe NIKON. Eles guiarão a sua escolha entre as câmaras NIKKORMAT e NIKON, as suas 35 diferentes objectivas (de 8 a 1200 mm) os seus 4 sistemas de visor, os seus 150 acessórios diversos respondendo a todas as necessidades: viagens, família, indústria, reportagem, arquitectura, caça fotográfica, todos os domínios científicos, etc..
Para cada caso existe uma solução NIKON, que apenas um especialista poderá indicar conscenciosamente.
Dirija-se pois sòmente às casas altamente especializadas.

REPRESENTANTES
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S. A. R. L.
SECÇÃO FOTO-CINE
RUA DOS DOURADORES, 10 TEL. 36 15 45 (4 linhas) LISBOA

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

DIRECÇÃO-GERAL DA CONTABILIDADE PÚBLICA

Está aberto concurso para a categoria de terceiros-oficiais do quadro, entre indivíduos do sexo masculino, nas condições publicadas no *Diário do Governo*, 2.ª Série, de 7 de Novembro de 1968.

As provas serão realizadas em dia, hora e local a anunciar, oportunamente, no *Diário do Governo*, e serão fornecidos a todos os candidatos os elementos de estudo necessários para a sua preparação.

Para mais informações dirigir-se á Repartição do Expediente da referida Direcção-Geral, na Rua da Alfandega.

Exija o melhor.. Prefira
VIDOR
PILHAS INGLESAS IMPORTADAS
Representante RAFAEL BURGUETE LDA
LISBOA - R. a
PORTO - Rua

ALUGUER SEM CONDUTOR
CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B.
Telefs: 72 76 54 - 72 49 75
LISBOA

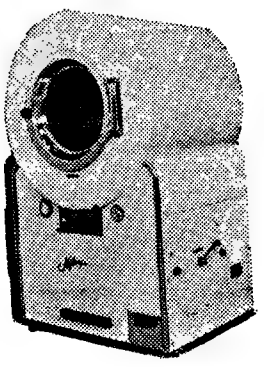
OXIDEX

ALCATIFAS	TODAS AS QUALIDADES DE FIBRA, LÃ E PLÁSTICO
PAPÉIS	ÚLTIMAS NOVIDADES
OPERÁRIOS	ESPECIALIZADOS PARA ASSENTAMENTOS
GARANTIA	TOTAL EM TODOS OS TRABALHOS
ORÇAMENTOS	PELO TELEFONE 532383

EXPOSIÇÃO E VENDA
AV. JOÃO CRISÓSTOMO, 10-B (Junto à Av. Def. Chaves)

T.V.
SCHAUB LORENZ
RÁDIO

NYBORG
MÁQUINAS E INSTALAÇÕES PARA LAVANDARIAS



— HIDRO EXTRACTORES
— SECADORES ROTATIVOS
— CALANDRAS
— MÁQUINAS DE LAVAR

ELO QUEIROZ, LDA.
S. PAULO, 19, 2.º, DT.º
26 19 01 LISBOA-2

HIPOTECAS
FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE
ROSSIO, 3-2.º TELEF. 369384

CARTÃO DIPLOMATA
O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto
ANIBAL GRAVADOR
A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada 64
LISBOA

CARRO ROUBADO

CORTINA LB-57-76/Preto, c/estofos vermelhos.
Roubado em 28/10/68.
Dão-se boas alvíssaras quem inf. s/paradeiro para Tel. 561161-650281 ou Autoridades.

†

Maria Amélia Monteiro Ramos

MISSA DO 14.º ANIVERSÁRIO

Artur de Oliveira Ramos, Artur Manuel Monteiro Ramos, sua mulher e filhas, Maria Inês Monteiro Ramos Monteiro, seu marido e filha, Maria Clotilde Monteiro Ramos Franco Feijóo, seu marido e filhos, Jaime Manuel Monteiro Ramos, sua mulher e filho, António Caetano da Fonseca Monteiro e mais familia participam que amanhã, 6.ª feira, dia 15, ás 10 horas e 30 minutos, será rezada missa na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, por alma de sua querida Mulher, Mãe, Sogra, Avó, Irmã e Parente, agradecendo desde já, a todas as pessoas que se dignarem assistir a esse piedoso acto.

F. C. PORTO-SLOVAN (1-0)

Para os «azuis-brancos» um golo é uma preocupação

• Pinto («cabecinha de ouro»): mais um golo... de cabeça

Um a zero. Só. Sempre é uma vitória, sempre é ganhar um jogo, mas estes encontros das provas «a eliminar» são apenas metades do jogo que interessa — o de 180 minutos.

O F. C. do Porto e os checos do Slovan estão, assim, apenas em meio da sua discussão, que já começou a ser acalorada e ainda promete mais. E como vão em meio, sendo o resto da conversa em Bratislava, não se sabe ao certo quem tem mais razão para estar contente: se os que ontem triunfaram, se aqueles que perderam só por um golo.

O encontro de ontem à noite, no Estádio das Antas, deixou efectivamente um grande ponto de interrogação quanto ao desfecho da eliminatória. O Porto andou à beirinha de conquistar uma posição mais firme, uma vantagem que lhe permtisse ir para Bratislava com aquela tranquilidadezinha de quem se sente com fundos para fazer face a todas as despesas. Por outro lado, o Slovan mostrou-se equipa de categoria, formada por jogadores que aliam as duas qualidades essenciais: a força e a destreza de bons atletas e o domínio de bola de bons futebolistas. Um forte adversário e no entanto...

*

E no entanto, o grupo português bem podia sentir-se agora com meio caminho andado para resolver este problema que, já se está a ver, vai ser bicudo. Através de uma primeira parte em que desenvolveu um futebol muito rápido, marcado de ambições nos seus movimentos rectilíneos, e tudo isto sem que se perdesse aquele sentido colectivista que faz de onze jogadores uma equipa — ao longo dessa primeira parte, o Porto foi sempre um grupo dominador, frequentemente espectacular e algumas vezes infeliz.

Quando Pinto marcou um dos seus já tradicionais golos de cabeça já a turma portuense justificava, pelo estilo da sua actuação e pelas repetidas ameaças á baliza do ágil Vencel, ir mais adiantada na tarefa de conquistar um seguro contra todos os riscos da viagem que vai agora fazer. De qualquer modo, havia muito tempo para jogar e nem um só espectador se terá furtado á esperança de que outros golos se iriam seguir. Nestas coisas, como em outras, o difícil é só começar.

*

Simplesmente, o que se tornou impossível para os portuenses foi o continuar na mesma velocidade, com a mesma quase obstinação do ataque, um ataque que se desenhava de pronto, mal a bola caia sob o domínio de qualquer jogador português. Ainda foi assim até ao intervalo, mais uns onze minutos, portanto, mas esse mesmo intervalo viria a ser fronteira entre duas imagens diferentes da equipa do Porto. Não só do Porto, também do próprio jogo. Incluindo o árbitro, um irlandês do Norte, de nome Writh.

Quem não mudou muito, a não ser até ao ponto em que beneficiou da quebra dos adversários, foram os checos. O seu jogo continuou a firmar-se na base de uma excelente execução, um domínio de bola propiciador do «drible» perfeito e do passe preciso, mas só lá de longe em longe a partir decididamente e ameaçadoramente para o ataque.

É bem verdade que duas razões contribuiram para essa relativa incapacidade da dianteira checoslovaca: a eficiência da defesa do Porto, muito rápida a interceptar e a antecipar-se e muito «teimosa» quando nos desarmes, e o facto de os visitantes (mesmo a perderem por um golo) não terem concedido, por norma, mais que dois ou três jogadores à missão de atacar.

Foi a equipa do Porto ainda, quem teve mais e melhores oportunidades de golo na segunda parte. Mas isto já em episódicas e breves «arrancadas», em tentativas de se libertar de um quase torpor, um futebol embaraçado, hesitante, com vagares e desacertos a marcar profundo contraste com a sua movimentação decidida e alegre antes do intervalo.

Ainda por cima, «Mister» Wright, parece ter sido também afectado pela paragem, desatou a meter os pés pelas mãos e algumas das suas decisões foram espantosos atropelos às regras e ao bom-senso.

*

Os jogadores de menor rendimento na equipa do F. C. Porto foram os extremos. Conhecendo-se a decisiva influência desses dianteiros, especialmente numa equipa que procura vencer uma defesa reforçada, não poderá deixar de se apontar este facto como uma das causas do relativo insucesso do ataque portuense. Com uma diferença da primeira para a segunda parte: na primeira, ainda Nóbrega teve lances hábeis e velozes, no estilo da própria equipa, enquanto Bernardo supria, com os seus rápidos avanços, a quase total ausência de Francisco Baptista (ou a timidez do jovem Vítor Gomes, que o substituiu) na extrema direita. Na segunda parte, porém, Nóbrega enamorou-se da bola, atardou-se em fintas e paragens, e quando assim é não há ataque que não perca o fio ao discurso. Entretanto, Bernardo não pôde continuar a desdobrar-se em dianteiro por esta simples razão: a equipa checa, que actuara práticamente sem extremo-esquerdo na primeira parte, passou a amarrar o fogoso guineense á preocupação de defender. Fê-lo muito simplesmente, colocando Capkovic nos terrenos que Bernardo tão frequentemente abandonava.

Diga-se, no entanto, que o defesa-direito não deixou de ser o mais brilhante e eficaz jogador da equipa. Muito certos, aliás, todos os seus companheiros da defesa, incluindo Américo. Rolando foi um jogador que impôs a sua autoridade na zona central, embora lhe falte a imaginação dos grandes construtores de jogo, e que se manifesta na «viragem» brusca, no lance imprevisto que apanha o adversário em falta.

Djalma começou por ser o comandante do ataque e acabou por ser todo o ataque.

O Slovan tem um bom guarda-redes, um defesa de «classe» (Popluhar), mas este sector defensivo mostrou-se um tanto perturbado quando o Porto o acometeu com velocidade — velocidade de bola e dos jogadores. Parece inteiramente ao alcance do ataque português (que mais não seja numa «cabeça» de Pinto ou num «rasgo» de Djalma) marcar um golo que seja em Bratislava. É uma esperança.

Outra esperança virá do facto de o ataque do Slovan não ter marcado nas Antas, o que parece nada ter de ocasional, pois tem padecido de sucessivos zeros no campeonato checo.

Nada disto invalida a ideia de que se trata de uma equipa constituída por jogadores bem preparados, que praticam um futebol límpido, devendo admitir-se a ideia de que em Bratislava serão também muito mais agressivos.

Ao fim e ao cabo a eliminatória continua a ser uma carta fechada. Um golo não mata a sede — nem as duvidas.

Jogo no Estádio das Antas.
Árbitro: o irlandês Wright.
F. C. PORTO — Américo; Bernardo da Velha, Valdemar, Atraca e Acácio; Francisco Baptista (depois Vítor Gomes), Rolando e Gomes (depois Chico); Pinto, Djalma e Nóbrega.
SLOVAN — Vencel; Popoluhar, L. Zlocha (depois Moder), Horwath, J. Zlocha e Mutcovic; Cvetler e Hrdlicka; Bizon, Jockl e Caprovic.
O golo foi obtido por Pinto (34 m.).

O F. C. Porto atacou insistentemente em busca de golos. Na imagem Bernardo da Velha, um defesa que também jogou «lá na frente» discute com o guardião checo a posse do esférico

DES PORTO

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Campeonato de Lisboa da II Divisão: C. D. U. L.-Cova da Piedade, ás 20 e 30; Vendedores de Jornais-Boa Hora, ás 21 e 45, e C. N. O. C. A.-Encarnação, ás 23 horas, no Pavilhão da Tapada da Ajuda.

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa da I Divisão (2.ª categoria): Carnide-Ateneu, em Carnide, ás 21 e 30.

VELA — Distribuição de prémios pela Associação Naval de Lisboa, ás 21 horas.

TÉNIS DE MESA — Taça «Diário Popular»: Sporting-Benfica, no Estádio José Alvalade, ás 21 e 30.

TOTOBOLA
O NOSSO PALPITE

Sanjoanense-Leixões	1
Braga-Atlético	X
Benfica - Guimarães	1
U. Tomar-Académica	1
B. Mar-Salgueiros	1
Famalicão - Penafiel	1
A. Viseu-T. Novas	1
Covilhã - Tramagal	1
Espinho-Gouveia	X
Boavista - Tirsense	1
Almada-Lusitano	1
Alhandra-Oriental	1
Peniche-Torriense	2

BENFICA E SPORTING VÃO RECEBER 27 000 CONTOS

PORTO, 14. — Na sua edição de hoje, «O Norte Desportivo» revela que o Benfica e o Sporting vão receber, no total, 27 000 contos, provenientes da Camara Municipal e relacionados com a legalização dos terrenos da Luz e de Alvalade. Os dois grandes clubes da capital vão também ficar proprietários das áreas onde se encontram os seus estádios — segundo informa aquele jornal.

MÁRIO ZAMBUJAL comenta

PARA A «VOLTA A S. PAULO»

Partem para o Brasil os ciclistas do Sporting

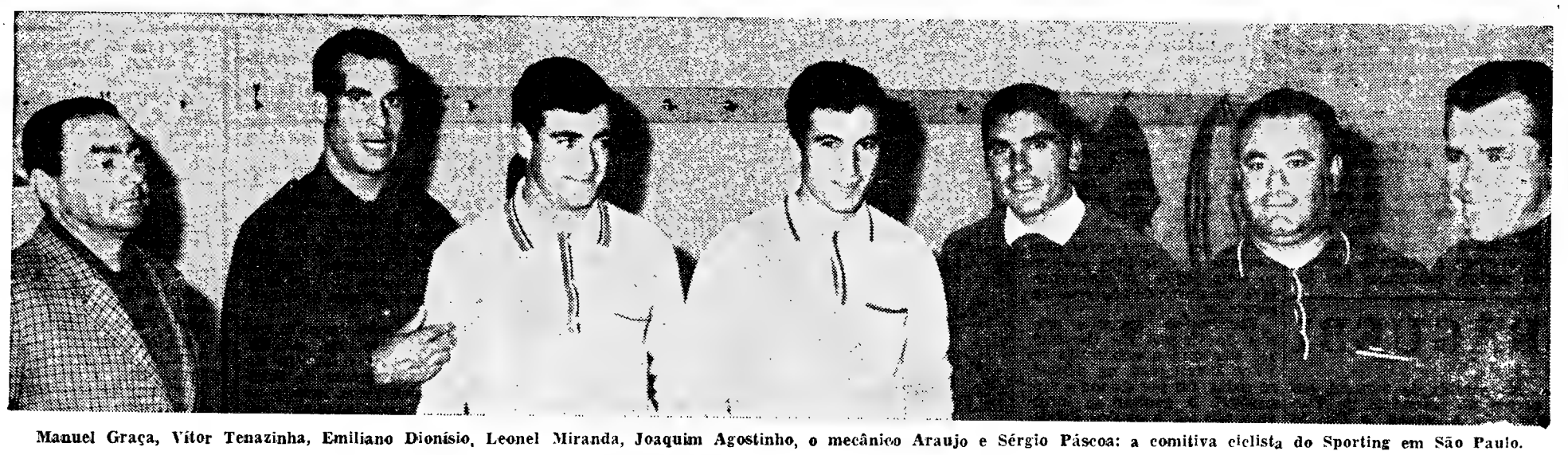
Seguem na próxima madrugada para o Brasil os ciclistas do Sporting Leonel Miranda, Joaquim Agostinho, Vítor Tenazinha, Sérgio Páscoa e Emiliano Dionísio, que vão disputar a Volta a S. Paulo.

Acompanham aqueles estradistas o dirigente «leonino» dr. Pereira da Silva, que chefia a comitiva, o treinador Manuel Graça e o mecânico Francisco Araújo.

Além dos portugueses deverão participar naquela competição velocipédica ciclistas brasileiros e columbianos, assim como os corredores italianos e suecos que, em representação dos seus países, concorreram aos Jogos Olímpicos do México e que ainda permanecem no continente americano.

Helena Settimelli no Paço de Arcos

O Clube Desportvo de Paço de Arcos acaba de obter um excelente reforço para a sua equipa de ténis de mesa: trata-se de Helena Settimelli que, ao lado de Anabela Marques, conquistou na derradeira temporada o campeonato lisboeta de pares-senhoras.



Manuel Graça, Vítor Tenazinha, Emiliano Dionísio, Leonel Miranda, Joaquim Agostinho, o mecânico Araujo e Sérgio Páscoa: a comitiva ciclista do Sporting em São Paulo.

LYON-VITÓRIA DE SETÚBAL (1-2)

CONFIRMADA A CATEGORIA DA EQUIPA PORTUGUESA

• José Maria e Figueiredo, figuras destacadas do despique

LYON, 14 — (Especial para o «Diário de Lisboa» — O Vitória de Setubal veio justificar ontem á noite a Lyon, a razão daqueles expressivos e concludentes 5-0 com que brindou a turma francesa do Olympique na sua recente deslocação a Setubal.

Não se conclua apressadamente porém, que a equipa portuguesa produzisse actuação semelhante áquela que impressionou a Imprensa internacional no jogo da primeira «mão». Todavia o que atesta a valia do «team» de Setubal para além da vitória justa e merecida que alcançou (2-1) foi a forma como a turma visitante pôde impor-se a um antagonista que fez do desafio uma «questão de honra» não se eximindo á utilização de processos menos legais para alcançar o seu objectivo: o triunfo.

Neste aspecto é que se revelou toda a maturidade do «onze» de Setubal. Sem se impressionar com a toada ríspida que chegou a ser violenta logo que *Figueiredo* deu mais um golo de vantagem á sua equipa logo aos 11 minutos, os jogadores de Setubal tiveram um começo francamente ao nível da sua capacidade, o que terá radicado ainda mais nos franceses a convicção da impossibilidade no «milagre» que o ilogismo do futebol poderia fazer admitir.

Contudo os gauleses, sentindo-se eliminados quiseram por todos os meios ganhar o desafio. A carência de recursos técnicos foi eliminada pela pujança física, pela jogada atemorizante, pelo lance rude. E o Vitória inteligentemente não entrou em «batalhas». Guerra não. Procurou muito inteligente e esclarecidamente furtar ao antagonista a posse do esférico, congelando-o, trocando-o no meio do campo onde procurou organizar a sua defesa. E de tal modo o processo resultou eficaz que os franceses iludidos por um domínio territorial pensaram, outra vez, que poderiam ganhar o desafio.

Era no entanto aparente a supremacia gaulesa. Os portugueses continuavam de posse da hegemonia nas coordenadas do jogo, neutralizando o ímpeto do antagonista e desenvolvendo por seu turno magníficas arremetidas á baliza do Lyon a atravessar frequentes lances de perigo, sobretudo nas jogadas iniciadas por José Maria na zona intermédia em movimentos de enlace pelos flancos.

Por outro lado a vanguarda de Setubal tentava e conseguia libertar-se da vigilancia dos defensores gauleses. Figueiredo com magníficas desmarcações, Arcanjo e Jacinto João em constantes permutas de posição, alardeando dinamismo e coragem nos embates com os duros defesas do Lyon abriam brechas perto de Chaveau e de tal modo que aos 13 minutos da segunda metade José Maria foi irregularmente travado em plena grande área lyonesa. *Arcanjo* encarregado da «cobrança» do castigo máximo não deixou qualquer possibilidade ao guarda-redes do Lyon. Era o desfazer da igualdade estabelecida á passagem da primeira meia-hora quando Cardoso não conseguiu dominar uma bola que Felix também perseguia e que ressaltou para o dianteiro francês. Vital ainda tentou a defesa, mas o esférico «sobrou» para *Guy* que rematou pela certa.

Longe porém de se impressionar, o grupo português continuou impassível, imperturbável, retendo a bola, organizado e consciente, defendendo-se quando a isso o obrigava o vigor dos jogadores do Lyon; atacando sempre que neutralizados os ataques contrários o esférico se detinha nos pés dos futebolistas de Setubal. E neste aspecto José Maria foi a pedra fulcral de toda a acção dos portugueses. Integrado no sector intermediário o magnífico jogador pôde acorrer em auxílio da rectaguarda e constituir depois a mola impulsionadora dos companheiros mais adiantados, enviando-lhes o esférico para os espaços vazios ou descendo em rápidas flutuações de velocidade pelos corredores laterais deixando inapelávelmente batidos os seus directos opositores

Depois dele Figueiredo foi o mais destacado. Corajoso abnegado, o poderoso dianteiro de Setubal aliou ainda a estes indispensáveis predicados, outros atributos de ordem técnica que lhe permitiram até a marcação de um excelente golo. Mas a verdade é que o mérito dos portugueses se situou fundamentalmente num plano de globalismo que constituiu no fundo a grande força da equipa do Vitória de Setubal Uma excelene equipa, inegávelmente.

Jogo no Estádio Gerland, em Lyon.
Árbitro: Zariquiégui, espanhol
As equipas:
LYON — Chaveau; Kusser, Slohic (Glyezinski), Legeborgne e L'Homme; Monzart, Felix e Maison; Lekkak, Ruy e Rambert (cap.).
VITÓRIA — Vital; Conceição (cap.), Alfredo, Cardoso e Carriço; José Maria, Tomé e Wagner; Arcanjo (Vítor Baptista), Figueiredo (Guerreiro) e Jacinto João.

Campeonato metropolitano de HÓQUEI EM PATINS

BENFICA: seis pontos de vantagem

Atingiu-se o termo dos jogos inter-equipas da mesma zona, com os encontros disputados no Pavilhão dos Desportos onde afluiu bastante publico, se atendermos ao temporal que fustigou a capital ontem á noite.

Os resultados foram os seguintes:

Benfica-Parede 2-1
C. Ourique-C. U. F. 6-2

Não correspondeu ao labor de ambas as equipas o desfecho do primeiro encontro, já que os «encarnados» foram vencedores tangenciais, a demonstrar as dificuldades que lhes foram impostas e pode afirmar-se que o seu triunfo se rodeou de certa felicidade.

Na 1.ª parte, apenas um golo para o Benfica, aos 18 minutos, numa jogada individual de Livramento. Reatado o encontro os benfiquistas marcaram aos 6 minutos, para na jogada seguinte o Parede reduzir a diferença. E como no lance imediato, a equipa da Costa do Sol, só por mero azar não igualou, daí até final o encontro rodeou-se de certa emoção, com o Parede a procurar com denodo e perigo a baliza adversária perante um opositor apático e preocupando-se mais em defender, do que atacar!

No jogo seguinte, a C.U.F que, para além dos castigos que foram impostos pela Federação a Vítor Domingues e Mário Ferreira, também fez exercer a sua disciplina afastando da equipa até final da época Leonel e também o seu guarda-redes titular, que apenas fora suspenso dois jogos oficialmente, teve de recorrer aos seus reservistas.

Facilitou-se assim a missão do Campo de Ourique, até por que o substituto de Vítor Domingues, na primeira parte, foi por de mais vulnerável. A ganhar ao intervalo por 5-2, a equipa lisboeta diminuiu de rendimento na segunda metade do jogo, que acabou por decorrer com certa monotonia.

Em patinagem artística exibiu-se com agrado, Helena Dias, do Benfica.

Classificação actual:

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
Benfica...	10	9	1	—	43-17	19
F. C. Por.	10	6	1	3	23-18	13
Valongo..	10	5	2	3	21-18	12
C. Ouriq.	10	4	2	4	28-29	10
Ac. Esp.	10	3	2	5	16-26	8
Parede ...	10	3	1	6	21-24	7
C. U. F.	10	3	—	7	22-34	6
Carvalh..	10	3	—	7	18-26	6

RÂGUEBI

Na partida de raguebi, em atraso no calendrio do Torneio de Abertura, o Direito A bateu o Belenenses B por 9-3.

FUTEBOL: UM DIA EUROPEU

Resultados dos encontros ontem disputados nos torneios europeus de futebol:

Taça dos Campeões Europeus (segunda eliminatória, primeira «mão»):

Ajax de Amsterdão (Holanda) Fenerbahce (Turquia), 2-0 (1-0 ao intervalo); A. E K. de Atenas (Grécia)-Akademisk Boldklub (Dinamarca), 0-0; Manchester United (Inglaterra)-Anderlecht (Bélgica), 3-0 (0-0); Celtic (Escócia)-Estrela Vermelha (Jugoslávia), 5-1 (1-1).

Taça dos Vencedores das Taças (segunda eliminatória, primeira «mão»):

Dumfermline (Escócia)-Olympiakos (Grécia), 4-0 (0-0); Randers Freja (Dinamarca)-Sliema Wanderers (Malta), 6-0 (2-0); Dynamo de Bucareste (Roménia)-West Bromwich Albion (Inglaterra), 1-1 (1-1).

Taça das Cidades com Feira (segunda eliminatória, segunda «mão»): Dundalk (Irlanda)-Glasgow Rangers (Escócia), 0-3 (0-1).

O Glasgow Rangers qualificou-se com 9-1 nos dois jogos.

Taça das Cidades com Feira (segunda eliminatória, primeira «mão»: Leeds (Inglaterra)-Nápoles (Itália), 2-0 (2-0); Hansa Rostock (Alemanha Oriental)-Fiorentina (Itália), 3-2 (0-0); Hibernian (Escócia)-Lokomotiv Leipzig (Alemanha Oriental), 3-1 (3-0).

Jogo internacional (menos de 23 anos) em Birmingham: Inglaterra-Holanda, 2-2 (0-1).

RESERVAS DA A.F.L.

SPORTING, 1 — BENFICA, 2

Os «encarnados» não deixaram cair a habilidade na lama...

Como choveu ontem à noite sobre o Estádio de Alvalade! O terreno de jogo ficou uma lástima e, poucos minutos volvidos do início da partida, já o piso era um lamaçal, um pântano onde os jogadores se equilibravam com contorsões de ginastas e mergulhavam como em piscina convidativa.

Poderia ser bom um desafio disputado em tais condições? Claro que não! Mas não foi mau, o que é de considerar e, também, de elogiar.

O Benfica principiou o encontro da melhor maneira. Ainda aquilo ia no período de aquecimento quando Alexandre Baptista atrasava imprudentemente o esférico em direcção da baliza que Carvalho abandonara na intenção de recolher o passe. Um golo a frio ajuda muito e os «encarnados» receberam o estímulo como uma benesse.

A verdade é que os «encarnados» fizeram questão de demonstrar que não precisavam de favores e vá de avançar com o objectivo de conseguirem, eles próprios, um tento. E, se bem pensaram, melhor o alcançaram.

Abel recolheu o esférico, correu com ele, atirou-o para a frente, ultrapassou um defesa, suportou uma carga e quando Carvalho saiu de entre os postes bateu-o com um remate rasteiro.

Prémio merecido para quem actuava consoante o meio ambiente. Pontapé para a frente (mas não à toa), bico da bota na bola, jogo largo e despacho pronto na defesa. Zeca e Humberto exibiram-se exemplarmente nesse aspecto.

O Sporting não combateu como devia a contrariedade de jogar sobre um campo quase impraticável e enveredou pelas tentativas de ligação, empregando pouca força nos passes, nitidamente desfazados com respeito ao peso da bola e às irregularidades da relva.

Ao ser mais económico no esforço e ao mostrar-se mais prático e realista, o visitante garantiu o 2-0 até ao intervalo.

A segunda parte foi distinta. Os «leões» tiraram Armando Luís e Barão (rapazes de bons pés mas de escasso poder) e meteram Carlos Pereira e Bastos, fortes e frescos.

Os donos do campo tiveram ainda o bom senso de emendar a pecha anterior e passaram a chutar o esférico, deixando o toque e o passe com o interior do pé para outra oportunidade. Imediatamente, o peso do jogo tombou sobre a grande área benfiquista.

Veio um golo, também um autogolo, este de Adolfo, que pretendeu safar (in extremis» um remate de Mário. E este ficou isolado no activo sportinguista por Nascimento ter demonstrado segurança e os homens encarregados de o bater manifestarem pontaria deficiente.

Deste modo, com o Sporting a insistir, briosamente, mas sem descortinar a maneira de obstar aos inconvenientes do temporal, decorreu o resto do tempo. As recuperações são cada vez mais contingentes e raras, pois as equipas que tomam avanço agrupam-se de tal modo na defesa da vantagem que só por acaso, supremacia ou inspiração, o grupo que se atrasou anula a desvantagem.

O jogo caiu em catadupas sobre a defesa benfiquista. Contudo, esta não se desuniu e, por volta das meia hora, o Sporting, insensível e gradualmente, diminuiu a frequência e a intensidade dos seus ataques, numa confissão de que até o empate se lhe afigurava uma hipótese longínqua.

Por isso o resultado está certo, como um empate também não erraria.

Nomes em foco: Abel, Nascimento e Praia, no Benfica. Pedro Gomes, Bastos e C. Pereira, no Sporting.

O árbitro, Oliveira Pinto, não se saiu mal de todo a discernir os lances ilegais dos permitidos. Contudo, uma ou outra vez, não deu «confiança» aos seus auxiliares

F C.

Pedro Gomes em jogada de antecipação ao buliçoso ataque dos «encarnados»

Estádio de Alvalade.
Árbitro: Oliveira Pinto.

SPORTING — Carvalho; P. Gomes, A. Baptista, Dani e João Morais; Barão e João Carlos; A. Luís, Ernesto, Carolino e Márinho.

No segundo tempo, Barão e A. Luís saíram para entrar Carlos Pereira e Bastos.

Benfica — Nascimento; Fernandes, Zeca, Humberto e Adolfo; M. José e Toni; Pavão, Abel, Praia e Nené.

MARCADORES — A. Baptista (na própria baliza), aos 2 minutos; Abel, aos 20 minutos; e Adolfo (na própria baliza) aos 60 minutos.

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreia de hoje — OS TEUS, OS MEUS E OS NOSSOS — São Jorge

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54154
HOJE, ás 21.30
ESTREIA
OS TEUS, OS MEUS E OS NOSSOS
com **Lucille Ball — Henry Fonda — Van Johnson**

Às 15.15, 18.15 (M. 17 anos)
NO CALOR DA NOITE

IMPÉRIO
(M. 12 anos) Tel. 55 51 34
Às 15.15 e 21.30
Um nome que ficou gravado, a fogo nas areias escaldantes do deserto
Rock Hudson, George Peppard, Nigel Green
TOBRUK
Technicolor

Hoje, ás 18.30 (M. 6 anos) —
O extraordinário filme
MARY POPPINS
com **Julie Andrews**

ESTÚDIO
6.ª SEMANA Tel. 553134
As 15.30, 18.30 e 21.45 (Adultos)
Um filme de Francis Coppola, c/ Elizabeth Hartman, Geraldine Page e Peter Kastner
A NOITE É PERVERSA

MONUMENTAL
(M 12 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
UM HOMEM PARA IVY
com **Sidney Poitier**, interpretando uma história escrita por ele e para ele

QUINZENA DE TERROR
Amanhã — Adultos — ás 18.30
AO CAIR DA NOITE
(de Karel Reisz)
com **Albert Finney, Mona Washourne**, etc.
Dia 18: **A MALDITA, O GATO E A MORTE** (Adultos)

ESTUDIO 444
(Adultos Tel 779095
Às 18.30 e 21.45
Um filme de **Bo Widerberg**
ELVIRA MADIGAN
c/ **Pia Degermark** — 1.º Prémio Interpretação Festival de Cannes — Eastmancolor

LUMIAR
(Adultos) Tel. 79 15 74
HOJE, EM DESPEDIDA
ÀS 21.30 — 2.ª SEMANA
O filme de grande espectáculo
O REINO DE BUDA
Technicolor Technirama Ar condicionado
PARQUE PRIVATIVO

AVIS
(Adultos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
Um policial de **Edgard Wallace**
O CARRASCO DE LONDRES
com **Hansjorg Felmy, Maria Perschy e Dictec Porche**

TIVOLI
2.ª SEMANA
(M. 17 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.)
Anouk Aimée e Yves Montand no famoso filme de André Delvaux
LAÇOS ETERNOS

SÃO LUIZ
(M 12 anos) Tel 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Panavision — Color De Luxe
Doris Day num filme feito para ela e **Brian Keith** em
ANTES QUE CASES
uma deliciosa comédia para os casados, solteiros e principalmente para os que estão para casar

ALVALADE
(M. 12 anos) Tel. 763080
As 15.45 e 21.45
Panavision — Color De Luxe
Doris Day num filme feito para ela e **Brian Keith** em
ANTES QUE CASES
uma deliciosa comédia para os casados solteiros e principalmente para os que estão para casar

MUNDIAL
(M 12 anos) Tel. 538743
As 15.15 18.30 e 21.45
A sensacional Julie Andrews ama dança, canta e encanta no filme que o público aplaude!
MILLIE, RAPARIGA MODERNA
Uma comédia musical em technicolor
5.ª semana de sensação!
Metro — Estação Picoas

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
HOTEL PARAÍSO
com **Alec Guiness e Gina Lollobrigida**

IMPERIAL
Às 21 h. (Adultos)
ONDE ESTAVAS TU, QUANDO AS LUZES SE APAGARAM?
UM RESTIA DE AZUL

ROMA
Adultos Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45
Grandiosa realização de **Alexander Ramati**
PARA ALÉM DAS MONTANHAS
com **Maximilian Schell, Raf Vallone e Irene Papas**
EASTMANCOLOR

ODEON
Tel. 326283
HOJE ás 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
2.º MÊS!... — 8.ª SEMANA! do filme português
ESTRADA DA VIDA
Que atitude deve tomar uma mulher perante uma infidelidade do marido? Perdoar-lhe ou abandoná-lo?
c/ Paulo Renato e Laura Soveral
(Maiores 17 anos)

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45
Eastmancolor - Techniscope
Raf Vallone e Lea Massari
Um herói dos nossos dias...
Um amor do nosso tempo...
Um problema actual...
O REGRESSO DE UM ÍDOLO
...ou a história de um homem que se debatia entre o dever e o amor.

POLITEAMA
Tel. 326305
HOJE, Á NOITE, ÁS 21.30
2.ª SEMANA TRIUNFAL
Extraordinária revelação de uma arrojada proeza da espionagem francesa
EM TERRITÓRIO INIMIGO
com **Anthony Franciosa e Anjanette Comer**
(Col.) Adultos

HOJE, ÀS 18.30
SESSÃO CLÁSSICA (Adultos)

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
As 15.15 e 21.30
Eastmancolor - Techniscope
Todo o amor de uma paixão proibida!
UM ESTRANHO NA MINHA VIDA
Realiz de **Richard Quine**
c/ **Kirk Douglas, Kim Novak e Walter Matthau**

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
Às 21 h.
ONDE COMEÇA O SUCESSO
HOMICÍDIO

CONDES
Tel. 322523 e 326710
As 15.15, 18.15 e 21.30
(M. 12 anos)
4.ª SEMANA
7 NOIVAS PARA 7 IRMÃOS
com **Jane Powell — Howard Keel e Russ Tamblyn**

IDEAL
(M 12 anos) Tel. 324194
As 21 horas
COM OS OLHOS VENDADOS
O TERROR DAS ESTEPES

RESTELO
(M. 12 anos) Tel. 610375
As 21.30
A MINHA GUEIXA
com **Shirley Mac Laine, Yves Montand e Edward G. Robinson**

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Tel. 320917
Às 21 horas
QUANTO MAIS QUENTE MELHOR
DOUTOR TENHA MANEIRAS

LIDO
Tel. 93 75 93 — A M A D O R A
Às 21.30 (M. 17 anos)
Um filme importante! Uma película difícil! Um amor proibido!
PETÚLIA
com **Julie Christie—George Scott — Richard Chamberlain**

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

TRINDADE—Às 21 e 45: «A torre e o galinheiro» (12 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «Holiday on Ice» (12 anos)
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Grande Poeta é o Zé» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23: «Lisboa é sempre mulher» (17 anos).
VARIEDADES — Às 21 e 45: «O amor 68» (17 anos).

CINEMAS

ARCO IRIS — Às 2. e 30: «Os Milionários de Filadélfia» (17 anos)
CINEARTE — Às 21: «Mergulho no Passado» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «O Faraó» (17 anos).
PARIS—Às 21: «As oito na cama» (17 anos)
OLIMPIA — Às 19: «A grande aventura» (12 anos)
SALÃO LISBOA—Às 21: «O Lenço Fatal» (17 anos).
ORIENTE — Às 21: «Os Grandes Aventureiros» (12 anos).
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «O Mercenário» (17 anos)
UNIVERSAL — Às 21: «Louco por garotas» (17 anos)
SPORT L BENFICA — Às 21 e 15: «Matar para viver» (17 anos).
VOZ DO OPERÁRIO—Às 21 e 15: «Mulheres sem destino» (17 anos).

● Linha de Cascais
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «O leão de S. Marcus» e «Comissário X — Acção em Ceilão» (12 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Vítima do roubo» e «Ladrões de Damasco» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Hotel paraíso» (17 anos).
CASCAIS — S JOSÉ — Às 21 e 30: «Musica no Coração» (12 anos)

● Linha de Sintra
PONTINHA — CINE-UNIÃO — Às 21: «O grande golpe dos 2 homens de ouro» (12 anos)
DAMAIA — D JOÃO V — Às 21 e 30 «Cinco anos depois» (17 anos)
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «Flashman contra o homem invisível» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Um estranho em casa» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Roma era assim» e «Invasão secreta» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30. «Os implacáveis» (17 anos).

● O ra Banda
ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Judoka» (12 anos) e ACADEMIA — Às 21 e 15: «Hawai» (17 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Angélica marquesa dos anjos» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «Os libertadores» (12 anos)

ATRÁS DO REPOSTEIRO

● *É muito provável que o Teatro Experimental de Cascais dê alguns espectáculos nos arredores do Porto com a peça «D. Quixote».*

● *«As visitas do Quim» será a nova peça infantil a apresentar no Teatro Monumental.*

● *O empresário Vasco Morgado pensa apresentar em breve a revista que está a ser escrita pelos Parodiantes de Lisboa.*

● *Vai ser apresentada no Pavilhão dos Desportos a peça de Tomás Ribas «Auto de Natal».*

CINECLUBE IMAGEM

Hoje, ás 18 e 30, o Cineclube Imagem apresenta no Jardim Cinema o filme de Roger Corman «O Massacre de Chicago». Admitem-se novos sócios á entrada da sessão.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno E
ALCÂNTARA — Nogueira, R do Creche, 2 (63 635)
ALFAMA — **Nacional**, R de S João da Praça, 26 (863632)
ALVALADE — **Paris**, R Reinaldo Ferreira, 5-A-B (ao Pote de Água) (710131) ✲ **Cartaxo**, Av da Igreja, 21-C (776358) ✲ **Brisália**, Av Rio de Janeiro, 66-A (722368)
ANJOS — **Matos**, R Álvaro Coutinho, 10 (40471)
AREEIRO — **Avis**, Av de Roma, 56-B-C (715370) ✲ **João XXI**, Av João XXI, 6-A (726462) ✲ **Nova Lisboa**, R Guilhermina Suggia, 12 (727721)
AVENIDA DA LIBERDADE — **Nacional**, R do Salitre, 7 (46858)
AVENIDAS NOVAS — **Fátima**, Av 5 de Outubro, 47-A (763107) ✲ **Avenidas**, Av da República, 27-A (533688) ✲ **Império, Ld.ª**, R Filipe Folque, 40-A-B (48002) ✲ **Ducal**, Av Duque de Loulé, 2 (48946) ✲ **Palma**, Av Duque de Ávila, 25-3.º (47088)
BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — **Nunes**, R Ângelo Pinto, 32 (49756)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Ascenso**, R 27, n.º 41 (311216).
BAIXA — **Barral**, R Augusta, 225 (361534/5)
BELÉM — **Remisio**, R dos Jerónimos, 4-C (631699)
BENFICA — **Lisboa**, R Cláudio Nunes, lote 2 (708393) ✲ **Sousa**, Est de Benfica, 429-431 (780027).
CAMÕES — **Modelar**, L. Dr António de Sousa Macedo, 7-A (678896) ✲ **Veritas**, R da Misericórdia, 133 (324554-327563/74).
CAMPO DE OURIQUE — **Castro Fonseca**, R. 4 de Infantaria, 28-A (688857) ✲ **Ourique**, Rua Freitas Gazul, 32-B (671667)
CAMPOLIDE — **Lab**, R Rodrigo da Fonseca, 101-101-A (682333) ✲ **Pátria**, Calçada dos Mestres, 30-A (à R. das Amoreiras) (680627)
CARNIDE — **Leal de Matos**, R. Neves Costa, 33-35 (780181)
ENTRECAMPOS — **Galeno**, Av. óscar Monteiro Torres, 38-A (774920)
ESTEFÂNIA — **Estefânia** — R Pascoal de Melo, 90 (44438)
ESTRELA — **Janeiro**, Av Álvares Cabral, 100 (661453).
GRAÇA — **Monte**, R. Senhora do Monte, 30-A-B (867942) ✲ **Rosa & Viegas**, R. de S. Vicente, 31 (864351) ✲ **St.º Antônio**, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (862333).
JANELAS VERDES — **Carrasco**, R Presidente Arriaga, 39 (667460).
LUMIAR — **Alameda**, A das Linhas de Torres, 20-B (790942) ✲ **S. Tomé**, Est do Desvio ote 12-C (790704)
MADRAGOA — **S. Nunes Simões, Suc.**, R do Quelhas, (66 275)
OLIVAIS — **Olivais**, R Alves Gouveia, 19 (31237)
PALHAVÃ — **Aguiar**, Av Columbano Bordalo Pinheiro 98-A (764 96-764629)
PENHA DE FRANÇA — **Carrando**, R Padre Sena Freitas, 0-A (842518).
PICHELEIRA — **Luzmar**, R João do Nascimento Costa 6-A (728395-720703)
REGO — **Universitária**, R Alfredo Roque Gameiro 29-D (Bairro Santos) (778953)
S. AMARO — **Sepol**, Calç da Boa Hora, 94-A (631958) ✲ **Teles**, R João de Barros, 2 (638249)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — **Saiter**, R de Xabregas, 63 (381185). ✲ **Oriental**, R Lopes, 120 (843381)
MOSCAVIDE — **Varela** — Av de Moscavide, 44 (251850)

● Linha de Cascais
ALGÉS — **Miramar**, R Ernesto da Silva, 81 (212048)
CAXIAS — **Nova**, Rua Bernardim Ribeiro, 7-A (242839)
PAÇO DE ARCOS — **Godinho da Silva**, Av Patrão Lopes, 4 (2432039)
OEIRAS — **Central**, R João Teixeiro Simões 18 (2430058)
PAREDE — **Macau**, R J Elias Garcia, 62-B (2471785)
ESTORIL — **Marques dos Santos**, R Ferreira, 7 A., 5 (260 06)
CASCAIS — **Misericórdia**, R Regimento 19, 41 (280 41) ✲ **Cascais**, R. Conde de Monte Real — Bairro Caixas (282407)

● Linha de Sintra
AMADORA — **Amadora**, P 28 de Maio, 3-A (935518) ✲ **Carmelo**, R Elias Garcia, lote 28 (933308) ✲ **Helénica**, R Elias Garcia, 2 (933613)
DAMAIA — **Confiança**, Est Militar, lote D (971023)
QUELUZ — **André**, Av Elias Garcia, 151 (950043) ✲ **Queluz**, Av Miguel Bombarda, 23-A (951843).
CACÉM — **Central**, R Elias Garcia, 55 (2940034)
MEM MARTINS — **Química**, Est Mem Martins, 285 (2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (980456)
SINTRA — **Simões**, R Heliodoro Salgado, 26 (980832)
COLARES — **Colares**, Adrejo (299080).

● Outra Banda
ALCOCHETE — **Nunes**, L Coronel Ramos da Costa, 0 (234137)
ALHOS VEDROS — **Portugal**, Av do Bela Rosa, 8 (224250)
ALMADA — **Cristo Rei**, Av Cristo Rei, 31 (273498)
BAIXA DA BANHEIRA — **Nova Fátima**, Est Nacional 12-B (224141)
BARREIRO — **Soares**, Av da República, (2273023)
COVA DA PIEDADE — **Império** — R. Cabo da Boa Esperança 3-A (Tel 274356)
MOITA — **União Moitense** Av Dr Teófilo Braga (239025)
MONTIJO — **Montepio** — R Almirante Reis 93 (Tel 230035).
SESIMBRA — **Leão** Av Salazar (22947)
SETÚBAL — **Rosado Pinto**, P do Bocage (22484) ✲ **Nova**, R General Gomes Freire (22052)
SEIXAL — **Soromenho**, R Povo Coelho 38 27 8560

SERVIÇOS URGENTES

Teletones
AGUA, GAS E ELECTRICIDADE — Companhias das Águas, 361353 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla. 538821 ✲ Gazcidla (dom e feriados) 382069
BOMBEIROS — Sapadores 322222 ✲ Voluntários, 538524
POLICIA E G N. R. — Serviço de emergência, 115 ✲ Segurança Pública, 366141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 36272 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G N R. (área rural). 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (Informativa), 767777 761176 e 763456
TRANSPORTES — Aeroporto, 721101 ✲ Caminhos de ferro (C. P.), 869029 ✲ Caminhos de ferro (Estoril), 361121 ✲ Estação fluvial (T Paço), 325345 ✲ Estação Marítima de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima de Rocha, 672445 ✲ Estação fluvial (Belém), 638531.

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
DICTANDO DE UTILIDADE TURÍSTICA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 25 anos)

TARANTELA
RESTAURANTE ● SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 a 27
Telef. 58 52 03
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef. 5 73 78
(frente à Embaixada Americana)
AMANHÃ EXPERIMENTE GALINHA C/ ANANÁS E FICARA CLIENTE

Tamborim
Restaurante — Snack-Bar
Cervejaria
Especialidades diárias
AÇORDA DE LAGOSTA e COZINHA GOESA
Rua Gomes Freire, 14
(Ao Campo Santana)
Telefone 4 62 47

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
JANTARES DANÇANTES
c/ conjunto privativo
(Maiores de 25 anos)

CHURRASCO
RESTAURANTE
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 H.
Rua das Portas St.º Antão, 83
Telf. 323059

Diário de Lisboa
Propriedade da Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 320271-2-3 e 321154-5
Publicidade 34221
End. Tel. DIBOA; Telex 136
Lisboa 2 — Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLOGICO NACIONAL:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava muito nublado ou encoberto o vento era moderado por vezes forte de Sueste e chovia e caíam aguaceiros em alguns locais

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Lisboa, 20°,1; mínima: Penhas da Saúde, 3°,5.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 16°,5; na água do mar: 16°

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu muito nublado ou encoberto. Vento moderado, por vezes forte dos quadrantes de Sul. Períodos de chuva ou aguaceiros, por vezes fortes.

Amanhã
Nascer ás 8 e 19
Ocaso ás 18 e 24

Dia 13 Dia 20 Dia 26 Dia 4

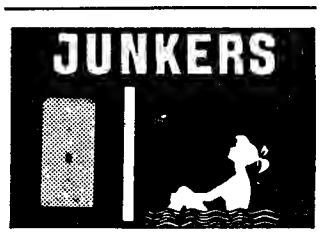
MARÉS:
PREIA-MAR: Dia 4 — 10 e 52 (3,4 m); 23 e 40 (3,3 m); Dia 15 — 12 (3,5 m) Dia 16 — 0 e 42 (3,5 m); 3 (3,7 m). BAIXA-MAR: Dia 14 — 4 e 19 (1,9 m); 7 e 10 (1,6 m). Dia 15 — 5 e 36 (1,7 m); 8 e 16 (1,4 m). Dia 16 — 6 e 39 (1,5 m); 19 e 10 (1,2 m)

Simone de Oliveira reaparece ao público de Lisboa

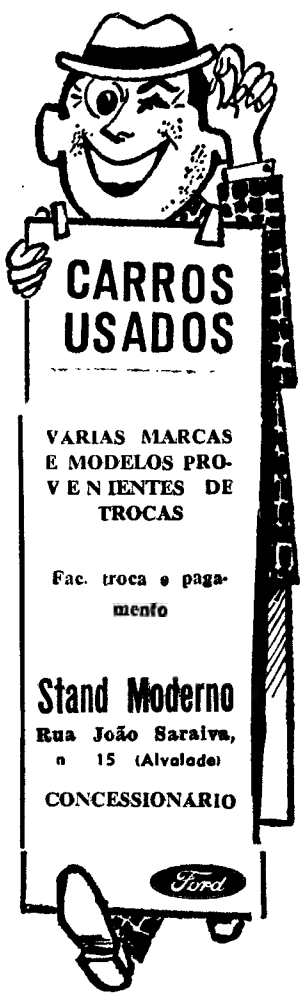
Para assinalar o reaparecimento de Simone de Oliveira ante o publico de Lisboa, realizou-se, ao fim da tarde, uma recepção no restaurante-bar «O Candelabro» a que a artista está associada.

Com efeito, após um afastamento bastane longo (primeiro, por doença e, depois, em virtude de contratos em Luanda), Simone de Oliveira regressa agora ao teatro, integrada no elenco da revista «Click! Já está», a estrear no Monumental, em de Novembro.

Entretanto, a cançonetista começa já a actuar no «O Candelabro», (á Rua Marquês de Subserra, 10) ali se mantendo, mesmo depois da estreia daquela revista, cantando o máximo de três vezes por semana, acompanhada por Jorge Machado.



CUNHA & DIAS, LDA.
Rua da Liberdade, 2-10
Telf. 51 TAVIRA


CARROS USADOS

VÁRIAS MARCAS E MODELOS PROVENIENTES DE TROCAS

Fac. troca e pagamento

Stand Moderno
Rua João Saraiva, n 15 (Alvalade)
CONCESSIONÁRIO

NELSON ROCKFELLER VISITOU AS OBRAS DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN

Acompanhado dos srs. Kevork Loris Essayan e embaixador dr. Pedro Theotónio Pereira, administradores da Fundação Calouste Gulbenkian, o governador de Nova York, Nelson Rockfeller, visitou, hoje, com carácter meramente informal, as obras da nova sede, museu e auditório da Fundação em Lisboa Era ali aguardado pelo sr eng.º Guimarães Lobato, director do Serviço de Projectos e Obras.

O sr. Nelson Rockfeller, que se mostrou muito interessado pelo que teve oportunidade de ver, bem como pelas explicações que lhe foram prestadas, exprimiu, no final da visita, a sua grande satisfação por tudo quanto lhe fora dado observar

Doença súbita

Adoeceu subitamente na sua residência e chegou morta ao Hospital de Santa Maria Adelaide da Silva, de 63 anos, moradora na Avenida Marquês Sá da Bandeira, 24, 5.º, direito

SOMARO, LDA.
Praça 8 de Maio, 64
Telef. 22118 FIGUEIRA DA FOZ

GREVE GERAL EM ITÁLIA

GREVISTAS E ESTUDANTES LUTARAM COM A POLÍCIA

ROMA, 14 — (R.) — Grevistas e estudantes entraram em choque com a polícia em Roma, ao mesmo tempo que em quase todo o país se registava a paralisação das fábricas devido a uma série de greves de 24 horas.

As greves, apoiando o pedido de aumento da reforma, atingiram principalmente o sector privado da industria. As fábricas nas cidades de Milão e Turim registaram uma percentagem de 95 por cento de grevistas entre o seu pessoal.

O porto de Génova encontra-se igualmente paralisado com uma centena de navios imobilizados e com os estaleiros navais igualmente encerrados.

Porém os trabalhadores da região noroeste recentemente atingida por inundações foram dispensados pelos sindicatos de aderir á greve a fim de não prejudicarem os trabalhos de recuperação dos estragos causados.

Embora a falta de transportes colectivos tenha provocado esta manhã grandes engarrafamentos de transito em Roma e noutras cidades, os incómodos causados pela greve ao publico foram inferiores áquilo que se esperava.

Contráriamente ao que se previa, as lojas e os bancos não encerraram e as greves dos transportes nem sempre foram totalmente acatadas.

Em quase todas as cidades, os estudantes tomaram parte em manifestações de solidariedade com os grevistas e de apoio ás suas próprias reivindicações para melhores instalações, menos horas de aulas e o direito de efectuarem reuniões.

Em Roma registaram-se choques com a Polícia quando um grupo de estudantes que assistia a um comício de 4 mil grevistas propôs uma marcha através da cidade. A Polícia tentou opor-se e prendeu cinco manifestantes tendo ficado um polícia ferido.

Uma centena de estudantes conseguiu porém alcançar a Universidade que se encontra ocupada por alunos que pretendem uma reforma do ensino.

Os operários em greve pretendem que as reformas pagas pelo Estado sejam aumentadas de 18 mil liras para 25 mil liras mensais pelo menos. Esta questão interessa directamente a cerca de 20 milhões de trabalhadores e a mais 8 milhões de reformados.

Os representantes dos sindicatos afirmam que a greve foi eficaz, embora não tenham aderido os 12 milhões de trabalhadores com que inicialmente se contava.

Por outro lado, aderiram á greve em grande numero trabalhadores agrícolas, os quais normalmente se mantêm á margem das questões de trabalho na industria.

Na Sardenha, a greve coincidiu com manifestações contra o desemprego e a miséria, tendo sido ocupados pelos manifestantes muitos edifícios do Governo ao passo que muitas estradas foram bloqueadas com carroças e barricadas improvisadas.

Na próxima terça-feira está prevista uma greve dos funcionários publicos a qual poderá ter efeitos ainda mais sensíveis no funcionamento normal do país.

A loura israelita, Mirey Zamir, de 18 anos, após a desistência de «Miss Espanha», é dada como favorita no concurso de beleza internacional a disputar hoje em Londres, como noutro lugar noticiamos. Telefoto especial para o «Diário de Lisboa»

INUNDAÇÕES EM LISBOA:

ESPECIALMENTE AFECTADAS AS ZONAS DA GRAÇA E PICHELEIRA

Em virtude da chuva que não tem deixado de cair, durante todo o dia, em Lisboa, registaram-se numerosas inundações, sobretudo nas zonas onde habitualmente se verificam, na parte baixa da cidade.

Os Sapadores Bombeiros foram chamados, durante a tarde, para mais de três dezenas de locais, a fim de escoar a água em ruas, caves e estabelecimentos. As zonas mais afectadas foram as da Graça e da Picheleira, onde se mantiveram permanentemente activos elementos da 3.ª e 4.ª campanhias do B. S. B.

Até meio da tarde não se havia registado nenhum caso de gravidade, mas a situação piorava em virtude de crescer constantemente o número de pedidos de socorro aos bombeiros.

Abateu uma barreira no Vale Escuro

Parte de uma traseira existente na Rua Barão Montepedral, ao Vale Escuro, abateu, devido ás chuvas, atingindo, em parte, algumas barracas ali existentes. Numa delas, que ficou meio soterrada, habitam 9 pessoas, que se vêem, assim, ameaçadas de ficar sem habitação.

A derrocada da barreira pode tomar proporções maiores, de um momento para o outro, pelo que é de aconselhar uma intervenção urgente.

Inundação na estrada Lisboa-Sintra

BARCARENA, 14 — Devido às chuvas torrenciais que têm caído, um troço da estrada Sintra-Lisboa, no cruzamento de Massamá-Barcarena, está completamente inundada e intransitável. Todos os anos sucede o mesmo, na época das chuvas, e, apesar de várias promessas de obras no local, o problema não foi, até agora, resolvido. Como se compreende a interrupção prejudica mesmo o numeroso trânsito que utiliza a estrada. — C.

NOVA CORRIDA AO OURO NA BOLSA DE PARIS

PARIS, 14. — (F. P.) — Na Bolsa local, as transacções com o ouro aumentaram hoje sensivelmente, atingindo 30 milhões de francos contra 20 milhões, ontem, e perto de 5 milhões nas sessões habituais.

Foram negociadas 3500 barras de um quilo de metal fino, ao preço de 6410 francos (15 francos de alta em relação ao preço cotado ontem). O preço da onça, em dólares, excedeu os 40,07 dólares, pela primeira vez há muito tempo.

///

PARIS, 14 — (A. N. I.) — Estão iminentes novas restrições adicionais de crédtio em França — afirma-se em círculos geralmente bem informados de Paris. Estas medidas — acrescenta-se — podem inclusivamente ser decididas numa reunião do Conselho Nacional de Crédito, que, segundo o jornal «Aurore», foi convocada para hoje no Banco de França.

Julga-se que serão afectadas as compras a prestações e outros sistemas de crédito, a fim de, com as medidas tomadas na terça-feira pelo Governo, se reforçar a situação do franco. Entre aquelas medidas salienta-se o aumento da taxa de desconto de quatro para cinco por cento.

Espionagem na Alemanha

BONN, 14 — (F. P.) — Terá o «Fallex-68» sido traído? São alguns os matutinos que se fazem eco das suspeitas emitidas pela oposição liberal, a propósito do desaparecimento de documentos secretos relacionados com as recentes manobras do Estado-Maior da O. T. A. N., na Republica Federal.

Os jornais referem-se á alusão feita ontem no Bundestag, pelo deputado liberal Wolfram Dorn que, a propósito da formação de uma comissão parlamentar de inquérito aos casos de suicídios e de espionagem, pediu para se esclarecer, também, «o que se passou quando da preparação do «Fallex-68». Nada mais disse a este respeito.

Segundo o «Koelnische Rundschau», que cita fontes em contacto com o F. D. P., documentos relativos a manobras de estado-maior desapareceram. O «Frankfurter Rundschau» (liberal da esquerda) afirma por sua vez, que não só documentos mas salvo-condutos especiais, que davam acesso aos locais de reunião secretos, durante as manobras, foram subtilizados. Uma parte do roubo «reapareceu misteriosamente», mais tarde, acrescenta o jornal.

Entretanto, os serviços dependentes de Gerhard Schroeder garantem que do Ministério em causa, não desapareceu qualquer documento relativo ao «Fallex-68».

Mas não confirmam nem desmentem que tenha havido «fugas» noutros serviços que participaram naquelas manobras. O Partido Liberal — escreve o «Koelnische Rundschau» — desejaria saber se a morte do almirante Hermann Luedke, suspeito de espionagem, não estará ligada a este caso.

Cinco feridos num desastre em Queluz

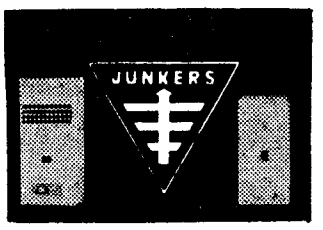
Esta manhã, junto ao Palácio de Queluz, uma furgoneta despistou-se e foi embater num automóvel que seguia em sentido contrário

A furgoneta era conduzida pelo sr António Xavier de Carvalho de 28 anos, mecânico, residente na Av. Câmara Pestana, Lote 17, Venda Nova. Acompanhavam-no os srs. Alfredo Pereira da Conceição, de 30 anos, polidor, residente no Bairro da Boavista, e António Mário Bandeira de 24 anos.

O automóvel era conduzido pelo sr Vítor Manuel Silva, de 35 anos, subdirector da SONARTE, que era acompanhado por sua esposa, sr.ª D. Maria Irene Abrantes Silva, de 36 anos.

Os ocupantes dos dois veículos ficaram feridos.

LIVROS ESPANHÓIS
7.000 Livros técnicos e científicos
Cem editores representados
LIVRARIA TORRENS
RUA ANTERO DE QUENTAL, 14-A



ERNESTO DUARTE
Rua Cândido dos Reis, 96
Telef. 288
VILA REAL ST.ª ANTÓNIO

JOGUE NO
CAMPIÃO
SEXTA-FEIRA 4000 CONTOS

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

Alberto Ferreira
Alexandre O'Neill
Carlos Porto
Francisco Bronze
João Gaspar Simões
José-Augusto França
José Duarte
Júlio Moreira

N.º 537/14 DE NOVEMBRO DE 1968

Regresso ao lume e... resposta a quem?

por Alberto Ferreira

Alberto Ferreira: Régio em questão

II — Presto, prestíssimo.

A resposta a Régio aparecia-me e logo me desaparecia... Não volto. Volto. Indecisão. Lá estava: um «aleggro ma non troppo», publicado neste jornal em 17 de Outubro. Na gaveta uma «missa solene» asfixiava-se inùtilmente. Um subtítulo rezava assim: *sentido, significação e domínio epistemológico*. Pronta, prontinha, a seguir para o jornal. Sob uns apontamentos numa bonita «tocata» e numa habilidosa «fuga». Quase acabado, um terceiro artigo!

O autor põe e o autor dispõe... mais a sua circunstância. Já veremos que não é tão sua, como parece, a circunstância. Bem disse Pascal: estamos embarcados. Estamos, plural. A circunstância determina um «nós»; não é minha, nem tua, nem é de quem a apanhar, pois não vejo como se apanha a circunstância.

Em escassos dias ocorreram tantos eventos, lemos tanta palavra, ouvimos tão variados juízos, tanto pensamos e sentimos... que me vi a contas com as minhas próprias ideias. Minhas? O que é meu, e o que é teu, e dele, e nosso? Encarcerado nas minhas (serão minhas?) dificuldades, fui adiando a publicação dos artiguinhos. Até que o tempo me permitiu o alibi: *bom*, desabafei, *já não vale a pena! Já os leitores esqueceram Camilo* (perdão! esqueceram os meus «lugares comuns» sobre Camilo), já o Outono se anuncia, tudo se esfuma na memória adormecida. Deuses! como isto é fugitivo, provisório, trivial...

Regressei, porém, ao caso, acompanhado por duas novas intervenções de José Régio, desta vez totalmente (ou quase) consagradas ao texto de Augusto da Costa Dias. Reli quanto se disse. Até a mim me li. Narcisei-me! Revertí ao meu armazém, à gaveta... — estou habituadíssimo a escrever para a dita! Pois nem assim me consegui estimular! Aquilo afinal já não era comigo, mas com o Augusto da Costa Dias... Meu irmão Hermes! como esta nossa consciência tende a encurtar as razões. Envergonhado, escrevi mais vinte, trinta páginas. Conceitos, ideias, impressões... relativamente disciplinados, minimamente fundamentados. Surgiu o título: CRÍTICA DA CRÍTICA INTUICIONISTA.

Mas as perplexidades cresceram. A conversa dilatava-se tanto que me senti inibido. Cito nomes, nomes que eu ali pus, num texto sucessivamente denso: Max Scheler, Brentano, Husserl, Hartmann... e Lotze e Abelardo, Carnap e Wittgenstein, axiologias, valores, criterologias, Gaspar Simões, Eduardo Prado Coelho e manes, manes de todos os filósofos! — Platão e Aristóteles! Era inevitável! Pois não andou Fernando Pessoa, como Brecht, em cata de uma *estética não-aristotélica?* Se eles, os poetas, se permitiram discutir estéticas e invocar os dois Gregos, por que não haveria eu, bacharel em histórico-filosóficas, de mergulhar nesses mares sempre navegados?

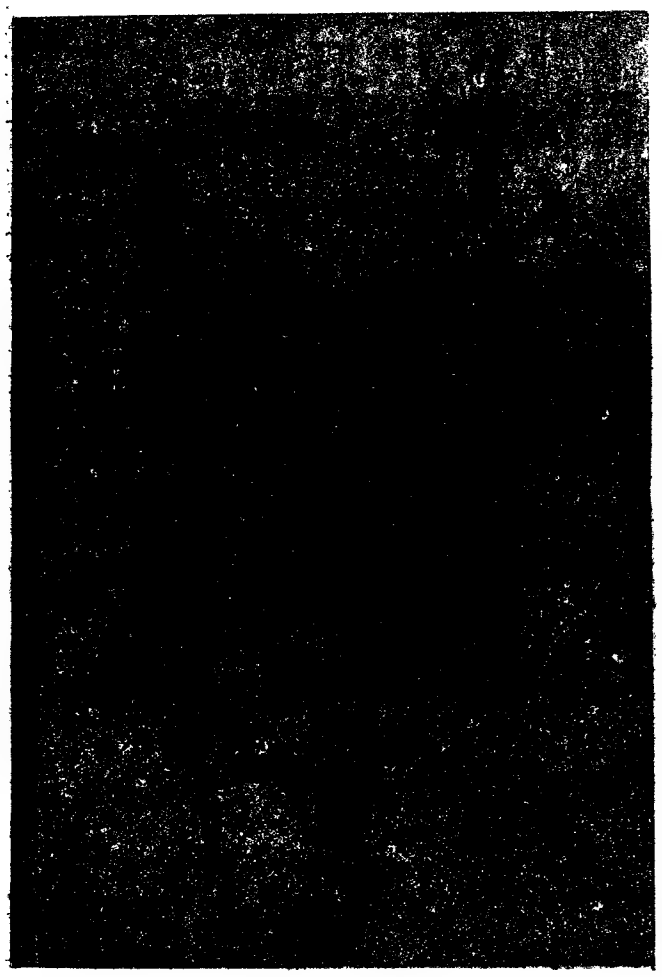
Pausa. Reli Camilo. Tornei aos meus estudos. Exactamente: os estudos que Régio apenas relanceou ou mal leu. E aqui se intromete o discutidíssimo problema da *leitura!* O que é ler um texto? Adiante! Esbaforido, remexi os meus apontamentos. Em frente deste nariz atento (creiam: como todos os dispersos do meu tipo, possuo um coeficiente altíssimo de atenção concentrada, provada em testes!) perfilaram-se os meus estudos: amostragem para uma análise do código estilístico do romantismo sentimental. Textos inteiriços, enormes ocupando páginas. Textos de Herculano, Garrett, Camilo, Mendes Leal, Pinto Ribeiro, Augusto Lima, Soares de Passos, Rebelo da Silva, poetas menores e até uma versalhada, incrivelmente má, de Camilo Castelo Branco:

Resplandece uma estrela bri-
[lhante
No horizonte de Lisia Di-
[tosa,
Novo astro dos astros nas-
[cido
Vem dar gala à nação lu-
[tuosa.

Desisto — disse de mim para mim. E assim iam as coisas... Nem a curiosidade reanimada me soprou coragem para ir até à Biblioteca Nacional e espiolhar, outra vez, os *Pundonores Desagravados* e a *Maria, não me mates que sou tua mãe!*, que Camilo deu à estampa, cuido que entre 1845 e 1847.

Havia pois desistido, quando, num destes dias, almocei com um camarada de publicidade e de letras. Veio a pêlo a conversa sobre Camilo, Os Intocáveis, a Cegueira da Crítica e coisas assim... Mansinho, o diálogo prosseguia, inofensivo e amável... eis senão quando... Eu conto: um dos tais que *deveria*

(Continua na 6.ª página)



Kafka, por Tim

O mito da certidão de idade nas Artes e nas Letras

por João Gaspar Simões

JÁ AÍ POR 1920 se registou em Portugal um curioso movimento que opunha «novos» e «velhos». O maior alarido provocado pelo embate desses dois conceitos de arte — profundos, como se vê! — travou-se à volta de um reduto que era então a Sociedade Nacional de Belas Artes. A força queriam os «novos» forçar as muralhas dessa fortaleza de «velhos» e as armas que brandiam eram as da sua juventude. Porque «novos», achavam-se no direito de destronar os «velhos». António Ferro fazia parte do grupo aguerrido disposto a tomar de assalto a posição consagrada. Já nos não lembramos quem levou a melhor. O que sabemos é que não ficou na história como data memorável na renovação do nosso panorama estético esse assalto organizado pelos «novos».

O próprio António Ferro, que fora editor da revista *Orfeu*, continuaria ligado ao movimento de 1915, que esse, sem alarde de idades, dipensando a ingénua credencial da juventude, é que viria a constituir uma data-padrão na história das letras e das artes nacionais.

Atravessamos neste momento uma época em que de novo as certidões de idade constituem o factor justificativo de posições que se não alicerçam. Porque se é «novo» — agora diz-se «jovem» —, entende-se que quem o é dispõe de per si, pela simples razão de não ser «velho», de credenciais bastantes para se afirmar em oposição a todos aqueles que nasceram duas ou três décadas mais cedo. E o certo é que a qualidade de «jovem» quase se encontra acreditada como «profissão», quanto basta para qualquer indivíduo à volta dos vinte anos se conferir a si próprio direitos majestáticos. Não sabe ao certo o que quer esse indivíduo? Pouco importa. A sua qualidade de «jovem» dar-lhe-á uma couraça tão inexpugnável como a do Amadis de Gaule. Cavaleiro andante da própria ideia de «juventude», por ela se baterá e por ela conquistará louros.

É bonita a atitude e mais bonita ainda a cruzada em que se empenha a juventude de hoje. Mas que ideias animam os jovens? Quem são os seus mestres? Onde vão eles buscar os princípios que alimentam o seu combate? Se nos voltarmos para o campo da literatura, verificaremos que as ideias caras à juventude dos nossos dias foram ou são segregadas por «velhos»: Marx, Marcuse ou Hegel, para a filosofia, Brecht, Kafka, Miller, para a literatura. Aliás, se a anima ideias críticas, é o estruturalismo que a entusiasma, e nenhum dos chavões do estruturalismo pertence à geração dos que quebram lanças por essa curiosa construção intelectual.

Que concluir daqui? Que hoje, como ontem, a oposição de «novos» e «velhos», ou de «jovens» e «ultrapassados», para melhor nos identificarmos com a nossa época, mais não representa que uma estratégia de combate, pelo menos no que diz respeito às letras e artes. Com efeito, em matéria de artes, então, os mestres acatados andam lá pelos oitenta anos! Picasso, que ainda não perdeu o seu prestígio junto da juventude, já podia ser bisa-

(Continua na pág. seguinte)

Paris — Outono 68

por Álvaro Manuel Machado

DOMINGO A TARDE. O *Deux Magots*, em pleno St. Germain. Espectáculo insólito: diante de uma alta-burguesa felina contendo pela rédea um galgo de tapeçaria antiga, um árabe ossudo engole (ou finge engolir) lâminas contorcendo-se. Há ainda a parada dos cultores do estruturalismo contra os saudosistas do existencialismo. Decididamente, nesta pasmaceira de domingo, o *Deux Magots* parece a *Brasileira* do Chiado.

Vindo num salto de Amsterdam a Paris, está a meu lado Rentes de Carvalho. Moreno, mourisco, sólido, truculento, ferrabraz. Decididamente anti-St. Germain.

Não o conhecia pessoalmente e soube-me bem encontrar nele essa pujança saudável das suas raízes minhotas, se bem que Rentes de Carvalho tenha deixado o Minho há muitos anos e esteja há bastantes radicado na Holanda. O seu romance de estreia, *Montedor*, editado pela Prelo, foi para mim uma agradável surpresa ao mesmo tempo que uma evocação dolorosa: *Montedor* é a crónica vivida da *aurea mediocritas* portuguesa. O narrador, personagem simultâneamente picaresca e híbrida, revela-nos pouco a pouco a sua revolta sempre adiada: o meio em que nasceu, Montedor, asfixia-o impiedosamente de cada vez que ele tenta libertar-se. Tendo falhado nos estudos, o que o impossibilita de subir na escala social, torna-se aos vinte anos um *désoeuvré* inteiramente submetido a tiranias que se diriam fatídicas. Tenta ainda emigrar, obcecado por miragens de uma Austrália ou de uma França que só existem no mapa da sua frustração. Falha. E então, como um grotesco animal acossado, torna-se um pobre Don Juan de aldeia, procurando no sexo uma ultima evasão. Vagabundo e libertino, ele é-o apenas na medida em que é um *désoeuvré*. E assim, ele seduz sem entusiasmo a filha menor de um comerciante de fazendas do lugar. É o fim do seu donjuanismo medíocre e da sua revolta contra a sociedade cobarde que o rodeia, pois ele próprio é também um medíocre e cobarde: a rapariga fica grávida, o pai exige uma «reparação» e esse desgraçado Tom Jones do Minho resigna-se a passar a vida ao balcão vendendo pachorrentamente fazenda a metro. E o romance termina numa apoteose burlesca, com o nascimento da criança. A

Rentes de Carvalho

última cena mostra-nos o narrador imerso numa letargia inutilmente lúcida.

TRADIÇÃO

Rentes de Carvalho despertou, portanto, a minha curiosidade literária e humana. Além do mais, ele viveu, e está a viver ainda, a mesma experiência de desenraizamento forçado.

À mesa do *Deux Magots*, a nossa conversa, para lá da formalidade da pergunta e resposta, desencadeou-se espontâneamente, como se nos conhecessemos há muitos anos.

— Comecemos pela simplicidade ou não simplicidade do seu livro. Acha-se um escritor «simples»?

— Se você por «simples» quer dizer avesso a floreados, então sou. Mas isso não significa que a simplicidade seja uma qualidade, pelo menos no meu caso.

— Repare: digo «simplicidade» no sentido de manter ou reatar uma tradição. Você acha que o escritor, mais precisamente o romancista, é apenas um «contador de histórias»?

— Deveria ser. Você sabe que a leitura é um acto de recriação e o romance tem para os leitores A, B e C uma aparência e significado que nunca teve para quem o escreveu. O escritor é um criador de meios, mesmo quando testemunha, é o homem que constrói uma ferramenta cujo valor se mede pelo número e pela qualidade daqueles que dela tiram proveito e pela sua aptidão e sobreviver gerações. Que Zola, Eça, Mauriac emparelhem assim com Ponson du Terrail, a Condessa de Ségur e Ian Fleming, importa pouco.

— Nesse caso, acha que o romance tradicional, com princípio, meio e fim é uma vasta galeria de personagens ou uma estrutura narrativa intimista (que é o caso de *Montedor*) tem possibilidades de sobrevivência?

— Porque não? Os romances não sobrevivem em função deste ou daquele estilo, e menos ainda das modas, mas sim na medida em que se enraízam no que em nós é mais profundo. Por isso certas obras não sòmente continuam a viver, mas nem sequer envelhecem. Os Diors em literatura morrem jovens.

REALISMO

— Diga-me: é capaz de definir o seu realismo?

— Como quer você que eu defina aquilo que é soma dum ambiente, duma educação, das experiências duma vida? Se o realismo interesa — aquele a que você chama meu conta sòmente na medida em que é nosso, português. O dos últimos cinquenta anos está por analisar, por definir, por estudar, mau grado os muitos livros, o muito badalar. Houve quem mordiscasse, outros morderam — mas só até ao osso — porque aí, ou os dentes não aguentaram, ou o bocadinho de fama lhes bastou.

— A propósito de *Montedor*, António José Saraiva fala no prefácio de «herói picaresco». Por mim, estou perfeitamente de acordo, mas acha que o herói picaliterária portuguesa?

— Sabe, eu discordo que o herói de *Montedor* seja pícaro. Se nele há tragédia, pulhice, amargura, vida sem sentido, pontapés que recebe sem que descubra quem lhos dá ou donde vêm, se o ambiente em que vive (mesmo mais tarde e materialmente desafogado) o obriga a lamber a mão que o fere, se a sua rebelião não passa dum vago desejo — mesmo que tudo isso sejam elementos de picardia, são-no também, e mais, realidades que todos conhecemos.

— Mas eu refiro-me à «realidade *literária*». O picaresco é uma «realidade» estética própria. Resta apurar se ela é ou não característica da literatura portuguesa.

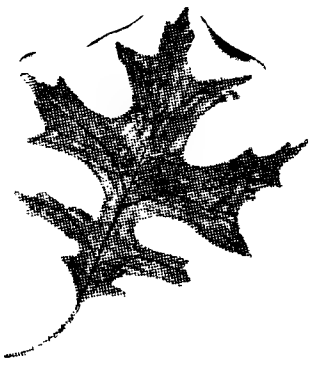
— Francamente, isso é pergunta para ser respondida pelos entendidos.

EXÍLIO

— O herói de *Montedor* reflecte uma trágica experiência de emigração, mais exactamente de exílio: embora continuando em Montedor, ele é já um exilado, social e espiritualmente. Diga-me: foi importante para si a experiência da emigração?

— Meu caro Machado: o homem de «Montedor» não emigrou. Neto pobre dos Vencidos da Vida, foi dos que ficaram. E já ele tinha a certeza de ser um caso sem cura nem futuro quando o João, o Manuel e o Joaquim do Minho e alguns foram para o Canadá ou para a França. E antes desses, outros tinham ido para o Brasil, para a África. Ele é o português com um pé no povo, outro na pequena burguesia, sem instrução, sem base, com um medo secular dos que estão por cima, apertado em convenções absurdas e obsoletas, cuja única crença é a da lotaria ou a do golpe. Em tais circunstâncias há pouco lugar para falar de exílio do espírito, coisa que ao herói interes-

(Continua na 7.ª página)



SUPLEMENTO Diário de Lisbôa LITERÁRIO

CRÓNICAS LITERÁRIAS

O mito da certidão de idade, *por João Gaspar Simões*
O Clube dos Talentosos, *por Alexandre O'Neill*

POLÉMICA

... Resposta a quem?, *por Alberto Ferreira*

ENTREVISTA

Paris — Outono 68; Encontro com Rentes de Carvalho, *por Álvaro Manuel Machado*

LETRAS ESTRANGEIRAS

Gombrowicz, *por Júlio Moreira*

JAZZ

Jazz e Cinema (1), *por José Duarte*

TEATRO

Alarme, *por Carlos Porto*

CINEMA

A cidadela sitiada, *por José Vaz Pereira*

HUMOR GRÁFICO

Panorama Literário, *por Carlos Worm*

A 4.ª dimensão

A CIÊNCIA - FICÇÃO, se não é já a literatura do futuro é pelo menos uma forma literária que hoje encontra numerosos consumidores. Nas vésperas da conquista lunar, é fácil saber-se porquê. Mesmo entre nós, que estamos irremediàvelmente fora do jogo, a literatura ficto científica vem somando edições e adeptos. Já que não temos foguetões viajemos nas ficções...

Uma proposta para a viagem é o livro *Viajantes no Tempo* que a Galeria Panorama acaba de apresentar ao cosmonauta leitor. Trata-se de uma colectanea de contos que tem por mote as viagens no Tempo. Robert Silverberg, coordenou. Eduardo Saló traduziu. Luís Campos executou a capa.

POESIAS DE MANUEL BANDEIRA

"Um Gérard de Nerval que tivesse o dom da ironia e do sarcasmo; um António Nobre que soubesse sair da torre da doença e amar a vida apesar de tudo; um Paul Valéry a quem fosse dado chorar; um clássico sabendo viver profundamente todos os delíquios românticos, e um modernista amando o sabor de tornear uma bela estrofe de rigorosa geometria..."

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

(Do prefácio a esta antologia de *Poesias de Manuel Bandeira*)

Coleção Poetas de Hoje

PORTUGÁLIA

O mito da certidão de idade

(Continuação da pág. anterior)

vô dos jovens que o imitam.

Tem importância que o combate esteja nas mãos de gente nova? Sem dúvida, sobretudo se a gente nova — continuamos a referir-nos a letras e artes em particular — se apresentar munida de ideias e concepções próprias. Caso contrário, onde estará a vantagem de um movimento juvenil? Com efeito, que novas concepções artísticas nos trazem os de vinte anos neste momento histórico? Que novas concepções literárias nos proporcionam? Que saibamos, o mais que fazem é introduzir na vida um estilo novo de comportamento: convivem, vivem, dançam, vestem-se, amam de maneira diferente. Mas, no que diz respeito, inclusivamente, ao gosto e à sensibilidade artísticas, limitam-se a repetir, caricaturalmente talvez, determinada fase da evolução das artes e das letras. Voltados para a década de vinte, renovam o que então se fez. É de crer que haja entre eles génios criadores, espíritos fecundos, sensibilidades propulsoras de novos conceitos estéticos e de novas concepções de arte. Simplesmente, a não ser a título excepcional — o caso de um Rimbaud, em França, de um Kafka, na Checoslováquia, de um Pessoa, em Portugal — raramente a juventude produz obras ou realiza conceitos literários e artísticos susceptíveis de determinar novas correntes de gosto e de sensibilidade. Pràticamente, a juventude de hoje, tanto em Portugal como lá fora, está a viver à sombra de ideias estéticas e literárias com dezenas de anos de amadurecimento. O próprio Kafka, que tão jovem morreria, só principiou a ser conhecido duas ou três dezenas de anos após a sua obscura morte. O mesmo sucedeu ao nosso Fernando Pessoa que, como toda a gente sabe, entrou apagadamente na eternidade.

Que pretendemos nós? Apenas chamar a atenção para este facto que de maneira geral todos esquecem: não basta ser «novo» ou «jovem» para alguém se afirmar contra «velhos» ou «ultrapassados». Os «jovens» do *Orpheu* por exemplo, não se impuseram pela certidão de idade. Tão pouco foi pela certidão de idade que vingaram os nossos escritores da geração de 70. Eram novos Pessoa, Sá Carneiro, Almada quando brandiam o estandarte do *Orpheu*? Sem dúvida, mas não o fizeram, como o faria o António Ferro de 1920, proclamando-se «novos». Pelo contrário: a maturidade das suas concepções e ideias é que se antecipava à sua idade. É assim que a arte de Pessoa ainda hoje domina largos sectores da juventude. Para sabermos que o autor da *Mensagem* era jovem quando fundou o *Orpheu* somos obrigados a consultar a sua biografia. Nos nossos dias verifica-se o contrário. Quem quer impor-se no domínio das artes e das letras antes de mais nada exibe a certidão de idade. É como se esta suprisse tudo o mais, inclusivamente a carência de ideias próprias e de personalidade.

JOÃO GASPAR SIMÕES

O que é «A TERTÚLIA DO LIVRO»?

pergunte a

GALERIA PANORAMA

GALERIA PANORAMA
Rua Alberto Aldim
Telef. 97 13 79
ALFRAGIDE
(DAMAIA)

Aragão: os sinais violados

ANTÓNIO ARAGÃO

Galeria Quadrante

Signo e estrutura

por Francisco Bronze

Na Galeria Quadrante, António Aragão apresenta-nos em doze quadros a sua pintura. Trata-se, segundo o catálogo e no dizer do autor, da «variação de duas estruturas num espaço interrogado para um tempo interdito», ou mais concretamente: de «dois grupos de situações estruturais acontecidas pela mudança, modificação ou associação diversa de dois sinais invioláveis».

Estamos, portanto, em frente de uma pintura que vive essencialmente do *sinal*, pretendendo-se aqui «inviolável». *Inviolável* por não nos revelar qualquer «conteúdo» para lá da sua corporeidade, da sua mera presença gráfica? Essa parece ter sido a ideia do artista. Na verdade a arte de Aragão inscreve-se no âmbito duma pintura *sinalética*, ou *de signos*, em que o *sinal* deixa de assumir a função «expressiva» que tivera numa certa pintura *gestual* e mesmo *caligráfica*. Nesta, porém, já o *sinal* ganha uma individualidade, prestes a alcançar um valor de *signo*. Este só surge quando o *sinal* se liberta de toda a carga subjectiva e começa a viver como *coisa*.

Mas os signos podem relacionar-se íntima e complexamente e formarem aquilo que A. Aragão entende por «estrutura». (Dizemos «o que A. Aragão entende» porque, neste tempo do estruturalismo a noção de «estrutura», variando de autor para autor, é da mais elementar prudência situar bem as ideias). Como o pintor explica, estes quadros constroem-se pela «mudança, modificação ou associação diversa» de dois signos num espaço que se define na bidimensionalidade e que aqui «se interroga» — como aliás sempre se interroga em qualquer obra plástica. Mas o que é necessário frisar antes de mais é que a pintura de Aragão está muito longe de se construir segundo a coerência formal que seria inteiramente desejável. Numa pintura deste tipo, o *sinal*, para ser realmente «inviolável», deveria bastar-se a si próprio, isto é, deveria possuir toda a *impessoalidade* e *objectividade* que caracterizam o Signo. O que de modo nenhum aqui acontece: o *sinal* sofre um tratamento *matérico* que imediatamente o exclui duma definição de *signo*, na medida em que põe problemas que não dizem respeito aquela intenção inicial. O Signo põe uma problemática própria e dificilmente esta se alargará à natureza da *matéria* em que ele se revela.

Ora, poderá porventura contestar-se este juízo crítico como *normativo?* Porque não reconhecer ao artista o direito de recusar uma tal definição de Signo, porque não o direito de atentar contra a pretendida «pureza» dos sinais?

Claro que ninguém recusa ao artista esse direito. Mas à crítica cabe ainda a função de verificar a íntima concordância de toda a obra com as intenções manifestadas pelos autores; o modo como elas se articulam, a maior ou menor coerência alcançada.

Na pintura de Aragão a ausência de rigor não se manifesta apenas ao nível do tratamento matérico que os *sinais* demonstram, mas também no facto de serem estes construídos *manualmente*, inevitàvelmente nos vindo à memória a lição de um Capogrossi conduzindo o *signo* ao rigor e à objectividade que os processos mecanizados lhe conferem ...

Não se depreenda, porém, disto que temos qualquer má vontade contra a pintura *manual*. Pelos processos tradicionais também o rigor pode ser alcançado, e os desenhos de um Fernando Lemos, por exemplo, provam-no bem.

António Aragão pretende dinamizar a sua pintura por elementos plásticos em princípio alheios às «estruturas» em jogo; são faixas de cor que se opõem, diríamos contrapontisticamente à simplicidade formal daqueles sinais. Mas igualmente aqui a cor é tratada como «matéria», quando talvez a exploração das suas qualidades timbricas melhor se enquadrasse no jogo proposto. Mas por estas palavras dir-se-ia que censuramos uma obra por *aquilo que ela não é* — o que de modo nenhum pode ser método crítico, antes se apresentando como um dos vícios de que enferma a crítica normativa. Difícil, porém, é explicitar as razões por que não «aderimos» a uma obra, proibidos que estamos de recorrer a meros argumentos de «gosto» — sabido que este é sempre pessoal e contingente.

Uma das primeiras objecções que se podem fazer à pintura de Aragão é o facto de ela resultar afinal na «ilustração» de uma ideia. A transposição de certas regras que dizem respeito a um método de investigação como é o estruturalismo para o domínio específico da criação artística não pode fazer-se sem correr esse risco.

Mas num momento em que a crítica da arte sofre uma séria contestação, numa altura em que os seus próprios teóricos reconhecem a necessidade da própria crítica se por em causa, não há dúvida que todo o juízo de valor pode ser recusado. Porque não poderá a mera «ilustração» duma ideia resultar numa obra de arte?

Parece-nos que naquilo que designamos por «ilustração» as formas definem-se numa ausência de convicção, descarregadas de energia própria, já que o «conteúdo» se patenteia na ideia, que não nas formas que a expressam. A «ilustração», neste sentido, sujeita-se a uma verdade anterior à própria obra e daí a sua pobreza no plano da vivência.

Somos dos que pensam que, em última instância, os valores em nome dos quais uma crítica se exerce funcionam sempre em íntima concordância com o «gosto» do crítico. Na medida em que reconhecemos ser este «gosto» sempre pessoal e contingente, todos os juízos de valor podem ser contestados, já que dificilmente encontrarão uma fundamentação científica. Não podemos, pois, deixar de reconhecer que o próprio «gosto» contém uma dimensão ideológica, e que deve ser entendido dinâmicamente. O «gosto» é sempre globalizante: nele o indivíduo se arrisca por inteiro. Daí a terrível responsabilidade de toda a crítica.

Salão do Banco Português do Atlântico

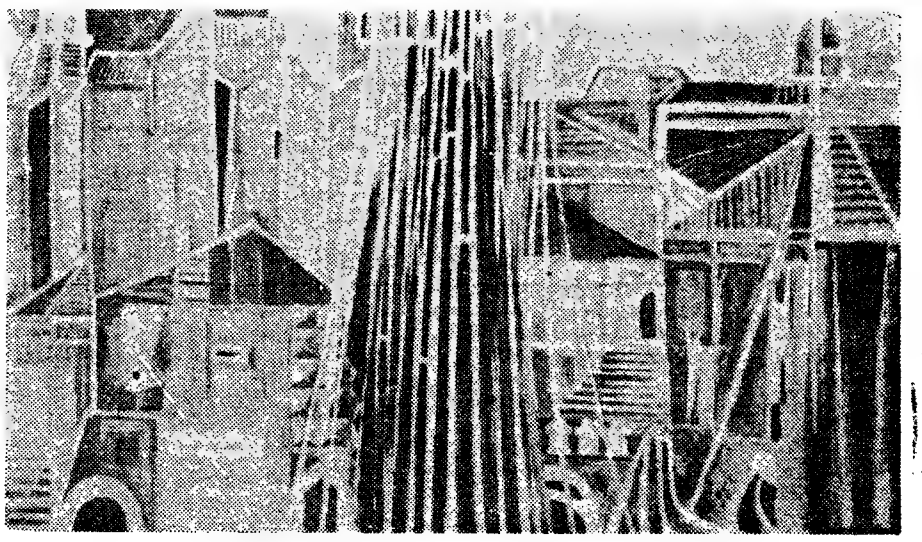
No prolongamento da actividade social de certas empresas, assumido nos últimos tempos em torno das artes plásticas e de acordo com a promoção de salões de grande repercussão pública, vai o Banco Português do Atlântico realizar em Maio um concurso de pintura e escultura (com larga decisão para as correntes estéticas mais avançadas) fundamentalmente dirigido à aquisição de obras de arte destinadas à nova sede em Lisboa daquele estabelecimento. No texto de apresentação do regulamento, onde já responsabilizam para o júri os críticos dr. José Augusto Franca, dr. Rui Mário Gonçalves e Fernando Pernes, a entidade promotora declara-se empenhada em sincronizar a satisfação das suas próprias necessidades com as da promoção da cultura artística entre nós, sector reconhecidamente carecido de uma verdadeira planificação dos auxílios possíveis. Apesar de este novo salão de artes plásticas seguir muito de perto iniciativas como a do Prémio GM 67 ou do Prémio Guérin, afinal paralelas na sua forma obliqua de apoio às artes, ele introduz neste domínio, pela letra do próprio regulamento, um aspecto novo que importa considerar e que o júri poderá sublinhar de forma definitiva: os prémios não aparecem escalonados de acordo com a hierarquia habitual e ao júri competirá arbitrar a sua articulação em paralelo com as compras pretendidas pelo Banco.

À Sociedade Nacional de Belas-Artes foi pedido um representante para o júri e colaboração quanto às instalações para a exposição das obras.

Botelho na Buchholz

Inaugura-se hoje, na Galeria Buchholz, uma exposição do pintor Carlos Botelho. Este ano, faz cinquenta anos que Botelho expôs pela primeira vez, e faz vinte e cinco anos que expôs na Galeria Buchholz, inaugurando-a. Nascido em 1899, Botelho tem sido entre nós um caso raro de actividade artística constante. Primeiramente influenciado pelos expressionistas, de Van Gogh a Kathe Kolwitz, realizou alguns retratos notáveis — nomeadamente o do «Pianista Carlos Botelho», seu pai, quadro com que alcançou o prémio «Sousa Cardoso» — e fixou alguns ambientes humanos significativos dos dramas da nossa época. Realizou numerosos desenhos de sátira á burguesia e, simultâneamente, animou uma página do «Sempre Fixe». Depois, fixou aspectos de Lisboa, procurando uma imagem global da cidade duma maneira sintética, de que é exemplo o quadro aqui reproduzido.

A exposição hoje inaugurada na Buchholz permitirá, uma vez mais e agora em jeito de homenagem, redescobrir um dos mais sensíveis cronistas (plásticos) de uma cidade.



«Reminiscências», óleo s/ tela, 0,97×1,62 cm. — 1960

EXPOSIÇÕES

GALERIA DIVULGAÇÃO *Rua D. Estefânia*	**LEONOR PRAÇA:** UMA AVENTURA ALQUÍMICA
GALERIA QUADRANTE *Av. Luís Bivar*	**ANTÓNIO ARAGÃO:** UM EQUÍVOCO ESTRUTURAL
GALERIA BUCHHOLZ *Rua Duque de Palmela*	**NORONHA DA COSTA:** DIALÉCTICA IMAGEM-OBJECTO
GALERIA III *Campo Grande*	**NIKIAS SKAPINAKIS:** O NU À MANEIRA DE INSÓLITO E UMA ESPÉCIE DE RETROSPECTIVA COMERCIAL
S. N. B. A. *Rua Barata Salgueiro*	**ESPIGA PINTO:** UM ESTILO LUXUOSO OU UM ALENTEJO INALTERÁVEL
SOCIEDADE GUÉRIN *Av. da Liberdade*	**PRÉMIO GUÉRIN DE ARTES PLÁSTICAS:** O MUNDO DA MÁQUINA OU DO MOVIMENTO COMO TEMA DE UM CONCURSO ONDE SE DESTACAM AS AUSÊNCIAS

A MARCA DO TEMPO

VOLUMES ENCADERNADOS COM ILUSTRAÇÕES E DOCUMENTOS EM EXTRA-TEXTO

SAIU O 1.º VOLUME DA COLECÇÃO

KURT GERSTEIN, ENTRE O HOMEM E A GESTAPO

por Saul Friedlander

Quem foi realmente **Gerstein**, o homem que se alistou na Gestapo para testemunhar os crimes de guerra.

Próximo volume:

ANATOMIA SOCIAL DO CRIME

por **Hans Magnum Ezensberger**

MORAES editores

Distribuidores: DILSAR — Tel. 68 01 67

Amadeo, 1968

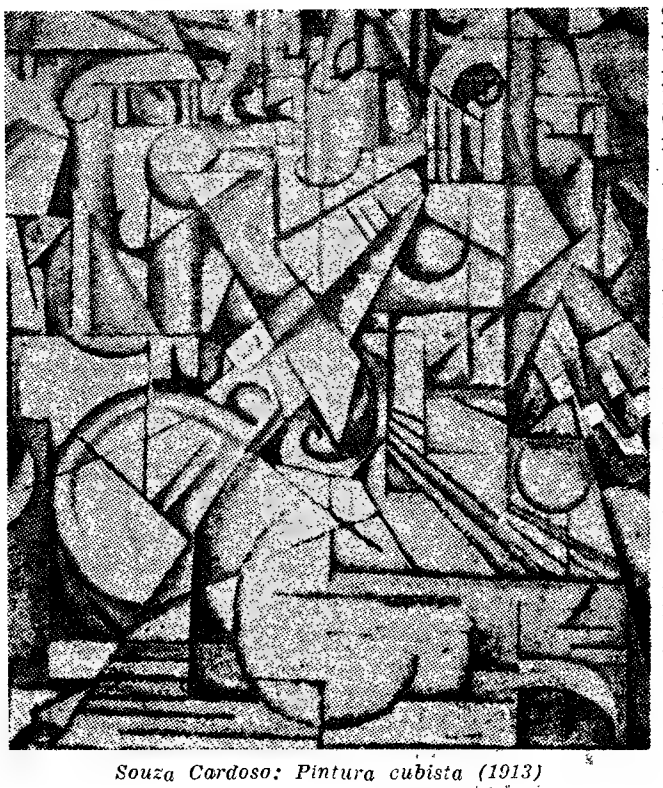
Folhetim artístico de José-Augusto França

AMADEO De Souza-Cardoso, por quem a arte moderna entrou em Portugal, em exposições no Porto e em Lisboa ao fim de 1916, morreu há cinquenta anos (25 de Outubro de 1918, em Espinho). Era mais novo que Eduardo Viana.

O cuspo que lhe atiraram para um quadro, o murro que lhe deram numa rua do Porto («— Foi o senhor quem pintou os quadros que estão ali em cima?—Fui...» Pumba, um soco nos queixos que o fez ir tratar-se ao hospital!), e mais as risadas provocadas, e o Alfredo Pimenta a dizer que aquilo era arte já ultrapassada... Asneira sobre asneira nesse ditoso ano nacional, foi tudo quanto a pátria pôde dar-lhe. Amadeo, aliás, pagava-lhe na mesma moeda, denunciando-lhe o ona-nismo. Estava pelo Norte há dois anos, entre o seu Manhufe natal e o Porto e Espinho, marcando um compasso de espera para regressar a Paris que muito mais tinha que ver com a sua natalidade. Em Lisboa, Almada Negreiros publicava o «Manifesto Anti-Dantas» que o Dantas comprou inteirinho para queimar, Santa-Rita manobrava para criar um movimento futurista, Pessoa era mais futurista que o movimento, o «Orpheu» tinha dois numeros publicados, Sá-Carneiro fora suicidar-se a Paris... Amadeo veio á capital dar um abraço ao Almada por causa do «Manifesto», um soco ao Santa-Rita por causa de histórias antigas, e uma entrevista a «O Dia» para impingir passagens inteiras dos manifestos de Marinetti, sem aspas.

No ano seguinte, a sua presença no «Portugal Futurista» foi ocasional e algo sabotada por Santa-Rita. Estava de novo em Manhufe, morgadinho e talassa por reacção ou raiva — e em raiva ia ele transmutando essa estada obrigatória, enquanto a guerra lhe vedava o Montparnasse da sua lembrança parisiense.

NO itinerário da obra de Amadeo, desde 1912 a 1918 (ou, mais reduzidamente, de 1913 a 1917, que são estes os quatro anos que contam para a sua definição), a raiva é um elemento muito importante senão determinante. Raiva contra a mandriice lusitana dos outros portugueses que por Paris se arrastavam sem ambições que não coubessem num terceiro andar da Rua dos Fanqueiros: raiva contra o tempo que lhe fugia e que passava sem ele, entre Cézanne (morto na altura mesmo em que chegara a Paris) e o cubismo de Picasso e de Braque; raiva de ver e de viver — e da necessidade de destruir o mundo velho da sua burguesia original, com mãos sensuais, duma lentidão brutalmente definida. O seu expressionismo não vem de outro lado—é mais temperamental que estético. E o futurismo em que se desejou não foi mais, para ele, do que uma manifestação de temperamento também, um entusiasmo sem consciência cultural. O mesmo finalmente se dirá sobre o rompante seguinte, em que surgem valores dadaistas, insuspeitados por via cultural no País. Amadeo viveu-os, autênticamente, por efeito de uma revolta pessoal — e aí se situa o paradoxo da sua posição dentro da arte portuguesa. Posição necessáriamente, ou fatalmente, a-histórica, e plásticamente isolada, solitário e inoperante, no seio duma geração, a «primeira», que tenho afirmado ter vivido parentéticamente em Portugal.



Souza Cardoso: Pintura cubista (1913)

AMADEO - entre - parêntesis — assim ele se apresenta aos nossos olhos. E ainda mais se repararmos que entre parêntesis cuidadosamente o meteu a cultura nacional que só o descobriu de verdade trinta e oito anos depois de morto. Só em 1956 o nome de Amadeo deixou de ser um nome, graças a uma exposição organizada pela Galeria Dominguez Alvarez, da parte da obra guardada pela família, em Manhufe, e (se o leitor me der licença para que lhe lembre) do meu livro entretanto esgotado.

Eu pudera estudar a obra do pintor conservada em casa de sua viuva, em Paris — o que permitiu uma visão de conjunto e problemática. Depois, em 1958, foi a exposição na Casa de Portugal em Paris, que não compensou o erro estratégico resultante do local não ter prestigio artístico; no ano seguinte, o S. N. I. realizou meritóriamente uma exposição geral da obra, em Lisboa — pena sendo que tal manifestação não fosse acompanhada de conferências, debates, mesas-redondas e publicações, tudo instrumentos informativos hoje indispensáveis em semelhantes operações culturais. Ainda em 1959 tive o gosto de apresentar a sala de Amadeo na Bienal de S. Paulo, num programa da TV paulista e numa conferência na própria bienal, sempre, é claro, por encargo brasileiro. Contactos com Jean Cassou (que comprou um quadro de Amadeu para o Museu N. de Arte Moderna de Paris) e com Michel Senphor, ajudaram a lançar o pintor numa informação que só internacional pode ser. Recentemente, a Fundação Gulbenkian comprou quatro bem escolhidas telas á viuva do artista — compensando assim o que o Museu de Arte Contemporanea nunca sequer pensou fazer... Em Amarante, o museu apresenta há cerca de dez anos uma sala com obras do pintor ali depositadas pela família— e é tudo quanto por Amadeo se fez, neste ultimo decénio, após quarenta anos de silêncio, duma terra surda e cega que foi a sua, e de muitos outros...

As comemorações do cinquentenário da morte de Amadeo vão ser agora tratadas no Porto (exposição na Galeria Dominguez Alvarez, do incansável Jaime Isidoro), em Amarante (conferências, exposição de desenhos e caricaturas inéditas, medalha comemorativa, reedição do álbum de desenhos de 1918) e em Lisboa (exposição e colóquio de mesa-redonda na Galeria Bucholz; reedição do livro sobre o pintor).

... E a esperança(zinha) de que o Museu de Arte Contemporanea (se alguma vez vier a re-existir) arranje maneira de cumprir o seu dever de serviço publico, com a apresentação de algumas telas significativas de Amadeo de Souza-Cardoso. Meio século após a sua morte!

Cinema 68: a máquina ao serviço (também) do «jazz»

Jazz e Cinema (1)

por José Duarte

O NASCIMENTO duma forma de arte é um fenómeno raro. Numerosos historiadores e estetas têm tentado explicar o nascimento dos modos de expressão, nascimento que quase se confunde com a aparição do homem sobre a terra.

Com o século 20, a história da arte integra dois novos capítulos: o jazz e o cinema. Não se ignora, evidentemente, que o jazz é uma forma de música e que a música já existia antes do jazz. Mas como a linguagem jazzística se baseia em estruturas diferentes, senão opostas, das da música dita clássica, é lógico considerar jazz e música clássica como duas formas de arte autónomas, embora por vezes se aproximem.

> «...Uma forma de arte nasce em condições históricas determinadas, isto é, a um nivel determinado do desenvolvimento das forças produtivas (duma relação determinada do homem com a natureza e dum grau de domínio do homem sobre a natureza). Nasce de uma base económica em determinadas relações de produção, isto é, relações de propriedade (expressão jurídica das relações de produção) e em relações de classe determinadas. Nasce em relação com as superstruturas filosóficas, ideológicas, politicas ...»
>
> HENRI LEFEBVRE

Foi nos Estados Unidos que o jazz naseeu e foi ali também que o cinema se expandiu. Escolha-se, por exemplo, o ano de 1915, data arbitrária, mas que corresponde aproximadamente à primeira obra definitiva que o cinema ofereceu ao mundo «Birth of a nation». Os Estados Unidos são, na altura, um país em formação. As feridas da Guerra da Secessão estão por curar. Os negros, por seu lado, sem consciência da sua força, dos seus direitos, do seu poder agrupavam-se em colectividade alienada, procurando meios para se proteger e exprimir. Em todas as sociedades alienadas a ideia de Deus encontra terreno favorável à sua expansão (além disto, o templo era talvez o único lugar onde os negros se podiam reunir livremente). Assim é na ideia de Deus que os negros americanos vão encontrar a sua força. É através dessa ideia que eles vão encontrar o seu meio de expressão autónomo.

Com o nascimento do Gospel, surge a base do que viria a ser o jazz.

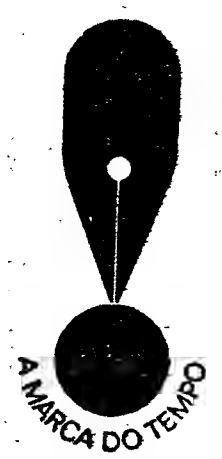
Mas um meio de expressão só sobrevive através da universalização. Vai pois perder o seu exclusivo contexto religioso que funcionava como um limite. Os cantores de «blues» vão, com as suas canções, exprimir os mesmos sentimentos que as colectividades religiosas. A seguir, certos indivíduos, inspirando-se no Gospel, abandonam pouco a pouco o lado prático da sua música — meio de exprimir uma queixa, uma revolta, uma alienação — para encarar o lado estético, a tomada de posse duma linguagem.

E é no jazz de New Orleans, em plena improvização colectiva, que surgem as primeiras individualidades.

Não esquecer que nesta época, entre 1920 e 1929, a América branca vivia o seu apogeu. A sua prosperidade parecia multiplicar-se. Como consequência lógica, os negros nunca até então tinham sido tão oprimidos: numa sociedade próspera, os fortes estão no máximo do seu poder e os fracos no máximo da sua fraqueza.

A música era para eles o único meio que tinham de se insinuar no mundo dos poderosos; estes conquistados pelo atractivo da novidade: aqueles sem sonhar que favoreciam o cancro que os iria minar.

Paralelamente o cinema entrava na que se viria a chamar «era dos produtores». Os filmes eram empreendimentos colectivos, tentava-se «the biggest motion picture in the world». Mas, tal como no jazz, no meio dessas máquinas colectivas, certos indivíduos principiavam a tomar consciência do poder criador do cinema e através dele



UMA COLECÇÃO DE VANGUARDA

as diferentes perspectivas do nosso tempo através dos testemunhos vivos mais significativos

PRIMEIROS VOLUMES:

Kurt Gerstein, por Saul Friedländer
Anatomia Social do Crime, por Hans Magnum Ezensberger
Bonnie e Clyde, por Nelson Algren
O Mundo da Tecnologia, por Georges Elgozy
Os Filhos de Sanchez, por Oscar Lewis

Distribuidores: DILSAR — Tel. 68 01 67

MORAES editores

Um brilhante testemunho do nosso tempo!

ANTIMEMÓRIAS

por ANDRÉ MALRAUX

Malraux perante a história e o público, espelho de uma civilização, de uma França generosa e inteligente, mas, também, cruelmente racional e lúcida.

Colecção DOCUMENTOS DE TODOS OS TEMPOS

Volume de 546 páginas: 135$00

LIVRARIA BERTRAND

Al Jolson: o início

se começavam a exprimir (Chaplin, Keaton, von Stroheim). Para eles também o cinema era uma arte.

Chega a crise de 1929. A América abala. Julgava-se invulnerável: é mortal. Como no cinema, também no jazz se vai acentuar o aparecimento de figuras-consequência duma situação histórica e da evolução natural das linguagens respectivas. No cinema, o fundamental era a exaltação da América, do «american way of life». Os produtores, embora economicamente poderosos, e por isso com possibilidades de impor as suas concepções, vêem surgir realizadores, que pouco a pouco se revelam como os únicos autores de filmes (King Vidor, Howard Hawks, etc.). No jazz os negros soerguem a cabeça e começam a ter menos medo de falar. É a época do «middle-jazz» dos solistas. Quanto mais uma arte evolui, mais se individualiza.

Com a segunda guerra mundial, os negros conquistam o direito de ser americanos, de ter os seus políticos, os seus escritores; começa-se sèriamente a reparar no seu problema. A universalidade do jazz acentua-se; o próprio mundo branco americano aceita-o. O génio de Charlie Parker reafirma o indivíduo como único criador. Também com o fim da segunda grande guerra, os realizadores em cinema sacodem a tutela asfixiante dos produtores, entra-se na «era dos autores».

Não ignoro, no entanto, que nesta comparação, que não toca na ontologia das duas formas de arte, só tenho vindo a referir as semelhanças, desprezando deliberadamente os elementos que as podem diferençar, dos quais alguns são importantes. Por exemplo, o nascimento: o jazz nasceu duma situação social, enquanto o cinema nasceu duma técnica. Mas, como me parece que aquelas semelhanças têm suficiente importância e força para influenciar a própria essência destas duas formas de arte, julgo não ter sido inútil começar por enunciá-las.

Texto adaptado de «Le celluloid et la vinylite», de Jean Wagner.

O CLUBE DOS TALENTOSOS

por Alexandre O'Neill

MEUS amigos, vamos demitir-nos do talento? *A quoi bon le talent?* — dizia-me o viajadíssimo Jacques, sempre que vinha a Portugal, pelos anos da cortiça, sangrar a tia. *A quoi bon?* — reiterava eu com aquela desenvoltura melancólica que o talento (frustrado) e a cortiça (nenhuma) dão. Mas não é assim que se começa uma proposta de tal tomo.

A série! Vamos demitir-nos do talento? Esta situação de talentosos para a qual nos empurrámos e na qual nos encurralámos (curral doirado!) vai ser, se não é já, o nosso fim. Não preciso de nomear ninguém. O talento está suficientemente distribuído e identificado, entre nós — os das Letras. Aliás, nomear é olvidar, asserção que devo ao escrúpulo dialéctico e ao contagioso didactismo do meu primeiro professor de Filosofia, aqui nomeado Dr. Freitas de Araújo

O leitor, por certo, já adivinhara que era de Letras que se tratava... (*Esta interpelação directa do leitor nem sempre é para disfarçar a falta de inspiração, a necessidade de ganhar tempo. Por exemplo, Machado de Assis, que não pode entrar nos concursos «culturais» da R. T. P., omisso como está da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, mas que não deixa, por tão pouco, de ser o maior escritor do Brasil — e olvidar será nomear? —, Joaquim Maria Machado de Assis, iamos dizendo entre parêntesis para evitar a chamada de rodapé, interpela o leitor amiudadas vezes, «convoca-o» para testemunha da acção — e não nos consta que o fizesse para ganhar tempo e inspiração...*)

Bom leitor, é nas Letras que o talento se mostra mais vistoso e como que mais desinteressado, mais sem motivo. Pode lá haver coisa tão bonita como o talento a sair-se assim em corpo inteiro, sem outro *engagement* que não seja o de talento no talento! Sem outro *engagement*? Que digo eu! O talento, entre nós, sempre esteve comprometido, sempre mostrou o que valia a respeito (não a despeito) da realidade social em que o deixaram comover-se. Porque falar, então, de talento exclusivamente «engajado» no talento? Porque o *altruismo* do nosso formoso talento literário mais não é que o caminho (fácil) que o nosso *egoismo* tomou.

Demitamo-nos dum talento assim — e quanto antes!

*

Primeira (obrigatória) demonstração de talento — a de que se sabe escrever. «O romance é fraco, mas o tipo escreve muito bem!», era uma frase que soía ouvir-se a cada passo ainda não há muitos anos. É incalculável a quantidade de missanga, de pechisbeque, de ouro americano que os viajantes das nossas Letras fizeram reverberar por esse Portugal fora com o ar de quem revela, finalmente, os países ao País! O triste ruralismo das várias prosas de *boa cepa* desaguadilhou no que se viu: o *pitoresco* e o *castiço* a fazerem (muito mal) as vezes do *típico* e do *comunicante*. Grande manancial de pequenos sociólogos, essa literatura teve o destino que merecia: foi parar ao regaço da vasta máfia das tias da província e aos narizes dos aprendizes de «portuguesismo». R. I. P.

A segunda (histórica) operação a que se entregou o nosso egocêntrico talento, ó paciente leitor, foi subtil e *a contrariu sensu*: o talento a demonstrar-se pela ausência de talento. Dir-se-ia que tudo vinha da e era consignado à Grande Modéstia. Palavras comuns para homens comuns. Se tal literatura houvesse de ter algum papel, seria o de cartucho, pardo e comum. Era a época em que os poemas, quando não rimavam, pareciam más traduções (Elsa Triolet, por essa altura, assinalou coisa semelhante em França); quando rimavam, então, nem falar: tinham ão e tinham ar. A palavra *todos* usava-a o poeta como trampolim sobre o qual saltava para a universalidade: *todos* os meninos de *todos* os portos de *todos* os mares, etc.

Na ficção, o nosso talento camuflou-se

ainda melhor, mas houve quem não soubesse levar ao fim a subtil operação e se mostrasse abertamente talentoso, o que foi uma maneira indecente de sê-lo antes de se dever sê-lo ou parecê-lo. Naturalismo, psicologismo — eram dois dos labéus lançados aos calcanhares desses trânsfugas da operação talento-por-ausência-de-talento. Regionalismo, também. Mais raramente, já que essa operação foi toda regional...

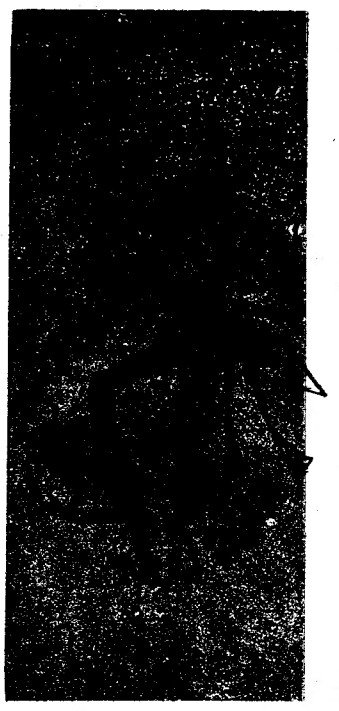
Mas o *altruismo* do nosso talento estava mesmo a pedir uma terceira operação. Urgia salvar as Letras — e, desta vez, também as Artes — do optimismo e do pessimismo e da modéstia e da ourivesaria. Urgia libertar «la folle du logis».

Pelo radicalismo da frase, pela coqueteria do meneio, pelo inesperado do capricho, bem poderíamos baptisar essa terceira operação de *A Francesa*. *A Francesa*, que era durázia e viera com os refugiados, deu para grandes aventuras! Nunca a literatura e a arte estiveram tão bem desorganizadas em Portugal. *A Francesa* escandalizou, indignou, fez rir (o riso alvar da idiotia, o riso rubro da raiva). *A Francesa* foi duma insolência a toda a prova. Só visto! *A Francesa* agrupou, desagrupou, reuniu, cindiu. Separou amigos, juntou inimigos. O diabo, *A Francesa!* Ainda hoje *A Francesa* deixa os adolescentes boquiabertos com o relato sempre (apre!) apaixonado das suas muitas aventuras entre nós. *A Francesa*, que vive retirada mas é objecto da simpatia geral (ou não fora francesa...), mostrou-se — porque não confessá-lo? — como o último grande *altruismo* do nosso egocêntrico talento.

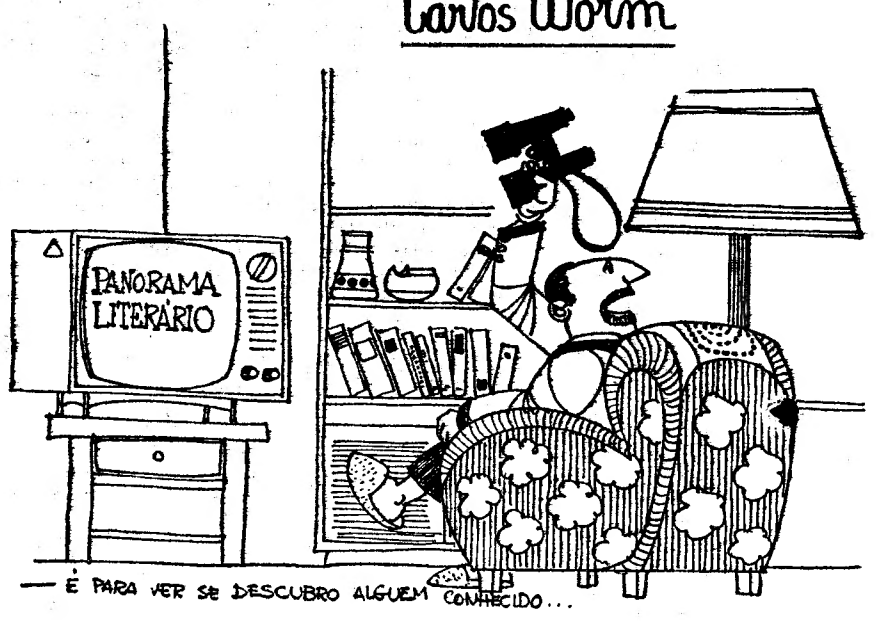
E agora?

Agora talvez seja ainda pior. Na falta de grandes intenções de salvação colectiva das Letras, cada um de nós vai praticando a sua operaçãozinha pessoal de talento-por-aqui-me-sirvo, com o acordo tácito que mantém coesos, neste particular, os sócios do Clube dos Talentosos, que, entretanto, noutros aspectos, se arreganham em convenientes desavenças.

Groucho Marx, o pé que resta do tripé frenético que foram os Irmãos Marx, disse um dia: «*Peço a minha demisão de sócio desta clube porque não posso ser sócio dum clube que me aceita como sócio!*». Incito os meus pais em *engagement*, os meus tios em boa cepa, os meus irmãos em redundância, os meus primos em contenção, os meus parentes-pobres em talento — a demitirem-se, toooodos!, comigo, do Clube dos Talentosos, para, quais outros Groucho Marx, nos sentirmos livres do compromisso de o sermos... Então, poderemos dizer, com muito mais razão que Jacques-o-Sangrador: «A qui bon le talent? A quoi bon?...»



Carlos Worm



NOVIDADES LITERÁRIAS

POESIAS DE MANUEL BANDEIRA
Antologia dos momentos mais altos do genial poeta brasileiro. Selecção e prefácio de Adolfo Casais Monteiro.
Colecção POETAS DE HOJE — XLIV + 242 págs. — 60$00

O DEUS CIUMENTO, de John Braine
A não ser que Vincent renegue a Igreja e a vocação do sacerdócio por Laura, inteligente, terna e bela, como poderá arrostar com o vazio de uma existência frustrada e solitária?
Colecção CONTEMPORÂNEA — 348 págs.—50$00

AS PRODIGIOSAS VITÓRIAS DA PSICOLOGIA MODERNA, por Pierre Daco (I vol.)
Reedição de uma obra notável de divulgação que não exclui o rigor científico, resposta a muitas interrogações que avassalam o homem de hoje. Do índice do 1.º volume salientam-se os seguintes temas:
A fadiga e a depressão — A timidez — A Psicanálise — Os grandes complexos.
Colecção PSICOLOGIA E PEDAGOGIA — 2.ª edição — 360 págs. — 45$00.

MANHÃ SUBMERSA, de Vergílio Ferreira
«**Manhã Submersa** é uma verdadeira experiência da «morte de Deus», pelo menos sob a forma histórica que a vivência religiosa assume na sociedade portuguesa». — **Eduardo Lourenço.**
Série OBRAS DE VERGÍLIO FERREIRA — 3.ª edição — 210 págs. — 40$00.

HEMINGWAY POR ELE PRÓPRIO, de G.-A. Astre
Um belo, apaixonante e profundo estudo sobre a vida exemplar e a obra genial de Hemingway.
Colecção ESCRITORES DE SEMPRE — 190 págs. — 40$00.

HADJI-MURAT, de Tolstoi
Uma obra-prima da novela tolstoiana.
Colecção O LIVRO DE BOLSO — 240 págs. — 20$00

Portugália Editora
AV. DA LIBERDADE, 13 LISBOA

Alberto Ferreira vs. José Régio

(Continuação da 1.ª página)

pertencer à claque (esta graça é de Régio. Ah! Grande Régio, até onde mergulharemos nós?!), pois fora antigo leitor de «O Diabo», um dos tais, entretanto, exclamara para aquele meu camarada:

— Mas que raio entrou nuns tipos, um tal Costa Dias e um tal Alberto Ferreira, que desataram à pancadaria num escritor tão considerado como José Régio? A senhora Dona Natércia é que tem razão! Aquilo não se faz!

— Homessa! Tu tens a certeza de que os ouvidos te não vão ficando preguiçosos? — fiz eu, sucumbido. Exactamente, como um personagem de Eça! A minha cor devia andar próximo da cidra, pois o meu camarada repetiu tudo textualmente. *Mas*, resmunguei, *que tem a ver essa Dona Natércia para o caso? Caramba! Não entendo!* — agravei, decidido a tirar a questão a limpo. E foi então que o meu Amigo me explicou:

— Trata-se do Poeta Natércia Freire!

— Mas, disse eu, cismático, não me lembra de a poetisa Natércia Freire ter intervido na controvérsia... O meu interlocutor entupiu. Sentia-me desorbitado... Meu bom amigo José Régio, as claques já desapareceram. Creio que não há bilhetes à venda ou então a plateia já não sabe claramente quando e a quem deve dar palmas!

Foi, pois, esta história verdadeira que me espevitou. Que me recorde, não agredi José Régio. E se acaso alguém se julga com razões para debitar um tal parecer que mo prove! Torno, portanto, ao nosso tema.

Quem tenha lido o meu artigo «Fogo em volta e... resposta a Régio», verificou, decerto, que entre coisas de menor monta (todas elas ditadas, aliás, pelo gosto de discutir civilizadamente), procurei indicar outras questões que se situam à margem de Camilo e que, segundo me parece, turvam a compreensão do problema literário. Questões metodológicas, de teoria dos valores, do sentido e significação da obra literária, da concepção do mundo do homem. Problemas novos que afectam a antiga visão crítica. Conceitos e categorias abertos a uma nova análise, etc., etc.... Manifestei, ou melhor, patenteei alguns acordos, lembrei que os meus estudos oferecem larga matéria para discussões porventura mais frutuosas, para não dizer «provocativas», como me diz um amigo em correspondência apressada. Lembrava eu, nesse artigo, que havia por lá, por esses estudos, *matéria nova*. Acrescento agora: se Camilo sai julgado sem textos de prova (e não me faltam!) é porque confiei em que os críticos o iriam *reler* à luz de novos critérios, critérios por mim propostos na análise dos *três romantismos* (entre 1834 e 1865): o romantismo de tradição iluminista (Garrett), o romantismo sentimentalista (iniciado em Herculano e imitado, a princípio, por Castilho) e o romantismo social (detectável, sobretudo, a partir das revoluções de 1848 e exemplificado em Antero, logo ampliado por Junqueiro, Gomes Leal, Guilherme de Azevedo). Fui um pouco mais adiante propondo a noção de *código estilístico* e a noção de *camada estilística*, noções, aliás, inspiradas pelos ensinamentos de Roman Jokobson (Essais de Linguistique Générale, *Arguments, Editions de Minuit*). Lá se topa também a noção de *estrutura significativa*, inspirada em Goldmann e afeiçoada, por mim, à nossa realidade literária. Torna-se evidente que o meu projecto de trabalho não consistiu em julgar *uma* obra literária. O trânsito da análise do romantismo enquanto *movimento literário autónomo português* para a análise singularizada permitiu a José Régio tirar certas conclusões, ao que me parece, apressadas, acerca do que eu teria pensado. Trata-se do vulgar salto extrapolativo. Quer dizer: o sujeito que examina um problema situa-o num campo, num domínio, em um determinado nível de indagação e o sujeito que o critica passa, sem mediação lógica, para um outro nível, julgando num plano diferente daquele em que o criticado se colocou. O fenómeno é muito semelhante àquele outro tipo de deturpação que resulta de transferências de valores. Ou seja: um sujeito analisa um texto à luz de *valores políticos* e o examinador julga os juízos daquele mesmo sujeito à luz de *valores estéticos*. Cumpre esclarecer que Camilo é passível de exame crítico em vários níveis, pois se ocupou de política, de religião, de filosofia, de história, de crítica, etc. Donde se poder classificar Camilo de isto ou aquilo (em matéria ideológica) independente de esta ou aquela obra de arte. Com efeito, a disputa sobre o filistismo, por exemplo, não se pode centrar, ùnicamente, na novelística. Cuido que a maior parte da gente sabe que esta minha afirmação é correcta. De onde nunca ter entendido claramente a reacção de Régio. Não me cabe a mim a responsabilidade de ter Camilo sustentado uma polémica não literária com um filósofo como Amorim Viana, incomparàvelmente mais dotado e mais culto do que o autor de «Maria da Fonte», que, por sua vez, como se sabe, pretende ser uma narrativa histórico-política. Refiro-me ao livro sobre «a revolução nacional de 1846», em que Camilo não poderá ser julgado em função de valores especificamente literários. E bem se compreende porquê. Tudo isto, porém, é tão límpido que se me afigura tornarmos à chaminé daquele barco que desce o Tejo, inùtilmente em busca do caminho da India na era da circum-navegação lunar...

> «Quem tenha lido o meu artigo
> «Fogo em volta e resposta a Régio»
> verificou que procurei indicar
> outras questões,
> que turvam o fenómeno literário»
>
> ALBERTO FERREIRA

Adiante então. José Régio, no seu artigo de 25 de Setembro intitulado «Fogo em volta de Camilo», pretende, cuido eu, demonstrar esmagadoramente que sou em absoluto inepto em matéria de gosto literário, incapaz de intuição estética, desprovido de sensibilidade orientada para a valorização artística. Demonstrar? não. Régio, não pretende demonstrar juízos não demonstráveis. Na verdade ele o diz: «o juízo justo não se demonstra». Um pequeno auxílio ao camarada mais velho: prefiro dizer juízo fino, para aceitar a consagrada distincão de Pascal O espírito distingue, não é certo querido Poeta? Não foi isso que sublinhou, falando com o nosso amigo Costa Dias? Então *distingamos* entre justeza e finura... sem falar por enquanto em juízo geométrico. Bom. Citemos a frase típica: «Onde, porém, o juízo de Alberto Ferreira atinge a máxima superficialidade é vendo em Camilo, suponho que a respeito do seu genial dom de comover, o *afloramento dos traços mais degragados do romantismo*».

Creio que não acertou, meu Amigo. Não será ali que o meu juízo atinge a máxima superficialidade... O que não quer dizer que eu a não alcance. De facto é extremamente fácil atingir a superficialidade. Prova-o esta controvérsia cheia de impressões de superfície. Mas que hei-de eu fazer? Enquanto nos não é dado chegar aos órgãos vitais da nossa crítica, fixemo-nos na epiderme... Cabe-me perguntar: teria Régio lido (e o que é *ler?)* o que escrevi a propósito da formação da estética romântica em Portugal? Recorda-se que consagro algumas páginas ao exame da fixação do sentimentalismo e avento a hipótese de ter sido Herculano a fundá-lo, tanto no planto *teórico* como no plano da *prática estética (A Harpa do Crente, O Monge de Gister, O Bobo e Eurico...)*. Recorda-se de ter este seu amigo e admirador proposto a hipótese de a formação, pelos anos quarenta da época oitocentista, de uma linguagem poética peculiar? E que essa linguagem se transforma em código estilístico? Teria, entretanto, entendido Régio que eu condeno em bloco o sentimentalismo, enquanto atitude criativa? Alguma vez afirmei que o sentimentalismo, enquanto condição e atitude, enquanto expressão da afectividade mais funda, é «anacronismo ultrapassado»? O meu caro Poeta não reparou que o meu livro «Diário de Edipo» se insere numa linha continuista do romantismo? Porque iria eu condenar atitude que me é tão cara? Quem disse que Soares de Passos *não é* «um notável poeta»? Não eu, claro está, uma vez que o considero como um dos *inventores* da poesia sentimentalista — e aí ultrapassa o bom Camilo com uma velocidade alucinante.

O que procura insuflar, como hipótese, na nossa distraída história literária, é bem diferente do que o meu caro Poeta, não superficialmente, digo eu agora, pretende que eu pense... O que tentei demonstrar é que certas tendências do romantismo sentimental, algumas linhas de força da sua arte, se amaneiraram, foram levadas depois ao exagero da expressão, formalizaram-se em códigos estilísticos «formalizadíssimos», arruinando o «pateticismo», patente em Herculano e em Garrett, resvalando na pieguice. A autêntica sentimentalidade romântica foi traída, depois de ter sido exagerada pelos seus introdutores (o *Eurico é prova provada...*). Camilo, ao mesmo tempo que artista criador, dotado para a invenção e para a originalidade, «serviu-se» do código sentimentalista com o fito, cuido eu, de agradar aos consumidores. No que Régio se equivoca, em meu entender, é em aceitar, sem reserva, a «corda do riso e das lágrimas». Na verdade, cumpre distinguir, em Camilo, essa corda de nervos vibráteis da «fundazinha» das lágrimas avulsas, fabricadas, banais, artificiosas, postas lá de propósito para comover a mãe de Antero e outras respeitáveis meninas da época — para não citar os cavalheiros barbudos que choravam a bom chorar nas plateias dos teatros, com «O Pobre de Pedir» e «Os Dois Renegados» e os «Amantes Exilados» e «Maria não me Mates!» As gentes não se comoveram apenas com os amores de Simão Botelho, mas também com páginas e páginas de mau gosto, talvez espantilhadas na corda demagógica das lágrimas e de algum riso... pois, se quisermos ter um mínimo de severidade crítica na análise do riso de Camilo, também aí experimentaremos o afloramento do mau gosto. Desigual? Irregular? Já Régio o declarou e eu concordei. Teremos de discordar de Camilo, mesmo no riso, ali onde se não pode equiparar o fácil efeito cómico com a ironia. E ao passar um certificado de garantia para todo o Camilo estamos a deseducar o gosto do povo, não lhe parece?

Revertendo: situei-me, intencionalmente, no terreno onde o meu Amigo parece sentir-se melhor. Não vou, portando mostrar-lhe porque me suponho no direito *crítico* de formar juízos acerca de o autor de *Horas de Paz* que se não vinculam às suas obras de arte — o que não significa que tal se não deva e possa fazer e muito bem. Haja em vista a introdução de Augusto da Costa Dias ao *Roubo das Sabinas, de* Garrett. Porém, como se disse, evito meter a charrua em terreno mole. Isto vai longo, mas gostaria de deixar mais uma pista metodológica. Aí vai: supunhamos que escolho *um* domínio lexicológico *no* fito de analisar a estrutura do sentimentalismo «degradado» em Camilo. Que procuro eu? Destacar algumas unidades funcionais na sua prosa. Separo os elementos constituintes, observo-lhes a função no âmbito da comunicação e da empatia. Este estudo é válido e tem algo de «científico...» Dou um exemplo: procure determinar-se a organização dos sentidos do vocabulário mais típico do ultra-romantismo em Herculano, Castilho, Garrett, Soares de Passos, Mendes Leal, Rebelo da Silva, João de Lemos, José Freire de Serpa, Pinto Ribeiro, etc. Para o caso convirá talvez seleccionar os textos anteriores ao *Anátema* (1851), de Camilo, que Fidelino de Figueiredo considera ilegível (sic). Procure determinar-se o contexto e a função de palavras tais que pranto, lágrimas, luto, saudade, queixume, suspiro, estridor, antro da morte, segredo da morte, segredo da campa, imaginar febril, sombra eterna, lágrimas do pobre, pedra tumular, silêncio da noite, gemido do remorso, negras paredes, sudário, cipestre, ambiente gelado, frémito infernal, frio, hálito, maldição, caveira, penas, virgem, ruinas, choro (piedoso, consolador, triste, convulsivo...), fome, sepultura, desdita, horror, lua, mistério, sombras, espanto, loucura. Uma paragem! Creio que não valerá a pena prosseguir. Já por esta altura todos me compreenderam. Camilo não cria neste domínio. Imita e degrada... Cria em outros domínios. Sobretudo quando não cede ao código estilístico do romantismo sentimentalista. Veremos que António Nobre tem de ver com este tipo de investigações. E o próprio José Régio. Crê, Amigo e Caro Poeta, que na verdade sou insensível aos valores estéticos?

Se esta conversa se não esturrar, como espero, tornarei a estes assuntos... dos quais aliás também me ocupei, como o meu bom Amigo, no *Comércio do Porto*... Mas a gente não lê, não é assim? Porque será que a gente não lê? E o que será, efectivamente, *leitura?*

Camilo: um ponto de partida

GALERIA PANORAMA
acaba de lançar
Brincadeiras perigosas
HAL ELLSON
Uma novela que penetra no assombroso
A venda nas livrarias

RACIONALISMOS, CAUSALIDADE E INDETERMINISMO
pelo Prof. F. PINHO DE ALMEIDA
Reflexões filosóficas sobre a Ciência
A venda nas principais livrarias
DISTRIBUIÇÃO DA ATLANTIDA EDITORA

Novidade literária
CAATINGA E TERRA CAÍDA
por VITORINO NEMÉSIO
Estes cadernos de viagens ao Nordeste e ao Amazonas completam, com um fio romanesco e um impressionismo flagrante de cidades, engenhos e cocais, **O Segredo do Ouro Preto**, que figura bem ao lado do **Guia de Manuel Bandeira**, como **Caatinga e Terra Caída** se pode aproximar dos melhores roteiros amazónicos.
Volume de 360 páginas com ilustrações: 45$00.
Do mesmo autor:
O SEGREDO DO OURO PRETO E OUTROS CAMINHOS
Volume de 384 páginas — Preço: 35$00
LIVRARIA BERTRAND

Gombrowicz

por Júlio Moreira

1 — BIBLIOGRAFIA

WITOLD GOMBROWICZ nasceu na Polónia em 1904, de 1939 a 1963 viveu na Argentina, depois voltou à Europa, recebeu o Prémio Internacional de Literatura. Se a enumeração de dados biográficos é sempre destituída de sentido ou de utilização comprometida, qualquer que seja o autor, para os seus contemporâneos no caso de Gombrowicz essa enumeração acabaria por tornar-se absurda.

Porque, na realidade, eu estava tão indefinido e disperso como no meu sonho. Tinha transposto a inevitável trintena; a dar valor aos meus documentos e à minha aparência eu era um homem maduro. E no entanto não era maduro. Que era então? (Ferdydurk).

Não compreendes que a primeira condição para atingir a maturidade é convencer-se a si próprio que se é maduro? (Fredydurk).

GOMBROWICZ é um homem sem destino, um homem que recusando convencer-se da sua própria maturidade a recusa portanto e se pergunta o que poderá ser, na falta dessa maturidade.

Assim se repete, multiplica, reflecte e divide nos seus personagens. nas situações mais rigorosas que os personagens, na expressão mais rigorosa que as situações, até não ser rigorosamente alguém que caiba numa biografia.

2 — A MAÇA E A MAÇA

Antes de mais nada digam lá: na vossa opinião a maçã camoesa é melhor que a reineta ou pelo contrário a reineta à camoesa?

Recusando-se um destino, como em geral o concebemos passando pela maturidade, Gombrowicz leva-nos a enfrentar sucessivas possibilidades alternativas, obriga-nos a divergências que não pertencem ao domínio da hesitação mas ao da contestação sistemática. Exactamente sistemática, programada portanto mas não exaustiva. Ao nível da situação, do momento vivido directamente, passado (condicionantes) e futuro (consequentes) eliminados, as divergências desaparecem e os factos são pequenas peças compactas e nítidas. É na integração desses factos em contextos que o facto se dá, recusando raízes e ressonâncias, tornando-os realidades absolutas.

Com a nossa habitual exegetomania, ou seja o escrúpulo de explicar tudo o que não podemos destruir ou esquecer (esquecer: destruir a memória de), poderemos recuperar, a partir de pureza original (cristalina) que o Witold pacientemente retirou para nós das galerias de minas que nos percorrem a todos (colectivamente), novos sistemas de causas e efeitos, continuidades e sentidos que assegurem a textura do tempo.

Assim seja. Mas poderemos sempre pôr a questão de uma maçã ou outra maçã. E se não formos parvos comê-las a ambas.

3 — A SÍNTESE E A ANÁLISE

O príncipe dos Sintetistas reconhecido como o mais glorioso de todos os tempos era, sem sombra de dúvida, o Sintetista Superior Philifor. Operava segundo o espírito patético da Síntese Superior, em geral pelo método: soma mais infinito; mas também, eventualmente, pelo método: Produto multiplicado por infinito.

O que foi a perseguição recíproca, o encontro e o duelo fatal entre o Sintetista Superior e o Doctor e Professor de Análise Superior, é o que Gombrowicz nos conta, não só expressamente no citado Fredyburke como implicitamente em grande parte das suas obras. O resultado deste duelo, foi, a longo prazo, a redução de ambos os contendores à condição infantil: *o cúmulo da delícia era para ambos comprar balões vermelhos e correr atrás deles através dos campos e dos bosques — oh! oh! na expectativa do momento em que rebentariam estrondosamente como atingidos por balas invisíveis.*

Síntese e Análise recaem na imaturidade essencial, expressões antagónicas do mesmo infantilismo:

— *Tudo, meu filho, tudo está tomado de infância.*

4 — PORNOGRAFIA

Nem por isso deixa de haver novos e velhos. Todos nós sabemos, da nossa experiência quotidiana, que alguma coisa de comum existe entre os adultos que os distingue dos adolescentes (imaturos) e vice-versa.

A essa diferença chama Grombrowicz pornografia.

Esta definição é dicionário não pertencerá ao autor reivindico a sua responsabilidade mas é esse o sentido que resulta não só da novela «PORNOGRAFIA», título polaco (com grafia e tudo) conservado na edição em língua inglesa, mas na maior parte das suas obras que conheço. A atracção recíproca, e a simultanea incapacidade de comunicação entre os adultos e os adolescentes, *maturos* e *imaturos*, são, no limite, um facto, nada mais que um facto puro, compacto e nítido, sem passado nem futuro.

5 — GOMBROWICZ ESTRURALISTA

A «Quinzaine Litteraire» n.º 27, de Maio de 1967, publica uma entrevista imaginária com Gombrowicz. Aí o autor é apresentado como um percursor do estruturalismo: «*Eu fui estruturalista antes de mais ninguém*».

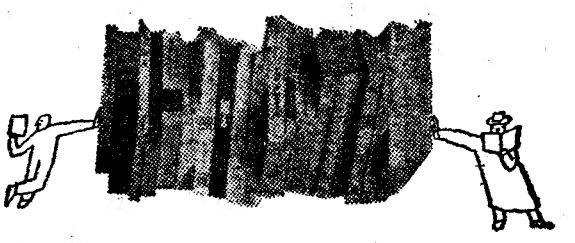
Há, porém, uma diferença importante: *eles* (os estruturalistas) *procuram as suas estruturas na cultura, ou na realidade imediata.*

Esta diferença acaba por representar-se na diferenciação de «forma» e «estrutura»: *Uma «estrutura» estruturalista não é o que eu entendo por forma... (eu entendo por «forma» todas as nossas maneiras de nos manifestarmos, como a palavra, as ideias, os gestos, as decisões, os actos, etc.).*

Para Gombrowicz esta «forma» limita o homem, viola-o, deforma-o. Daí o perigo: «*É preciso ter medo da forma!*»

Oh! poder da Forma! Por ela se destroem as Nações. Ela é a origem das guerras. Ela é a causa que origina entre nós tantas coisas que não vêm de nós.

A «forma», que se identifica aliás, com a «estrutura» da imaturidade, se se representa nas relações entre maturos e imaturos como «pornografia», vem exprimir-se no plano das relações entre adultos como «terrível».



ESCAPARATE

Autores portugueses

Título — Poesias de Manuel Bandeira.
Autor — Selecção e Prefácio de Adolfo Casais Monteiro
Editora — Portugália Editora Lisboa
Colecção — «Poetas de Hoje» — n.º 30
Numero de páginas — 240
Preço — 60$00

Título — Fontes Impressas na Obra de Fernando Pessoa.
Autor — José Galvão
Numero de páginas — 118
Preço — 25$00

Título — Manhã Submersa
Autor — Vergílio Ferreira
Editora — Jortugália Editora — Lisboa
Numero de páginas — 208
Preço — 40$00

Título — Um Tomem Chamado Salazar
Autor — Ápio Garcia
Editora — António Francisco Barata — Lisboa
Numero de páginas — 133
Preço — 30$00

Autores estrangeiros

Título — Hadji-Murat
Autor — Leão Tolstoi
Tradutor — Mota da Costa
Editora — Portugália Editora — Lisboa
Colecção — «O Livro de Bolso» — n.º 103.
Numero de páginas — 239.
Preço — 15$00

Título — Antonioni
Autor — Michelangelo Antonioni e outros.
Tradutor — Carlos Porto e outros
Editora — Publicações Dom Quixote — Lisboa
Colecção — «Cadernos de Cinema» — n.º 1.
Numero de páginas — 178
Preço — 30$00

Título — Contos de O. Henry
Autor — O. Henry.
Tradutor — Eduardo Saló
Editora — Galeria Panorama — Damaia.
Colecção — «Galeria Panorama — Série Contistas, n.º 1
Numero de páginas — 195.
Preço — 40$00

Título — Hemingway por ele próprio
Autor — G. A. Astre
Tradutor — João Gaspar Simões
Editora — Portugália Editora — Lisboa
Colecção — «Escritores de Sempre» — n.º 6
Numero de páginas — 187.
Preço — 40$00

Título — O Deus Ciumento
Autor — John Braine
Tradutor — Fátima Fonseca Ribeiro
Editora — Portugália Editora — Lisboa
Colecção — «Contemporânea» — n.º 109
Numero de páginas — 336
Preço — 50$00

Título — América
Autor — Franz Kafka
Tradutor — Jorge Rosa
Colecção — Dois Mundos
Editora — Livros do Brasil
Número de páginas — 299
Preço — 55$00

Paris — Outono 68

(Continuação da 2.ª página)

sa menos que vagamente. O que ele quer é ir, fugir, ver, correr, sem que nenhum fito determinado o anime. O ter ficado é a consequência natural da sua maneira de ser e de viver. Você encontra-o hoje, como há dez ou vinte anos, sorrateiro, abancado num ponto estratégico do café, à espera que a Mariazinha saia da loja e lhe mostre as pernas.

— Mas para si, como homem e escritor, que sentido teve a emigração?

— A emigração foi, no princípio — há quinze anos — uma escola, a absorção em doses maciças de conhecimentos, ideias e realidades que eu suspeitava existissem. Depois veio a consciência — amarga — de ser estrangeiro, hóspede em casa alheia (o hóspede e o peixe, depois de três dias começam a cheirar, diz-se por aqui) e mesmo que a Holanda seja um dos países mais hospitaleiros — se não o mais — a consciência do facto mantém-se.

— Uma pergunta insidiosa: considera-se neo-realista?

— Não. Aliás, não creio na utilidade ou necessidade de rótulos.

— E que acha da nossa literatura actual?

Espanta-me e entristece-me. Não deve haver exemplo doutro país onde todos os literatos rocem pelo génio — leia as páginas de crítica. Algumas chegam ao lírico. E os gloriosos das letras, se vão a Badajoz, arranjam logo seiscentas páginas de texto. Que os «best-sellers» tirem 2000 exemplares e vendam 500, passe-se por alto. O laureado já tem outra coisa em preparo e isso é que vai ser uma bomba! A crítica acarinha-o, trata-o com a bajulice e os doces que as tias solteironas dão aos sobrinhos quarentões. Fazem correr boatos que vem gente de fora entrevistar o génio — porque em Portugal o estrangeiro é considerado melhor, dá «cachet» e importância. Responda-me você a uma pergunta: quem são os escritores portugueses de projecção universal? Nenhum, claro. Tudo isso, não passa de reputações de tertúlia que não aguentariam o primeiro pontapé que alguém lhes desse; mas ninguém dá — e «eles» sabem-no — a menos que a juventude, ao ter outras coragens, também tenha essa e faça bons bibliotecários dos maus escritores, exigindo melhor arte e menos palmas.

— Uma pergunta estúpida: por que escreve?

— Porque gosto.

— Uma pergunta inevitável: quais os seus planos literários para o futuro?

— Um livro de contos. Um outro sobre a Holanda.

— Uma pergunta íntima: tenciona algum dia regressar a Portugal?

— As visitas regulares a Portugal não são para mim uma volta. Mas com certeza um dia ficarei de vez. Uma época terminou. A mudança do Presidente do Conselho foi para nós um acontecimento tão surpreendente e tão importante que ainda não acordamos do choque. Quais são as perspectivas de futuro? Delas depende, não apenas a minha atitude e futuro, mas a de muitos que como eu prefeririam viver decentemente na terra em que nasceram do que sofrer em terra alheia duma nostalgia que nem sempre é de bom conselho.

Já pensou em ser redactor/a publicitário/a?

INTERESSA-O UMA PROFISSÃO JOVEM E DE VANGUARDA COMO A PUBLICIDADE?

CONSIDERA QUE TEM UMA AMPLA CULTURA VIVA, IMAGINAÇÃO, CAPACIDADE DE SÍNTESE E FACILIDADE EM REDIGIR?

PRECISAMOS DE JOVENS COMO VOCÊ PARA — APÓS O NECESSÁRIO TREINO NA NOSSA AGÊNCIA — PARTICIPAR NA CRIAÇÃO DAS IDEIAS-BASE DAS CAMPANHAS PUBLICITÁRIAS, CONCEBER FILMES, ESCREVER TEXTOS PARA A RÁDIO E PARA A IMPRENSA.

DAMOS-LHE PREFERÊNCIA SE TIVER UM CURSO UNIVERSITÁRIO E SOUBER INGLÊS E — NO CASO DOS CANDIDATOS MASCULINOS — SE ESTIVEREM LIVRES DO SERVIÇO MILITAR.

ENVIE-NOS O SEU CURRICULUM MANUSCRITO, INDICANDO AS RAZÕES DO SEU INTERESSE POR ESTA PROFISSÃO, AO APARTADO N.º 2798 — LISBOA.

«Persona», de Bergman: o jogo na mesa

A cidadela sitiada

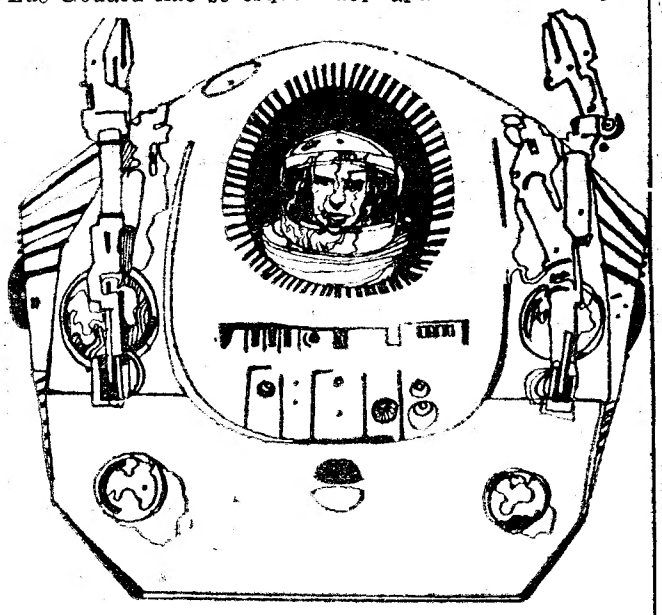
por José Vaz Pereira

O CINEMA parecia morto, quando após a fase eufórica de 45-48, as mulheres começaram a perguntar aos maridos «se o filme daquela noite era a cores». Caso contrário, não valeria a pena sair de casa. A TV, dizia-se, passara a certidão de óbito ao cinema: as salas de projecção estavam ás moscas e iam fechando as portas. Mas foi esta atmosfera de crise que sacudiu o cinema, que o fez abandonar a cidadela isolada e sitiada do seu poderio sonolento para tentar a aventura.

John Houseman, produtor independente de Hollywood, confessava que «era estranho trabalhar para um espectáculo de massas que perdeu o contacto com as mesmas massas e que se recusa a admiti-lo.» Ora, se o cinema perdeu as multidões (e não há arte, desporto ou entretenimento que junto delas não tenha experimentado altos e baixos), não há duvida que ganhou audiências, blocos regulares de assistentes que superam a falta de volume junto das bilheteiras com uma fidelidade que também possui uma tradução económica. A própria arquitectura acompanhou a evolução: desaparecem as salas monumentais, crescem como cogumelos os pequenos cinemas, os estudios de arte, as mini-salas especializadas instaladas, por vezes, num rés-do-chão ou num 1.º andar, escondidas mas triunfantes.

Entrou-se numa fase de filme para minorias. O que certamente não estava previsto é que o filme polémico começaria a atrair uma densidade de publico porventura menos vasta do que os admiradores de Rock Hudson e de «Peyton» «Place» mas numéricamente mais importante e sociològicamente mais representativo do que os grupos heróicos, geralmente ligados aos cineclubes, que iniciaram a viragem decisiva no gosto das plateias. Isto não quer dizer apenas que se vê hoje, duma maneira sistemática, melhor cinema. Significa também que se vê esse cinema mais criticamente, menos digestivamente. A luta pela qualidade pode passar a segundo plano, continua a ser primordial a potencialidade de um autor promover o debate.

Isto trouxe também um certo desrespeito pelas regras, a necessidade constante de renovar e de improvizar, a juventude desmentindo princípios longamente estabelecidos não só de realizar como até (vejam-se os Estados Gerais do Cinema em França) de produzir. Ao contrário do que escrevia Penelope Houston, havia algo de verdadeiramente novo: uma sinceridade que não era resultante duma atitude subjectiva deste ou daquele criador, mas antes uma tomada de posição colectiva. O cinema voltava a ser manifesto e Jean-Luc Godard não se esquecia disso em **«À Bout de Souffle»**.



«2001»: um futuro actual

O desalojamento dos mamutes da industria, encetado no abrir desta década, não se fará, porém, fácilmente. A agonia dos festivais de cinema prova que se os ritos mundanos perdem velocidade, as unidades de choque dirigidas por jovens cineastas não conseguem, por outro lado, impor-se a organizações em que o turismo, os interesses adquiridos e a politica regional desempenham um grande papel. Para essas organizações o cinema em si é letra morta. O que interessa é que os festivais promovam as «suas» cidades.

O facto de os filmes serem cada vez mais caros tem contribuido igualmente para manter uma grande capacidade de decisão dentro do esquema de produção clássico. Mas como autores tipo Penn, Bergman ou Fellini significam êxitos, o investimento na força criadora tornou-se moeda comum e as perspectivas do cinema são hoje inegàvelmente mais empolgantes do que o eram há dez anos. A vasta bibliografia que tem aparecido, destruindo a desconfiança editorial em relação aos filmes, também mostra que o cinema recomeça a estar na ordem do dia.

Mas a barragem dos inconformistas é demasiado desvastadora para que o panorama não fique alterado, a audácia só pode ter como resposta mais audácia: em **Persona** Ingmar Bergman mostra a própria película que se está a projectar; em **La Chinoise** de Godard o operador aparece num enquadramento, manejando a camara e em **Vivre Sa Vie**, o mesmo Godard nega-se ao campo contra-campo.

Paralelamente não existe hoje uma necessidade feroz de «explicar» os filmes assim como não se verifica uma necessidade de «explicar» os quadros. Mais ainda, para que um filme agrade não é necessário ser totalmente explicável, basta-lhe provocar inquietação e possuir personalidade. Os próprios actores são diferentes: comportam-se como seres humanos e não como peões de xadrez dum argumento antecipadamente aprovado por todas as hierarquias da produção. O tempo é diferente: **Petulia**, por exemplo. A construção é diferente: lembremo-nos de **Marimbad**. Os valores também se modificaram: em **Rio Bravo**, o apontamento ganha mais importancia do que a intriga. O futuro pode antecipar-se sem por isso perdermos a noção da contemporaneidade: reveja-se **2001, Odisseia do Espaço.**

Os historiadores terão de visitar as cinematecas durante longas horas: o cinema tem a face do nosso tempo e os mitos são um caso á parte.

Teatro: Alarme

por Carlos Porto

ESCREVO em seis de Novembro. Estamos (devíamos estar) em plena época teatral. Mas quem poderá falar em Teatro perante o que se vê — esta «apagada e vil tristeza»?

A mais importante companhia do nosso Teatro — a do Nacional — não iniciou a sua actividade desta época, não se sabe quando a iniciará nem com quê. Todavia neste momento já deviamos ter na rua — pelo menos — elementos que permitissem ao público estabelecer previsões, documentar-se, discutir, até. Fala-se no «Tango», do polaco Mrozek, fala-se no «Cristo Recrucificado», do grego Kazantzaki. É sintomático da desorientação, da desorganização que definem o nosso Teatro este desconhecimento em que vivemos do que se pretende fazer (já não digo: do que se fará). As culpas são múltiplas e não são todas do complexo teatral, pertencem a um circuito de dificuldades que começa na Imprensa e na sua falta de atenção e acaba no tardio dos apoios e beneplácitos oficiais.

Continuemos: a Companhia do Teatro-Estúdio já iniciou, creio, os ensaios da peça de estreia. No entanto, as dificuldades que esta Companhia tem conhecido não acabaram, longe disso. O subsídio que lhe foi concedido não seria, aliás, suficiente para as necessidades duma temporada que se quisesse positiva e válida. E já não se fala na hipótese de se querer fazer mais do que apresentar os espectáculos regulamentares...

O Teatro Experimental de Cascais leva o «D. Quixote» fora de Lisboa, no que faz muito bem. O seu início de época não deve estar próximo.

No Porto, a situação do TEP — que por um momento representou uma esperança como arrancada para um teatro possível — parece desesperada.

O Teatro Nacional Popular estreou relativamente a tempo e horas, mas pelos vistos da pior (quase) maneira possível.

Eunice Muñoz, Fernando Gusmão, Jacinto Ramos, Maria Barroso, Cármen Dolores, Augusto Figueiredo, Glícia Guartim — onde estão? (Nomes que cito mesmo temendo o esquecimento de outros).

É este o panorama em princípios de Novembro. Não é preciso ser alarmista para tocar o sinal de alarme nem pessimista para temer o pior, se é que o pode haver.

Será que em Portugal o Teatro é impossível? Será que os portugueses se desinteressaram definitivamente do Teatro? Que mistério se esconde por detrás desta negação sistemática a uma actividade que, no entanto, representa no certíssimo lugar-comum o índice do grau de civilização atingido por um povo? Reflexo de civilização, o Teatro é também um seu factor, por isso não pode, não deve deixar de permanecer na charneira das actividades lúdicas de uma sociedade.

Que fazer? Há, em relação à situação do Teatro em Portugal, dois caminhos a seguir, duas tarefas a cumprir simultânea e imediatamente. Uma delas diz respeito ao futuro. Levar o Teatro às escolas e liceus, fazer com que as crianças e jovens das escolas e dos liceus participem numa actividade teatral adequada. Isto é, pratiquem Teatro como quem pratica ginástica. E vice-versa! Apoiar e estimular o teatro universitário e amador. Pôr em prática a já falada reforma do Conservatório, fazendo deste uma autêntica e viva Escola de Teatro. Criar um Conservatório de Teatro no Porto. Convidar professores estrangeiros das várias especialidades enquanto não existirem nacionais à altura. Ajudar à construção de novas salas, simples e funcionais (não esquecendo o D. Maria!). Tudo isto, de forma a garantir a possibilidade da existência desafogada do artista de Teatro. Eis algumas medidas a tomar para que tenhamos num futuro mais ou, menos distante uma actividade teatral digna desse nome.

Reestruturação das Companhias existentes. Chamada dos actores e técnicos que estejam na disponibilidade apesar do seu desejo de trabalhar e apesar da sua indispensabilidade. Convite a outras pessoas, sobretudo jovens, que, mercê de conhecimentos, talento e vocação e mesmo sem prática ou com prática eventual ou amadorística, possam colaborar útilmente no ressurgimento do nosso Teatro, garantindo-lhes desde logo a possibilidade de a ele totalmente se dedicarem. Contrato de encenadores estrangeiros — arejados, sabedores e de hoje — para suprimirem as possíveis faltas. Organização de um Festival de Teatro Amador em que Companhias estrangeiras possam vir mostrar os novos caminhos que o Teatro trilha. E, sobretudo, subsídios às Companhias de forma que os espectáculos possam ser apresentados a preços efectivamente acessíveis; e, sobretudo, confiança no discernimento dos nossos artistas e do nosso público no julgamento de obras adultas e polémicas, na apreensão de novas experiências, de um Teatro que interesse de facto. Obras que falem dos problemas que aqui e em todo o mundo são o sal da vida, e por isso de indispensável conhecimento e debate. Eis o que, salvo melhor opinião, há que fazer para calar este sinal de alarme que, agora e sem ser alarmista, faço soar. No que não estou só.

«D. Quixote» (T. E. C.): espectacular